



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**



Dissertação

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL, EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA E A
AGROECOLOGIA:
uma pesquisa com o projeto ‘Vivências com a terra’**

Diego Sabbado Menezes

Rio Grande, 2013

DIEGO SABBADO MENEZES

Educação Ambiental, Educação Libertária e a Agroecologia:
uma pesquisa com o projeto “Vivências com a terra”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientador: Professor Dr. Gianpaolo Adomilli

Rio Grande, 2013

M543e Menezes, Diego Sabbado
Educação ambiental, educação libertária e a agroecologia : uma
pesquisa com o projeto “Vivências com a terra” / Diego Sabbado
Menezes. - 2013.
162 f.

Dissertação (mestrado em Educação Ambiental) - Universidade
Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação
Ambiental, Rio Grande / RS, 2013.
Orientador: Dr. Gianpaolo Adomilli.

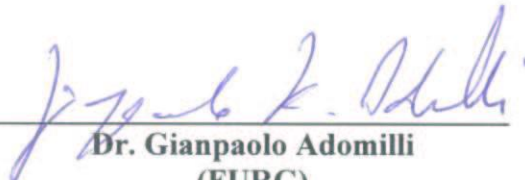
1. Educação ambiental. 2. Educação libertária 3. Agroecologia I.
Adomilli, Gianpaolo II. Título.

CDU: 504:37:631

DIEGO SABBADO MENEZES

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL, LIBERTÁRIA E A
AGROECOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DAS “VIVÊNCIAS
COM A TERRA”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Dr. Gianpaolo Adomilli
(FURG)



Dr. Francisco Quintanilha Veras Neto
(PPGEA/FURG)



Dr^a. Ursula Rosa da Silva
(UFPEL)

Dedicatória

Dedico este trabalho a tod@s que anseiam e lutam pela transformação social e que constroem cotidianamente as relações libertárias que sonhamos.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a minha companheira Juliana e ao nosso filho León, a minha mãe Laís e a minha irmã Victória, pelo amor e carinho dedicados, além das contribuições na construção do projeto, na escrita e revisão deste trabalho.

Ao meu pai Mario, pela preocupação com minha formação e pela sensibilidade na compreensão das minhas ideias e escolhas.

Ao amigo Zé Eli, sempre presente para me apoiar nas dificuldades e para comemorar nos sucessos.

Aos camaradas do projeto “Vivências com a terra”, especialmente: Fábio, Leonardo, Maíra, Alisson, Daniel e Matheus, tão autores quanto eu desta pesquisação.

Às amig@s da Escola Zelly, funcionári@s, professor@s, alun@s e, em especial, à Cledi, por acreditar no potencial transformador do projeto e pela dedicação no seu acompanhamento.

À comunidade do bairro Cidade de Águeda, que me acolheu e contribuiu para a construção desta pesquisação.

Aos colegas, amig@s, professor@s e funcionári@s do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, especialmente os professores Gianpaolo Adomilli e Francisco Quintanilha, pelas grandes contribuições que recebi durante meu trajeto neste Programa.

Às professoras e amigas Ursula Rosa da Silva e Cleusa Peralta Castell, pelas sugestões dadas ao meu projeto de qualificação.

A tod@s amig@s que, de alguma forma, fazem parte desta minha história e que vêm contribuindo na construção do conhecimento e prática agroecológica: Jurema, Diogo, Flávio, Marcus Vinicius e tant@s outr@s.

Por fim e não menos importante, agradeço especialmente, àquel@s com quem tanto aprendi nos últimos dois anos, que construíram e me acompanharam durante este trabalho: Thales, Nicolas, Taiurgui, Jordan, Uilson, Shandra, Bianca, Lázaro e Wesley.

Resumo

Esta pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, pretende discutir a Educação Ambiental, a Educação Libertária e a Agroecologia, a partir da experiência com o projeto de extensão “Vivências com a terra”, na Escola Municipal Zelly Pereira Esmeraldo, na cidade de Rio Grande, durante os anos de 2011 e 2012. O problema motivador da pesquisa é o de compreender as possibilidades e de que maneiras a Educação Ambiental crítica, aliada à Educação Libertária, pode intervir e transformar problemáticas locais específicas através da prática agroecológica, isto é, através da construção e manutenção de uma horta ecológica escolar. Neste sentido, a pesquisa justifica-se pelo esforço em aplicar as metodologias discutidas no desenvolvimento da horta ecológica, despertando através de sua investigação os desafios, problemas e soluções percebidos. Para tanto, acompanhou-se o projeto de extensão “Vivências com a terra”, registrando-se seu cotidiano através de relatos e fotos, analisados e problematizados neste trabalho. Como fruto deste olhar crítico, constrói-se uma articulação das experiências práticas vividas e seus resultados percebidos, com uma dimensão teórico-prática mais ampla, esboçando, assim, um projeto de transformação social que tem como ferramentas a educação ambiental, a educação libertária, a agroecologia, a busca da autonomia e da autogestão.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Educação Libertária e Agroecologia.

Abstract

This action research, developed in the Post-Graduate Program in Environmental Education, in the Federal University of Rio Grande, discusses the Environmental Education, Libertarian Education and Agroecology, from experience with the extension project "Living with the earth", in the Municipal School Zelly Pereira Esmeraldo, in the city of Rio Grande, during the years 2011 and 2012. The problem motivating the research is to understand the possibilities and the ways in which critical Environmental Education, allied with Libertarian Education, may intervene and transform specific local problems through agroecological practice, that is, by constructing and maintaining an ecological vegetable garden in the school. In this sense, the action research is justified by the effort to apply the methodologies discussed in the development of ecological vegetable garden, raising his investigation through the challenges, problems and solutions perceived. To do so, was accompanied the extension project "Living with the Earth", recording their daily lives through accounts and photos, analyzed and problematized in this work. As a result of this critical, builds a articulation of lived experiences and their perceived results, with a theoretical and practical dimension wider, outlining a project of social transformation that has as tools a environmental education, libertarian education, agroecology, the quest for autonomy and self-management.

Key words: Environmental Education; Libertarian Education and Agroecology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da cidade de Rio Grande	23
Figura 2 - Avenida E, Novembro de 2011.....	24
Figura 3 - Imagem de satélite da Escola Zelly Pereira Esmeraldo.....	26
Figura 4 - Acúmulo de lixo no grande terreno situado no meio do bairro.....	28
Figura 5 - Composteira ainda em funcionamento.....	34
Figura 6 - Composteira feita diretamente sobre o solo.....	56
Figura 7 - Primeira horta em formato de mandala.....	59
Figura 8 - Vista de fora da casinha.....	65
Figura 9 - Imagem do interior da casinha.....	66
Figura 10 - Piquenique na beira do lago na FURG.....	72
Figura 11 - Atividade de identificação de espécies com fotos e desenhos.....	74
Figura 12 - Desenho da segunda horta em formato de mandala.....	79
Figura 13 - Atividade de plantio.....	81
Figura 14 - As meninas orgulhosas das mudas produzidas.....	83
Figura 15 - Transplante das mudas produzidas nas salas de aula.....	85
Figura 16 - Espiral de ervas.....	90
Figura 17 - Os guris divertindo-se com os sacos de palha para a cobertura dos canteiros.....	92
Figura 18 - Cenouras abraçadas.....	94
Figura 19 - Sistema agroecológico com horta em mandala e espiral de ervas.....	96
Figura 20 - Integrantes do projeto “Vivências com a terra”	100

Sumário

Considerações iniciais	12
1 Imergindo no universo de pesquisa	15
1.1 Pequeno histórico: de mim ao projeto.....	15
1.2 A Postura Metodológica.....	19
1.3 O projeto de extensão “Vivências com a terra” e o universo em que está inserido: o bairro Cidade de Águeda.....	21
1.3.1 O bairro, a escola, a casa.....	23
2 O debate teórico	37
2.1 A educação ambiental.....	37
2.2 A educação libertária.....	38
2.3 Breve esboço para uma Educação Ambiental Libertária.....	42
2.4 As agriculturas alternativas e a Agroecologia.....	44
2.5 Um breve histórico da Agroecologia no Brasil.....	47
3 As “Vivências com a terra”	51
3.1 A Construção.....	51
3.2 As ações do projeto.....	54
3.2.1 Maio de 2011.....	54
3.2.2 Junho de 2011.....	59
3.2.3 Julho de 2011.....	63
3.2.4 Agosto de 2011.....	64
3.2.4.1 O falar e o fazer: um breve histórico do enredo institucional da bioconstrução e da espontaneidade da “casinha”.....	66
3.2.5 Setembro de 2011.....	68
3.2.6 Outubro de 2011.....	71
3.2.7 Considerações sobre 2011.....	75
3.2.8 O retorno das atividades em 2012.....	76
3.2.9 Março de 2012.....	77
3.2.10 Abril de 2012.....	78
3.2.11 Maio de 2012.....	82
3.2.12 Junho de 2012.....	85
3.2.13 Agosto de 2012.....	85

3.2.14 Setembro de 2012.....	90
3.2.15 Outubro de 2012.....	91
3.2.16 Novembro e Dezembro de 2012.....	93
Considerações Finais.....	97
Referências.....	101
Apêndices.....	104

Considerações Iniciais

O objetivo deste trabalho é problematizar a educação ambiental, tendo como fio condutor a agroecologia, a partir da pesquisa com o projeto de extensão “Vivências com a terra”, nossa fonte de pesquisa de campo, desenvolvido na escola municipal Zelly Pereira Esmeraldo, na cidade de Rio Grande, nos anos 2011 e 2012. Além de analisar a inserção de princípios da agroecologia na escola, busco traçar algumas linhas no sentido propositivo, das possibilidades e desafios referentes à prática da educação ambiental transformadora e libertária, levando em conta as proposta e atividades do projeto, que dizem respeito à educação através da agroecologia, ou de maneira geral, através do contato com a terra. Para aprofundar nesta problematização, utilizo a pesquisa como tática de intervenção e abordagem conceitual, como ferramenta para a compreensão das dinâmicas culturais envolvidas.

No primeiro capítulo, para situar @ leitor@ no universo que mergulharemos, farei antes de qualquer coisa, uma contextualização histórica da minha pessoa, ou seja, como vim parar no projeto “Vivências com a terra” e como busquei articular a minha vivência com as propostas do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da FURG. Quando e por que surgiu este projeto de extensão e por que resolvi me dedicar na problematização deste enquanto pesquisa no mestrado do PPGEA, desenvolvendo assim minha dissertação.

Defino minha postura metodológica, ou seja, de que maneira procedo para desenvolver esta pesquisa? Como se dá a minha participação no projeto e na vida do bairro e como fui definindo os aspectos relevantes à pesquisa a partir dos relatos (diários de campo), da participação observante¹ e outras técnicas de pesquisa.

¹ A participação observante quer dizer que estamos adotando uma postura metodológica que traz para primeiro plano a participação, ou seja, a intervenção d@ pesquisador@ declaradamente interfere no universo em que se insere. E mais além, esta participação vem acompanhada de uma observação sobre o universo, e neste sentido também sobre @ própri@ pesquisador@.

Por fim, neste primeiro capítulo, abordo algumas questões referentes ao universo de pesquisa em que estamos inseridos. Para desenvolver um estudo transversal², necessário para compreender as diversas dimensões envolvidas nos processos que me proponho a pesquisar, navego por várias disciplinas e espaços. Por isso, trato de aspectos referentes ao bairro Cidade de Águeda, onde se situa a escola Zelly. A partir da pesquisa bibliográfica, da vivência no bairro - com as crianças, mães e pais, com o corpo escolar e moradores em geral - desenho um histórico deste local e alguns elementos importantes para uma tentativa de compreensão da vida da comunidade. Tendo como referência as informações dadas pel@s moradores, busco refletir sobre a constituição do bairro Cidade de Águeda e sobre o papel da escola e do projeto na transformação (ou não) da realidade do bairro.

No segundo capítulo, busco criar um debate teórico, envolvendo os principais conceitos da educação ambiental, da educação libertária e da agroecologia. A partir da definição de dois temas principais da pesquisa, educação e ambiente, busco uma fundamentação teórica capaz de dar suporte à multiplicidade de elementos envolvidos na pesquisação. Construo uma fundamentação com a educação ambiental crítica, preocupada com as dimensões naturais, mas também sociais e culturais envolvidas na construção da nossa realidade e os emergentes problemas que transitam nestas dimensões. No que diz respeito à dimensão da educação envolvida neste processo, incluo no debate as teorias e práticas da educação libertária, trazendo seus principais conceitos e práticas, bem como sua relação com a ecologia social. Além disso, trago a agroecologia, a partir de seus estudos e fundamentos básicos, como uma ferramenta capaz de articular as principais questões referentes à educação e ambiente.

As diversas dimensões abarcadas pela agroecologia fazem dela uma proposta prática de educação transversal³, capaz de transitar tanto nas esferas formais de educação, como nas informais, às quais nos deteremos. A educação informal se dá não só fora dos limites físicos da sala de aula, mas escapa do controle exercido por modelos de educação disciplinar, burocrática ou hierárquica. E, especialmente, no contexto do projeto de extensão “Vivências com a terra”, vinculo esta esfera informal aos princípios da permacultura e da agroecologia.

² Gregório Barenblitt (BAREMBLITT, 1992, p. 171) define a transversalidade como: “interpenetração, entrelaçamento, no rizoma (modelo de uma raiz vegetal que não tem membranas celulares nem limites externos precisos), que é imanente à rede social das forças produtivas desejan-tes-instituintes-organizantes.”

³ Interege com diferentes áreas de conhecimento, neste sentido, poderia ser caracterizada como transdisciplinar. Mesmo assim insistimos em não “disciplinar” a proposta, por isso optamos pelo termo *educação transversal*.

Traço um breve histórico da agroecologia no Brasil, incluindo questões referentes à educação da agroecologia. Através destes diálogos pretendo fazer frente às questões atuais referentes à crise socioambiental na qual vivemos, dando ênfase na oposição dos modelos convencionais e alternativos de agricultura e suas relações com a educação.

No terceiro capítulo, o foco será na problematização do projeto de extensão “Vivências com a terra”, levando em conta o processo de construção, as propostas e atividades, e os reflexos e repercussões percebidos. Estes fatores são fundamentais para compararmos com algumas questões referentes à educação ambiental, às práticas pedagógicas e as repercussões da educação pela agroecologia. A prática agroecológica atua como o eixo motivador da prática pedagógica crítica ao modelo capitalista. Este, vem reproduzindo as situações de miséria e erosão - social e ambiental - além da erosão cultural das populações locais afetadas pelo capital e os empreendimentos de larga escala (grandes indústrias navais e petroleiras) que vêm se consolidando como a aposta para o presente e futuro da cidade de Rio Grande.

Para organizar a fonte desta argumentação, utilizo a participação observante, acompanhando semanalmente o projeto, participando como membro ativo do processo. Com o auxílio da participação observante, construí um diário de campo, a partir da escrita dos relatos, ao longo do processo de pesquisa, que será alinhavado e problematizado numa narrativa crítica da minha vivência.

A construção deste relato descritivo, a partir da minha percepção, traz à tona importantes questões a respeito do projeto de extensão: seus desafios assumidos e dimensões de atuação, seus problemas e obstáculos, sua relação com a comunidade, com os saberes populares do bairro, com o contexto municipal da agroecologia e das hortas escolares, com as políticas internacionais de educação e agricultura; ou seja, com fatos cotidianos que constituem um contexto de forte influência das dimensões micro e macropolíticas, tanto do capitalismo quanto das alternativas de resistência libertária. Ao aproximar o corpo conceitual que nos apóia com a experiência vivida, buscamos traçar algumas considerações sobre as possibilidades e desafios da educação ambiental, da educação libertária e da agroecologia.

Porém, tão importante quanto tudo isso, foram minhas conclusões parciais, ou inconclusões, organizadas nas considerações finais, construídas depois destes dois anos de trabalho pesado, de pedaladas, de capinas, de reciclagem dos materiais e nutrientes que encontrávamos no bairro como palha e esterco, das surpresas e indignações cotidianas. Nestas, apresento aquilo que na prática, no meu entender, possui maior valor: diferentes experiências surgidas ou motivadas a partir da nossa intervenção dentro da comunidade.

1 Imergindo no universo de pesquisa

1.1 Pequeno histórico: de mim ao projeto

Fiz minha graduação na UFPel, de 2006 à 2010, em Licenciatura em Filosofia. Durante este período me dediquei a várias pesquisas, estudos e experiências. Particpei do projeto de pesquisa e extensão “Fazendo Filosofia com Arte”, coordenado pela professora Ursula Rosa da Silva, atuando como oficinairo em escolas de educação infantil e ensino fundamental. Particpei, também, desde 2007 do Grupo de AgroEcologia (GAE) da UFPel, onde comecei meu contato com a agroecologia e a educação ambiental. Em paralelo, fui me identificando cada vez mais com o movimento Anarquista e Anarcopunk, que me ensina a viver uma outra proposta de sociedade, fundamentada na emancipação individual e coletiva, na liberdade, na solidariedade e apoio mútuo, na recusa aos valores capitalistas de competição e busca desenfreada por lucro e acúmulo de capital e bens.

A este pequeno resumo histórico, soma-se a relação que fui construindo com a companheira Juliana, motivo principal da minha vinda para a cidade de Rio Grande, para o Parque Guanabara, no Cassino. Logo iniciei um projeto de Capoeira Angola na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dolores Garcia, próxima a nossa casa, de onde surgiram minhas primeiras amizades com a criançada do bairro; além disso, o projeto mantinha minha vontade de propor atividades pedagógicas com crianças. Nesse período, comecei a me dedicar para fazer uma horta. Todo o espaço da nossa casa já era cultivado pela Jurema, mãe da Juliana. Resolvemos ocupar o terreno ao lado da nossa casa, que apelidamos de Pátio Alheio. É um terreno baldio, de 200 m².

Depois disso, fomos intensificando cada vez mais nosso trabalho na volta de casa, (bio)construindo, experimentando práticas de permacultura e agroecologia, buscando fazer a “Revolução de Uma Palha” nas palavras de Masanobu Fukuoka, ou a “Desobediência Civil” nas palavras de Thoreau.

Essa experiência é minha principal referência prática, como um laboratório de observação, por isso não podia deixar de mencioná-la e detalhá-la um pouco mais. Por um

lado vou aprendendo na prática, me dedicando todos os dias a estudar o comportamento, o funcionamento, a dinâmica, tudo o que vai acontecendo nos cultivos. Por outro lado, busco livros e outras experiências de cultivos ecológicos, a partir do pouco material que eu já possuía, principalmente sobre agroecologia. Conheci divers@s agricultor@s ecológic@s e pude aprender muito nestas experiências. Foi nesta busca que encontrei os primeiros materiais sobre Masanobu Fukuoka e em seguida uma versão em espanhol do livro *A Revolução de uma Palha*. A leitura deste livro foi uma revolução na minha maneira de perceber e entender a natureza e as práticas de cultivo. Minha prática na horta passou a ser a busca por um cultivo natural⁴ e fui recebendo algumas das lições que pude compreender a partir da leitura dos livros de Fukuoka.

Durante os trabalhos cotidianos do cultivo, seguidamente alguém me acompanha, e muitas vezes são as crianças. Esta troca de experiência foi despertando a minha curiosidade. Fui percebendo o quanto gostam de mexer na terra. Apesar de quase nunca serem incentivadas, de praticamente não existir espaços de cultivo comunitários ou escolares e poucos cultivos “particulares” aqui na região, elas dão uma grande importância para esta atividade e se demonstram interessadas em trabalhar junto na terra. Ou seja, na educação: na ação e na prática.

Estes acontecimentos resultaram no meu interesse pelas crianças, pela agricultura natural e agroecologia e pelas idéias e práticas anarquistas a respeito da educação e da sociedade. No segundo semestre de 2010 tomei conhecimento do Mestrado em Educação Ambiental na FURG e me inscrevi, com a proposta de pesquisar a educação libertária e a agroecologia, ou seja, as possibilidades de aproximação destas ideias. Apesar de não encontrar uma definição precisa de Educação Ambiental, eu sabia que aquilo que eu estava fazendo era Educação Ambiental.

Assim que ingressei no mestrado, fui estabelecendo contatos com algun@s amig@s antig@s e nov@s para desenvolvermos um projeto coletivo neste sentido. A atividade que temos no Parque Guanabara é completamente informal, pois cultivamos em terrenos

⁴ O método desenvolvido por Masanobu Fukuoka é conhecido como agricultura natural. Portanto, os termos cultivo natural e agricultura natural referem-se especificamente à este método. Seus princípios básicos o fazem distinto de outros métodos de agricultura. Sua principal diferença em relação a métodos orgânicos é a prática de não revirar ou mexer no solo. Outro ponto importante que o diferencia é a visão sobre a ciência. Se por um lado a agroecologia se baseia numa virada epistemológica no centro das ciências, derivada das teorias da complexidade e dos sistemas, ou seja, ela ainda aposta na ciência, não mais na ciência dura, rígida, disciplinar, mas sim numa ciência integrada (holística), transdisciplinar, “humanizada”; já Fukuoka, que inspira-se no budismo, nas agriculturas tradicionais e especialmente na observação dos ciclos naturais, via de maneira mais cética a possibilidade de “conserto” da ciência, apostando muito mais numa agricultura intuitiva e espiritualizada.

ocupados. Por isso não é possível um vínculo institucional com a escola para a execução de um projeto integrado. Em pouco tempo surgiu a proposta do Fábio e da Maíra (estudantes de Geografia) de fazermos um projeto neste sentido na escola Zelly Pereira Esmeraldo, no bairro Cidade de Águeda, onde a mãe da Maíra lecionava e onde a diretora, a professora Cledi, era muito receptiva a este tipo de projeto. Além de a escola possuir um grande pátio - suficiente para experimentarmos diversas práticas agrícolas – está situada no bairro Cidade de Águeda, um bairro da periferia de Rio Grande, onde sabíamos morar pessoas que haviam sido desalojadas durante os processos de expansão e modernização da zona central e portuária da cidade, além de ser relativamente próxima à FURG. Ou seja, o lugar, para nós, já tinha uma veia de resistência.

Marcamos reuniões para juntar todo o pessoal interessado em participar deste projeto de “Permacultura”⁵, como chamávamos. Quando fizemos as primeiras formulações das nossas propostas, envolvemos tudo aquilo que cada um@ tinha e queria trocar. Além de mim estavam: a Juliana, Matheus, Daniel e Carlos (História – FURG); a Maíra e o Fábio (Geografia – FURG); e o Alisson e o Leonardo que não têm vínculo institucional com a FURG. Alguns propuseram as contribuições da permacultura e das agriculturas alternativas, vários de nós nos interessamos pela Capoeira Angola e as questões de sabedorias tradicionais e populares, tudo isso levando em conta nossa discordância com os métodos convencionais de ensino e aprendizagem. Elaboramos, então, um projeto de educação ambiental, envolvendo todos esses interesses nossos e na convicção de que as crianças gostariam de viver esta experiência conosco e mais, que seriam ativas na construção de um saber relevante tanto para elas quanto para nós.

Marcamos um encontro com a professora Cledi na escola e lá combinamos a data de uma reunião convidando toda a comunidade escolar interessada em participar do projeto. Nesta reunião estiveram cerca de 30 pessoas, entre nós, crianças e responsáveis. Conversamos sobre o projeto, expomos as propostas de atividades e esclarecemos algumas dúvidas. Encerramos a reunião tocando os instrumentos da Capoeira que havíamos levado, convidando a tod@s para participarem da festa.

⁵ A ideia de cultura permanente, ou permacultura, que envolve a busca pela autonomia em diversas esferas da vida, surge nos anos 1970, com forte influência da agricultura natural de Fukuoka dos movimentos de contracultura e ainda, de certa maneira, das novas teorias que representavam uma transformação dentro da ciência, como é o caso da teoria dos sistemas, do pensamento complexo, da teoria do caos, da teia da vida e da ecologia de maneira geral. A permacultura busca criar um novo convívio em sociedade que esteja em harmonia com a natureza, buscando tecnologias e soluções de baixo impacto, ou “impacto positivo” social e ambiental e que priorizam os recursos renováveis disponíveis na região em que se vive. Além disso, ressalta a dimensão cultural que permeia não só o que diz respeito à AgriCultura, mas também à cultura humana e a relação entre estas.

Durante a semana seguinte fizemos as inscrições das crianças interessadas em participar. A partir de ponderações da prof^a. Cledi, decidimos limitar o projeto às crianças do terceiro ano em diante. Ao final das inscrições, tinham 105 crianças escritas, divididas nos turnos da manhã e tarde. Percebemos durante as inscrições, que muitas delas achavam que o projeto era “aula de capoeira”, e muitas não estavam interessadas nas atividades da horta, por exemplo. Organizamos toda essa criançada em três turmas para cada turno, num total de seis turmas e nos organizamos no sentido de nos dividir em duplas ou grupos de ação. A ideia era elaborarmos os planejamentos tod@s junt@s em reuniões, e durante a semana cada grupo proporia estas tarefas nas oficinas. A cada reunião nossa, avaliáramos as atividades desenvolvidas, os problemas, conflitos e soluções, e planejaríamos os próximos encontros.

Teoricamente esta é a maneira como nos organizamos, durante boa parte do projeto, porém na prática, muitas vezes tivemos reuniões com pouquíssimas pessoas, outras vezes nem conseguimos fazer as reuniões e no segundo semestre letivo de 2012, acabei ficando praticamente sozinho com o projeto. Além disso, as crianças envolvidas foram diminuindo gradativamente, como nós já esperávamos e, portanto, fomos suprimindo algumas turmas, até ficarmos com uma turma no turno da manhã, com no máximo 15 crianças e uma turma no turno da tarde, de no máximo 30 crianças.

Apesar de termos começado por conta própria, formalizamos a proposta como projeto de extensão vinculado ao COMUF (Comunidades Furg), coordenado pelo professor Jean Baptista (História – FURG) e em seguida enviamos para o MEC na tentativa de conseguirmos um financiamento, que nunca chegou de fato ao projeto. Fomos nos afastando também do COMUF, na minha opinião, por falta de afinidade na metodologia de trabalho. De fato, desenvolvemos quase todo o projeto sem financiamento algum e utilizando as poucas ferramentas disponíveis na escola, no CRAS (Centro de Referências de Assistência Social) que fica ao lado da escola e levando as nossas próprias ferramentas. O mesmo se deu em relação às sementes e mudas. Em novembro de 2011, após muita insistência, recebemos através do COMUF, um carrinho de mão, pá, enxada e poucas ferramentas de jardinagem. O projeto já desenvolveu uma horta em mandala e canteiros retangulares onde produzimos diversas espécies de hortaliças, grãos e outras; espiral de ervas, composteira (que recebe resíduos do refeitório e das casas d@s alun@s), além de ter realizado diversas oficinas de capoeira angola, plantas medicinais, reconhecimento de espécies, mostra de vídeo, debates e piqueniques.

1.2 A Postura Metodológica

A metodologia que utilizo é a pesquisação. Se por um lado compreendo que a pesquisa teórica é fundamental, por outro, entendo ser essencial a ação do pesquisador como interventor ativo junto ao universo de pesquisa. Desse modo, a pesquisa deixa de ser desenvolvida apenas pelo pesquisador, mas é obra de todos os envolvidos nos processos estudados. Neste sentido, tanto aquilo entendido como elogio, quanto o que compreendi como falha ou erro durante o projeto, será uma interpretação sobre minhas ações e de outros inúmeros sujeitos. Portanto, não existe um objeto estudado neste trabalho. Mais que isso, a pesquisação a que me proponho está comprometida com a comunidade estudada, sendo um material de troca de saberes que pôde ou poderá contribuir na compreensão e quem sabe, na resolução dos problemas e conflitos enfrentados. Não me refiro especialmente a este trabalho acadêmico, a este punhado de folhas impressas que muito bem poderão ser queimadas, compostadas por alguém ou pelo tempo; mas às atividades desenvolvidas na escola e no bairro, a vivência cotidiana construtiva, para mim ou para outros sujeitos, que são um dos fundamentos deste estudo. O principal objetivo desta pesquisação é fazer um debate a respeito das questões socioambientais emergentes, incluindo a problemática local específica da comunidade pesquisada, considerando a sua complexidade e a superficialidade da minha compreensão em relação à infinitude de problemáticas que minha experiência e crítica teórica não puderam sequer chegar perto. Mesmo assim considero um trabalho pretensioso e esta pretensão não é fácil de ser concretizada; portanto, é o objetivo que vislumbro, para o qual caminho e no qual enfrento muitos desafios.

Para Michel Thiollent:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

O próprio autor deixa em aberto a questão do valor da ação, e em última análise, da pesquisa-ação. Alguns autores no livro organizado por Alexandre Pedrini sustentam que na América Latina a pesquisa-ação assumiu um caráter de comprometimento com as camadas populares, uma vez que a desigualdade econômica imposta pelos indivíduos e mecanismos dominantes exige uma maior intervenção de alguns setores externos à própria comunidade,

mas sensíveis aos abismos e abusos sociais (PEDRINI, 1998). Porém, como coloca Maria Amélia Santoro Franco: “a direção, o sentido e a intencionalidade dessa transformação serão o eixo da caracterização da abordagem da pesquisa-ação.” (FRANCO, 2005, p. 485). Quer dizer, a pesquisa-ação em linhas gerais aproxima a pesquisa e a ação buscando em última instância uma transformação da prática ou do contexto envolvido. O que não quer dizer que a intenção não possa ser a de beneficiar ainda mais quem já é grandemente beneficiado e submeter ainda mais os já explorados.

A transformação que fiz do termo “pesquisa-ação” em “pesquisação”, suprimindo o hífen e dessa maneira mesclando ainda mais as palavras, se deu por uma questão simbólica, estética e poética, que acredito não ter sido uma criação minha, ainda que não tenha encontrado outro trabalho acadêmico com esta escrita. Ou seja, se a proposta é aproximar a pesquisa e a ação, busquei aproximar mudando também a escrita da metodologia.

Para chegar à narrativa que construí, utilizo de algumas técnicas de pesquisa de campo para facilitar esta aproximação. A partir da participação observante e das notas dos relatos, busco conhecer e traçar um esboço do funcionamento do projeto de extensão, suas formas de organização, as demandas e as relações estabelecidas no interior do projeto. Os relatos são elaborados após cada encontro com o objetivo de descrever os fatos acontecidos, além de registrar as atividades desenvolvidas, como por exemplo, a construção de um canteiro, o plantio de determinada espécie, diálogos e outros acontecimentos. Mas de maneira geral, esta dissertação busca aproximar, descrevendo e problematizando, a prática vivida nestes dois anos (2011-2012) de intenso contato com as crianças e a comunidade escolar e do entorno.

Este material servirá de apoio para problematizar a educação ambiental, e mais precisamente, uma proposta de educação crítica aos modelos convencionais de educação, que tem como principal objetivo o desenvolvimento e a conquista da liberdade e autonomia, individuais e coletivas. Deixo assim bem explícitas as intenções desta pesquisação, que é transformar estas práticas de dominação já cristalizadas, em práticas de autogestão cooperativa e solidária. Estas pretensões são sementes, que para germinar dependem de muitos elementos. Além disso, a complexidade do contexto torna impossível a elaboração de leis ou teses generalizantes; portanto, as discussões de cunho teórico não pairam numa dimensão à parte das experiências vividas nesta pesquisação. Neste sentido, este trabalho também se pretende enquanto ferramenta de auxílio (procurando os erros e acertos) às práticas transformadoras, de resistência, de busca pela autogestão das escolas e comunidades. As dinâmicas culturais, a relação no interior das famílias, os hábitos alimentares e de consumo e as dimensões micro e macro políticas, interagem, transformam e são transformadas pelos

processos educativos. Portanto, as transformações sociais e ambientais radicais não dependem unicamente da educação, mas entendo que não podem acontecer sem as contribuições desta.

Este trabalho crítico a que estou me propondo realizar, de certa forma pode parecer um tanto cômodo. Agora estou aqui bem sentado podendo escrever o que bem entender sobre qualquer coisa que aconteceu nestes dois anos de projeto. Entretanto, esta tarefa se insere neste desafio de aproximação da autogestão. Uma autocrítica séria e determinada é minha melhor forma de avaliar o trabalho. Joguei-me praticamente sozinho nesta ‘última’ tarefa, ainda que acredite que isto seria melhor, se feito coletivamente.

Nas considerações finais apresentarei algumas experiências, que me atrevo a chamar de resultados, mas que se situam numa esfera micropolítica, ou seja, surgiram e foram percebidas pelo meu olhar numa dimensão muito próxima às nossas ações. Quer dizer, através de pessoas com as quais tivemos contatos diretos.

1.3 O projeto de extensão “Vivências com a terra” e o universo em que está inserido: o bairro Cidade de Águeda.

O principal fio condutor do projeto de extensão são as práticas de cultivo e especialmente a partir disso é que surgem as outras propostas de trabalho. A proposta do projeto, desde sua elaboração, não era *ensinar* agroecologia, capoeira angola, ou o que quer que seja às crianças, mas *aprender* tudo isso junto com elas. Não estávamos interessad@s no fim, mas no desenvolvimento do processo, onde surgem as principais questões, contestações e soluções alternativas. Partiu-se do pressuposto que a aprendizagem seria mútua e de que a escola não proporcionava às crianças nada próximo ao que o projeto se propunha, como colocou a diretora Cledi ao demonstrar seu interesse. Quer dizer, nós mesmos não temos muita experiência em cultivos, não somos campesin@s, tampouco temos muita experiência enquanto ‘professor@s’. Também era nossa vontade ganhar mais experiência de prática pedagógica e agroecológica. Soma-se a isso, a simpatia d@s proponentes com a educação libertária e a discordância com os métodos convencionais de ensino e aprendizagem, que ficaram bem explícit@s desde os primeiros encontros de elaboração do projeto.

Nestas reuniões, foram definidos os principais objetivos e propostas que seriam desenvolvidas durante o ano: construção de composteira, horta com diferentes métodos de plantio, brincadeiras que abordassem questões como apoio mútuo e respeito, ou seja, um fazer pedagógico que tratasse o corpo de forma mais livre, como propõe também a capoeira angola,

além da vontade de se realizar algum tipo de bioconstrução. Os principais referenciais do projeto são a agroecologia e a permacultura, além de uma educação ambiental e libertária.

O desenvolvimento da horta é um tema de grande importância. Por se tratar de uma prática de resultados relativamente demorados, as hortas proporcionam atividades durante o ano todo. As diferentes etapas do seu desenvolvimento levantam distintas questões relacionadas com as práticas cotidianas de todas as pessoas, já que envolvem a alimentação, o uso dos recursos naturais, a poluição e envenenamento, a forma como cada um se relaciona com o ambiente em que vive e muito especialmente, a autonomia ou segurança alimentar. Ou seja, os principais temas da educação ambiental estão inevitavelmente presentes numa prática de cultivo agroecológico ou permacultural.

A horta é o fio condutor desse projeto de educação ambiental, por isso chamo a atenção para a educação ambiental pela agroecologia. Quer dizer que os temas que serão levados para discussão e a possível construção de conhecimento passam pela prática agrícola, que além disso, proporciona a produção de alimentos na escola e incentiva @s envolvid@s a desenvolverem a prática hortícola nas suas casas e no bairro.

1.3.1 O bairro, a escola, a casa...



Figura 1 – Mapa da cidade de Rio Grande. Fonte: Google Earth

O bairro em questão é a Cidade de Águeda (vide círculo vermelho na Fig. 1), formado recentemente, a partir de uma ocupação nos anos 1990, para abrigar pessoas que não possuíam moradia e vinham de diversas partes da cidade. As casas são, em geral, de apenas um quarto, construídas em blocos, com um pequeno pátio na frente. As ruas do bairro não são pavimentadas, são de saibro ou areia, levantando uma grande poeira com o passar dos automóveis e, principalmente, dos caminhões e ônibus. No bairro não há tratamento de esgoto e as valas são a céu aberto, na maioria das ruas elas ficam bem em frente às casas. O lixo está espalhado em todo lugar, entulhos e sobras de obra misturam-se ao lixo doméstico de quem simplesmente atira-o em qualquer lugar.



Figura 2 - Avenida E, Novembro de 2011. Fonte: acervo do autor.

No bairro (Fig. 2) existe uma Unidade de Posto de Saúde, o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Zelly Pereira Esmeraldo. Não possui nenhuma área de lazer ou de convívio comunitário. Está situado próximo à BR 392, no trevo dos Carreiros, e aos bairros Castelo Branco I e II e COHAB, a cerca de 3 km do campus Carreiros da Furg e 13 km do centro da cidade de Rio Grande. O CRAS está presente no bairro desde o ano de 2007 e a escola Zelly desde 2004. Segundo sua diretora, Cledi Teles Souza, quando a escola foi fundada, o bairro ainda era bem pequeno, pois não havia recebido ainda todos os moradores cadastrados nos programas de habitação, residentes do primeiro lote das moradias.

O surgimento do bairro está ligado à demanda por habitação. Sua história marcada por lutas e descasos intriga. A falta de estrutura básica em que vive sua população, rendeu à Prefeitura Municipal de Rio Grande a declaração por parte da Relatoria Nacional do Direito a Moradia Adequada e Terra Urbana, da Plataforma Brasileira dos Direitos Humanos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais (DhESCA) ligada a Organização das Nações Unidas (ONU), de que a cidade possui as piores moradias populares do país (ROCHA, 2010).

Além da Cledi, que trabalha ali desde a fundação da escola em 2004, mantive contato com duas famílias e alguns outros moradores, que são minhas principais referências na Cidade de Águeda. Quando saí para a pesquisa de campo, em busca de informações históricas a respeito do bairro, procurei a associação dos moradores. Por indicação da Cledi, fui à casa

do Elton, o presidente da associação e lá fiquei sabendo que a associação não possuía sede e que as reuniões, quando aconteciam, ocorriam em diferentes locais disponíveis. Através da indicação da família do Elton, conheci o Luiz, que era vice-presidente da associação e a sua família. A filha do Luiz, a Luiza, participava do projeto no turno da tarde, seu pai havia participado da primeira reunião do projeto e conheciam as propostas e atividades. Além destas duas famílias, entrei em contato com o Moacir quando estive procurando no bairro moradores que possuíssem pequenas hortas, já que uma das propostas do projeto de extensão era a de trocar experiências e conhecimentos com a comunidade local.

Estive algumas vezes nas casas dessas pessoas conversando com elas, não com o intuito de colher dados e informações à minha pesquisa, senão para conhecê-las melhor e ao bairro onde vivem, trocar experiências e incentivá-las a participarem do projeto de alguma forma. Nosso desconhecimento da formação e da vida do bairro ficou evidente quando comparamos as informações prévias que possuíamos com as informações que fomos adquirindo no convívio com a comunidade e nas pesquisas.

Alguns trabalhos já tiveram como foco o bairro Cidade de Águeda (MACHADO, 2011; PINHO, 2004; ROCHA, 2010; SILVA, 2005) e foram uma grande contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa, pois apresentam diferentes olhares sobre a história do lugar. O contexto da primeira ocupação do bairro remonta a década de 1990, quando o Brasil passava por um período de aumento do desemprego, o que se refletia na cidade de Rio Grande. Como aponta Rocha, somente entre os anos de 1985 e 1998, caiu em quase oito mil o número de postos de trabalho na cidade. Dessa forma, as famílias que viviam de aluguel e foram afetadas pelo desemprego eram obrigadas a procurar novas moradias. Surge, então, inúmeras ocupações na cidade, assim como a presença forte do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN), que em 1989 organizou a ocupação da Vila Dom Bosquinho (SILVA, 2005). Em 1993 começa a ocupação do bairro Cidade de Águeda, que em 2003 recebeu um loteamento de moradias populares, sendo o primeiro bairro contemplado pelo financiamento do Plano de Subsídio de Habitação de Interesse Social (PSH) do projeto do Ministério das Cidades aderido pela Prefeitura em conjunto com a Caixa Econômica Federal (CEF).

Entre 1993 e 2003, o bairro não recebeu nenhuma atenção da Prefeitura do Rio Grande, apesar da insistência dos moradores. Neste período, não havia abastecimento de água ou luz, tratamento de esgoto, recolhimento do lixo, pavimentação das ruas, espaço de lazer e situado em uma área de banhado alagadiça, principalmente durante o inverno. Somente com a construção dos primeiros lotes de moradia popular é que alguns dos serviços básicos passaram a ser oferecidos. Segundo Rocha:

Dentre as promessas do Executivo à época, estava a criação de um galpão comunitário para aqueles que trabalhavam como catadores de lixo e também da construção de uma horta comunitária. A horta chegou a ser implantada no ano de 2003, porém este projeto não teve uma continuidade e em seguida foi desativado (Mendonça da Silva, 2005. p. 24) e o galpão comunitário até hoje não foi construído (ROCHA, 2010, p. 41).

Em 2004, surge a escola Zelly Pereira Esmeraldo (Fig. 3), que teve como diretora a professora de artes Cledi até o fim de 2011, que acompanhou boa parte da segunda etapa de desenvolvimento do bairro, ou seja, a partir da construção do loteamento de moradias populares, bem como do desenvolvimento da própria escola, que mais do que dobrou seu tamanho desde sua fundação. Em 2006, é inaugurado o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e em 2007, o Posto de Saúde. Apesar de ter surgido após o início do loteamento, esta demanda já fazia parte das lutas dos primeiros moradores do bairro, que durante mais de dez anos, precisavam deslocar-se aos outros bairros para ir à escola ou ao posto de saúde. A escola, portanto, é um espaço freqüentado, em sua maioria, pel@s morador@s do Águeda.

A escola iniciou com apenas 5 salas de aula, atendendo crianças até a 4ª série. Desde então, foi gradualmente aumentando e hoje possui 452 alunos, desde a educação infantil até o 9º ano.



Figura 3 - Imagem de satélite da Escola Zelly Pereira Esmeraldo. Na parte superior à direita, pode-se perceber o desenho circular da horta mandala. Fonte: Google Earth em 04 ago. 2012.

Segundo Cledi, a relação com a comunidade sempre foi boa, mas no início alguns moradores agiam como “don@s da escola” e logo foram se habituando à metodologia de trabalho. Hoje a diretora considera que as famílias das crianças são bem participativas, uma vez que sempre estão presentes nas reuniões. Por se tratar de um bairro pequeno e de uma escola também pequena, existe uma relação um pouco mais próxima entre o corpo escolar e as famílias. Pelas ruas do Águeda pode-se perceber o grande número de crianças que transitam sozinhas, o que confirmamos durante o projeto. Em geral, quem leva as crianças menores são os irmãos mais velh@s, ou elas vão sozinhas. O fato de a escola não possuir grades ou muros, tornava o pátio um local de constante trânsito. Mesmo durante o projeto, recebíamos a visita de outras crianças que não participavam formalmente. No fim do ano de 2011 foi finalizada a construção do muro em volta de toda a escola, fechando, portanto, a horta dentro dos limites físicos da escola.

Grande parte d@s alun@s possui algum irmão ou irmã que também estuda na escola. Ressalto isso para relacionar o cotidiano escolar com a vida das crianças. As casas do bairro, quando entregues pela prefeitura, possuíam apenas um quarto, uma sala/cozinha, um banheiro e um pequeno pátio, em terrenos de 120m². Apesar de possuírem apenas um quarto, grande parte das famílias possui mais de um filho, já que o número de filhos é um critério importante para a obtenção de uma moradia popular. Simone, moradora do bairro, mãe de três filh@s, sendo uma estudante da escola, relatou o caso de uma vizinha que possuía oito filh@s e não teve condições de continuar morando com toda a família, na pequena casa do loteamento. Relatou também sua própria dificuldade em garantir conforto aos três filh@s num espaço tão reduzido.

O péssimo serviço de transporte coletivo, aliado ao seu alto preço, impossibilita muitas famílias de chegarem ao centro ou a bairros mais distantes, negando-lhes o acesso à cultura, uma vez que no bairro inexistem espaços dedicados ao lazer e cultura. Com o atual preço do transporte (R\$ 2,60 a passagem), uma família de quatro pessoas gastaria R\$ 20,80 para se deslocar do bairro e voltar. Além disso, a distância de 13km entre o bairro e o centro praticamente impossibilitou a permanência das pessoas que trabalhavam com reciclagem de materiais. Segundo a Simone, quando vieram para o Águeda os moradores da Vila Dom Bosquinho, grande parte destes recicladores, passaram a reciclar os materiais do próprio bairro, tendo em vista a distância que teriam de percorrer com as carroças para chegar ao centro. Neste período não se viam garrafas pet, latas e outros materiais jogados pelo chão. Porém estes moradores foram deixando suas casas, negociando por valores simbólicos ou

mesmo doando as residências, que além da distância, não possuíam espaço físico para armazenar os materiais reciclados.

O que se percebe conversando com morador@s do Águeda é que estão descontentes e indignados com a situação vivida no bairro (Fig. 4), ainda que algumas melhorias tenham ocorrido desde 1993. As ruas permanecem sem calçamento, os caminhões de coleta de lixo raramente passam, não existe tratamento de esgoto e as valas continuam a céu aberto. O transporte coletivo é ruim e caro. Não existe escola de Ensino Médio, tampouco espaços de vivência comunitária, lazer e cultura. Dessa forma, os moradores resistentes, muit@s por não terem outra alternativa, seguem exigindo da prefeitura os serviços básicos negligenciados.



Figura 4 - Acúmulo de lixo no grande terreno situado no meio do bairro. Fonte: acervo do autor. Nov. 2011.

Uma das estratégias de luta por melhores condições de vida poderia ser a associação d@s morador@s do bairro. Luiz, que foi vice-presidente durante vários anos e agora está se afastando, comentou a dificuldade que a associação sempre enfrentou na sua relação com a prefeitura. Ou seja, as reivindicações dos moradores não são levadas em conta e com isso, segundo ele, @s outr@s morador@s do bairro passaram a cobrar cada vez mais uma providência por parte da associação. @s outr@s moradores não participavam da associação, das reuniões e organização das demandas do bairro, mas cobravam por soluções dos seus problemas pessoais, ou seja, manutenção de canos de esgoto, rachadura nas casas etc. Por

outro lado, ele e o Elton gastavam seu tempo organizando as reivindicações e ainda dinheiro, já que precisavam utilizar o transporte coletivo para se locomover até o centro nas reuniões com a prefeitura, além das fotocópias dos documentos necessários, tudo com recursos próprios.

Quando estive conversando com Luiz, este comentou-me que estava se afastando da associação, já que não ganhava nada, os pedidos à prefeitura não eram atendidos e @s morador@s, seus vizinh@s, lhe cobravam soluções como se isto fosse tarefa individual sua, e não o fruto de uma mobilização coletiva. Portanto, não existe uma organização comunitária coesa, fruto da união d@s moradores, mas poucas pessoas que individualmente buscam soluções aos problemas enfrentados. O fato de ser um bairro recente e com sérios problemas relacionados aos serviços básicos, em que @s morador@s vieram de diversos locais (como a família do Elton que veio do bairro Trevo, a do Luiz que veio do Parque São Pedro ou o Moacir que veio do interior de Canguçu), torna a mobilização coletiva ainda mais complicada, uma vez que @s moradores se conhecem a pouco tempo e tampouco dispõem de um espaço para aprofundar suas relações.

O estigma de bairro pobre, sujo e violento é constantemente vinculado à Cidade de Águeda. Como aponta Susan Machado, ao analisar as reportagens do Jornal Agora que mencionam o Águeda:

Acredita-se que em relação a isso, a ênfase dada ao jornal aos casos policiais envolvendo algumas pessoas do lugar, gerou uma generalização da opinião pública, que culminou com falsos juízos em relação aos residentes do bairro, pois de certo os infratores são em número reduzido comparado ao total de moradores que trabalham honestamente, como em qualquer outro bairro do município (MACHADO, 2011, s/ p.).

Se por um lado o estigma parece forjado, por outro, a realidade é dura. Não figuram constantemente nos jornais os problemas enfrentados pela população do bairro, o descaso, e por que não, a violência sofrida diariamente por aquelas pessoas que não recebem o mínimo das condições a que os órgãos estatais se comprometem em oferecer.

As crianças também sofrem com estes estereótipos, mas tanto pior são as violências. Se morar com mais dois, três ou sete irm@s numa casa de apenas um cômodo não é violência suficiente, elas são as que mais sofrem com a falta de opção e espaço de lazer e cultura. É difícil perceber os reflexos do contexto em que vivem na personalidade ou atitudes de cada um@ durante as atividades do projeto, mas existem situações gritantes em que a violência chega muito próxima.

Uma grande contradição que se percebe é o fato da Cidade de Águeda ser bem próxima ao Campus Carreiros da FURG. O Campus é projetado de forma que de dentro, não se possa ver os bairros que o cercam. Quando se sai, seja pelo lado da Vila Maria, seja pelos fundos, no Bairro Castelo Branco, entra-se na realidade dos bairros de periferia de Rio Grande. Chegamos a comentar algumas vezes que precisávamos buscar borra de café, jogada pelos bares atrás do Centro de Convivência da FURG, pois a borra é um repelente natural às formigas. Um dia as crianças propuseram que fôssemos até a FURG para buscar. Esta invisibilidade que as comunidades estão submetidas, especialmente estas do entorno da universidade, representa um grande obstáculo à “democratização” do ensino superior. A FURG, por sua vez, trata como problema de “segurança” sua proximidade com os bairros, negando assim sua condição periférica, já que esta diz respeito mais às condições sociais e econômicas da população, do que a distância do centro econômico da cidade.

Desde o princípio do projeto, conversamos com a diretora Cledi a respeito da liberdade que gostaríamos de ter para circular com as crianças pelo bairro, já que isso seria inevitável, uma vez que nossa proposta é a de trabalhar com reciclagem e aproveitamento dos recursos provenientes da própria região. A Cledi nos falou que as crianças já tinham essa liberdade, e que se prestássemos atenção, veríamos que geralmente elas vão sozinhas à escola e também andam pelas ruas. Obviamente que para um passeio mais longo, precisaríamos da autorização dos pais.

Neste dia que as crianças propuseram uma ida à FURG, tod@s presentes moravam perto da escola e, antes de irem, o pessoal passou em cada casa avisando os responsáveis. Matheus me relatou essa visita. Segundo ele, as crianças estavam bem curiosas e apesar de já conhecerem o campus, nunca haviam entrado nos prédios. Como a borra de café estava atrás do Centro de Convivência, aproveitaram para conhecer o local. Depois que saíram e pegaram a borra, uma das crianças perguntou: “Mas todo mundo na FURG é riquinho?”. E o Matheus respondeu dizendo que eles mesmos, por exemplo, não eram riquinhos. Ao que as crianças falaram que lá no C.C., parecia que só tinha riquinho.

Apesar das crianças adorarem irem à FURG, já que quando fazemos piquenique el@s sempre propõem irmos para o lago, não se vêem como possíveis estudantes da universidade. Quando perguntamos se querem ir à Universidade, não agora ali visitar, mas um dia estudar lá, quase tod@s não têm essa “pretensão” ou mesmo não sabem o que se faz exatamente lá. Este abismo que existe entre a universidade e @s marginalizad@s deste processo, ilustra o enorme desafio que se coloca às instituições de ensino superior, que deveriam tomar como

prioridade a supressão desta distância, uma vez que são estas comunidades que, não só mantêm as universidades públicas, como deveriam ser a razão da existência das mesmas.

O fato de verem a FURG como um lugar de riquinhos, mesmo que seja uma opinião pré-formulada, talvez por influência da família ou não, reflete o quanto ela não faz parte da comunidade. Ainda que existam estudos, pesquisas e projetos, a comunidade não se sente presente, quer dizer, colocam de forma bem explícita a distância que existe, não só criada pelas cercas vivas de pinheiros ao redor do campus, mas pela (não)atuação ou presença da Universidade na comunidade, ou da comunidade na Universidade. Diz respeito a uma distância que existe entre a população pobre e o Ensino Superior, que vem se constituindo como espaço elitista, em que a pessoa de origem humilde, quando chega, é considerada vencedora. Enquanto que para as elites econômicas, é um caminho “natural”, uma vez que dispõem do acesso a uma educação que melhor prepara @s alun@s dentro dos critérios exigidos para o ingresso. Portanto, a Universidade pública deveria estar de acordo com os interesses e demandas da população em geral e, principalmente, das pessoas marginalizadas dos processos de decisão política, ao invés de ser mais um instrumento que garante os interesses da classe dominante.

Na turma da manhã do projeto, desde o começo participou uma menina, já adolescente. Nesta turma, formada por aproximadamente quinze crianças, ela era a única menina. Tod@s possuíam entre 12 e 15 anos. Ela participava ativamente, contribuía não só com sua presença e disposição, mas com muitas ideias e sugestões para o desenvolvimento do projeto, como os piqueniques que passamos a fazer e alguns passeios para observação de campo: de plantas indicadoras, ervas medicinais etc. Seguidamente esta menina contava alguns episódios de sua vida familiar para um de nós. Uma das vezes comentou que talvez tivesse que sair do projeto, pois acreditava estar grávida (o que não se confirmou e ela prosseguiu nas atividades). Mesmo assim, este comentário gerou inúmeros questionamentos, a respeito da forma como deveríamos lidar com isso e de maneira geral, a forma como deveríamos tratar as questões de sexualidade envolvidas no projeto. O surgimento destes conflitos, ilustram a complexidade que assume um projeto que se pretende transdisciplinar, já que todos estes dilemas devem ser problematizados.

Noutra vez, soubemos menos ainda lidar com a notícia que ela nos trouxe. Segundo ela, seu padrasto havia violentado sua irmã menor e ela chegou mesmo a ligar para o Matheus, que ofereceu abrigo para elas na casa de sua mãe. Esta situação gerou intensas conversas entre nós, que de fato não sabíamos como “resolver”. Temíamos que este homem fizesse algum tipo de retaliação ou violência com a própria menina, já que ele continuou

morando na mesma casa. A menina violentada, irmã menor daquela que participa do projeto, foi morar em outro local, com uma avó. Esta foi a única atitude tomada pela mãe das meninas, que continuou abrigando o homem e nada mais foi feito.

Esta menina falava seguidamente que iria desistir da escola e que 2011 seria seu último ano. Conversei com ela algumas vezes sobre isso e sobre a importância de estudar, incentivando-a a procurar aquilo que ela gostava, a perceber o quanto ela poderia aprender se continuasse estudando. Acredito que a escola não é a melhor opção para a formação de pessoas livres. A metodologia da escola, digo aqui a escola pública em geral (que é o foco desta pesquisa), baseia-se numa relação de mando e obediência. São estabelecidas relações unilaterais, em que @s adult@s são inquestionáveis. Porém, a escola também pode ser um espaço de ruptura, de ocupação de uma estrutura arcaica e conservadora, para sua transformação num lugar que semeia, talvez em terras estéreis, a autonomia e a liberdade. Por essa possibilidade que se abre tento vislumbrar o projeto “Vivências com a terra”, como uma tentativa de transformação. Eu temia mais o futuro caso ela desistisse, do que se prosseguisse.

Depois das férias de julho de 2011 até o final do ano, a menina não voltou para o projeto. Conversei com ela, quando esta me falou que sua mãe estava trabalhando no horário do almoço e que era ela agora que tinha de fazer o almoço. Por vezes ela apareceu rapidamente no projeto, cedo da manhã, e logo voltava para sua tarefa em casa. Na verdade não soubemos lidar com esta situação, não pensamos em nenhuma solução e tampouco agimos para reverter. Mesmo assim seguimos em contato com ela. Em 2012 ela retornou ao projeto e participou de alguns encontros.

A responsabilidade que vamos assumindo é muito grande ao procurar estabelecer relações profundas, de troca de experiências e conhecimentos. Qualquer envolvimento com as crianças é também um envolvimento com suas famílias, com uma rede em que se multiplicam, mesmo numa escala micropolítica, as repercussões das propostas e resultados das nossas ações. Tratarei destas questões de forma mais aprofundada no capítulo sobre o projeto.

Quando o projeto começou a ser formulado, nos questionávamos sobre a sua repercussão para além dos limites da escola. Levando em conta as possibilidades de desenvolvimento da permacultura nos espaços urbanos e nas soluções simples que poderiam lidar com diversos problemas explícitos do bairro, vislumbrávamos inúmeras formas de aproximação e, acima de tudo, da nossa contribuição para aquela comunidade, uma vez que já nos proporcionavam um espaço de vivência aberto para receber a permacultura. Nas diversas alternativas de tratamento de esgoto, por exemplo, a permacultura oferece técnicas simples,

como os banheiros secos e círculos de bananeiras. Os banheiros secos são uma forma de tratamento dos resíduos sólidos, que além de não contaminar a água, produzem - a partir do processo de compostagem - um excelente adubo para horta. Tanto uma técnica como a outra experimentamos na nossa casa: um banheiro seco com caixa de compostagem separada e um círculo de bananeiras, para onde é destinada a água das pias, que é absorvida pelas bananeiras e retorna à atmosfera através da evapotranspiração, ou seja, pela evaporação a partir da água acumulada nas folhas, caules etc. ou pela transpiração, processo em que a planta libera água.

Em geral, não se discute publicamente as questões referentes aos esgotos, entendendo como funciona o processo de produção, tratamento e destinação do esgoto tratado. Primeiramente, somos adestrados a considerar toda a água que vai para algum ralo como esgoto. A água usada na lavagem da louça, a água do banho e também a água dos vasos sanitários, tem todas o mesmo destino. Isso porque o Estado tem o “dever” de garantir saneamento básico à população e quando isto acontece, a melhor opção ofertada são as Estações de Tratamento de Efluentes, nada mais que tanques gigantes de “compostagem”. Separam a água dos resíduos sólidos e tratam cada um separadamente, aplicando produtos como cloro e flúor, por exemplo. Por fim, despejam os resíduos com um teor aceitável de poluição conforme a legislação. Ou seja, não é feita nenhuma mágica, a água não sai “limpa” novamente para nossas torneiras. Isso resulta num desperdício imenso de água doce.

Outro fator importante referente a essa questão, é que o resíduo industrial passa despercebido, como se os resíduos de uma empresa de fertilizantes (como as que existem aqui em Rio Grande) fossem como a água que vai pelo nosso ralo durante o banho. O monopólio e manipulação da discussão e da efetivação do tratamento do esgoto, mais que uma alternativa para lidar com os problemas sanitários decorrentes da forma como se trata as fezes, por exemplo, distancia os indivíduos de lidarem com seus problemas e soluções. Neste sentido, os círculos de bananeiras, que são uma forma de tratar a água cinza (da pia, do chuveiro, tanque) e os banheiros secos e composteiras, que tratam dos dejetos sólidos (respectivamente: fezes e sobras orgânicas da cozinha), são alternativas simples, baratas e eficientes de tratamento dos resíduos.

A ideia, portanto, era desenvolver na escola alguns modelos de alternativas, mostrando a eficiência e simplicidade das técnicas. O banheiro seco não é um dos objetivos do projeto, já que necessitaria de uma preparação muito maior com as crianças da escola toda, uma vez que lida com os dejetos humanos sólidos e há que se ter muito cuidado em relação à propagação de doenças. Um dos fatores que influencia diretamente no bom desempenho do banheiro seco é a qualidade da alimentação, isto é, quanto melhor é a alimentação e mais saudável é a

pessoa, melhor será o tratamento das fezes e de melhor qualidade será o composto. Desse modo, seria necessário desenvolver um cuidado sobre todo o ciclo de vida de quem usa o banheiro, em relação a alimentação, higiene e saúde, o que demandaria um projeto articulado com a escola e as famílias muito mais complexo, que não temos condições de lidar.

Por tudo isso, a composteira, que trata dos resíduos orgânicos, das sobras da cozinha, foi uma das primeiras construções do projeto Vivências. É usada tanto para os resíduos do refeitório da escola, quanto para os resíduos das casas das crianças interessadas. Além das crianças do projeto - que construíram e mantêm a composteira - passamos nas salas de aula para explicar o funcionamento e incentivar seu uso, como uma forma de contribuir com a horta, já que é produzido húmus de excelente qualidade. Várias crianças aderiram e trazem de suas casas os resíduos da cozinha, como cascas de frutas, legumes e erva-mate. Esta experiência ainda está restrita ao ambiente da escola, o que mostra a pequena relação que estamos estabelecendo com o bairro em geral.



Figura 5 - Composteira ainda em funcionamento. Fonte: Acervo do autor. Mai. 2012.

Ainda assim, vale mencionar a importante contribuição de uma vizinha da escola. Atrás do pátio onde está localizada a horta, na rua que passa nos fundos, vive uma mulher que possui alguns canteiros de ervas e hortaliças e uma composteira, onde germinam diversas espécies arbóreas, como mamão, abacate, entre outras. Foi ela quem tomou a iniciativa de nos procurar quando viu que estávamos começando a cultivar, oferecendo-nos algumas mudas que possuía. Por cultivar num espaço pequeno, seguidamente ela nos dá mudas produzidas em sua casa, que já não comporta mais espécies arbóreas. Ela ainda nos mostrou diversas árvores que havia plantado e que cuidava espalhadas pela rua, além de demonstrar a importância que

dá para a arborização no que diz respeito a uma melhor qualidade de vida. Além da troca de mudas, estabelecemos uma troca de saberes, uma vez que ela possui o conhecimento de quem vem cultivando, mesmo que em pequena escala, há vários anos naquele local.

Este tipo de conhecimento muito nos interessa, principalmente porque existem características particulares de cada terreno que muitas vezes caracterizam um microclima. Isso quer dizer que aquelas pessoas que vêm cultivando em determinado local há anos, conhecem as especificidades do solo, do clima, as principais pragas presentes, as plantas indicadoras e etc. Neste sentido, o estabelecimento de um vínculo maior com a comunidade do entorno é essencial para o desenvolvimento do projeto. Muitos erros podem ser evitados a partir da troca de informações e experiências, porém, para tanto, é necessário que exista uma relação de mútua confiança, que só se solidifica com o tempo.

Em novembro de 2011, saí de bicicleta pelas ruas do bairro à procura de pequenas hortas e morador@s do bairro que desenvolvessem seus métodos de cultivo. Parei em frente a uma casa que possuía uma horta com diversas espécies de plantas medicinais consorciadas com hortaliças. Quem cuidava era o Moacir. Conteí-lhe sobre minha intenção de conhecer morador@s que plantassem em casa e sobre o projeto que estávamos desenvolvendo. Expliqueí-lhe que nossa intenção era trocar experiências e aproximar estas pessoas do projeto, como uma maneira de valorizar o conhecimento que já existia dentro do próprio bairro e que talvez as crianças não tivessem contato. Ele demonstrou-se muito interessado com a proposta e contou-me que aquele canteiro era só um pequeno jardim que cuidava na casa de sua sogra, mas que possuía uma horta maior em sua casa e convidou-me para conhecê-la.

Fui até lá com ele e fiz uma visita guiada pela horta do Moacir. O espaço era pequeno, vale lembrar que se trata de um pátio de uma habitação da Cidade de Águeda, que já caracterizei anteriormente. Mesmo assim, o que vi pode ser caracterizado como um quintal agroflorestal, dada a complexidade do sistema elaborado pelo Moacir, consorciando diversas espécies arbóreas (bananeira, amoreira, goiabeira) com outras espécies hortícolas como: abóbora, pepino, cenoura, beterraba, salsa, couve, alface e ainda ervas medicinais. Elogiei a horta, sua beleza e complexidade, ao que Moacir me respondeu: “É, mas sou um verdadeiro sem terra”. Natural da zona rural de Canguçu, veio para Rio Grande, segundo ele, “porque a vida me trouxe para cá”. Trabalha na construção civil e todos os dias, no final da tarde, resgata o laço que o liga ao campo trabalhando na sua horta.

Estes poucos contatos que fizemos no bairro foram suficientes para perceber a riqueza de conhecimento que lá existe. Um dos grandes desafios que se coloca ao projeto é o de

aproximar essas pessoas, de criar uma rede de troca de saberes, experiências, mudas, sementes, trabalho, ou seja, de valorizar a comunidade. Neste sentido, a escola, que muitas vezes se caracteriza como o espaço de saber formal, como um espaço fechado em si mesmo, restrito ao conhecimento científico-acadêmico, onde se estabelecem relações unilaterais de ensino e aprendizagem, de hierarquia e meritocracia, pode vir a ser um espaço de fomento de um impulso crítico, autônomo, transformador da realidade social em que está inserida, especialmente quando a comunidade também assume esta responsabilidade.

2 O debate teórico

Para o aprofundamento nas questões envolvidas no projeto “Vivências com a terra”, busco uma fundamentação das discussões de duas grandes áreas: educação e ambiente. No que diz respeito à educação, o diálogo teórico se dará a partir das recentes pesquisas em educação ambiental, trazendo suas bases e fundamentos, e em textos que tratam da educação libertária. A tentativa de aproximação destas duas percepções possibilita a emergência de uma fundamentação da educação ambiental libertária, aproximando os questionamentos, propostas e desafios. No que diz respeito às discussões ambientais, meu foco será nas abordagens contemporâneas das pesquisas em educação ambiental, mas ainda em bibliografias mais específicas que tratam de agroecologia e agriculturas alternativas, relacionando-as com a educação. No tocante às referências bibliográficas da educação libertária, tratarei de suas bases teóricas e algumas experiências práticas relatadas, bem como das recentes pesquisas em desenvolvimento sobre educação libertária e suas atuais possibilidades.

2.1 A educação ambiental

A educação ambiental, segundo Isabel Carvalho, “é parte do movimento ecológico. Surge da preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações” (CARVALHO, 2006, p. 51). Genebaldo Freire Dias, ainda que trace um panorama das ideias ambientais desde a Grécia Antiga, coloca um marco no Encontro de Belgrado de 1976, “onde foram formulados os princípios e orientações para um programa internacional de EA” (DIAS, 1992, p. 22). A educação ambiental é um campo recente de pesquisa, incentivada internacionalmente a partir dos encontros dos anos 1970. Sua tarefa seria a de educar para sensibilizar as pessoas em relação aos problemas ambientais, fortemente denunciados pelo movimento ambientalista, principalmente a partir dos anos 1960 (LOUREIRO, 2006). Se por um lado, como colocam Isabel Carvalho e Carlos Loureiro, a educação ambiental surge das mobilizações do movimento ambientalista, por outro, seus

marcos - situados nas conferências internacionais das Nações Unidas - expressavam políticas voltadas para o desenvolvimento sustentável, pautado pela Nova Ordem Econômica Mundial (DIAS, 1992, p. 59 e CARVALHO, 2006, p. 51). Neste sentido, a principal resposta dos Estados aos desafios levantados pelo movimento ambientalista foi a proposta de reformulação política para uma economia verde.

A insuficiência deste modelo de “desenvolvimento sustentável” e “economia verde” em lidar com a problemática socioambiental é fortemente apontada pel@s pesquisador@s de abordagem crítica, que denunciam o capitalismo integrado, ou globalizado, como o motor da degradação socioambiental. A proposta de ruptura e transformação social permanece na educação ambiental crítica, que absorve e discute categorias marxistas, pacifistas, humanistas e anarquistas (LOUREIRO, 2006, p. 17). Entretanto, as categorias e as possíveis contribuições anarquistas parecem negligenciadas ou pouco discutidas na bibliografia sobre educação ambiental consultada. As abordagens anarquistas da ecologia e da educação ambiental são apenas mencionadas, como é o caso ao se tratar sobre autores como Proudhon ou Murray Bookchin, e pouco aprofundadas. A desvalorização acadêmica, reflexo também da predominância do pensamento marxista dentro da “esquerda” (quando este termo tinha um significado mais bem definido, em geral designando o conjunto de teorias e práticas que buscavam uma transformação alternativa ao capitalismo), e a repressão estatal aos movimentos libertários (tanto nos países comunistas quanto nos capitalistas), no decorrer do século XX, manteve o pensamento libertário sufocado, esquecido ou deturpado.

2.2 A educação libertária

A emergência de uma sociedade mais justa, mais democrática, mais equitativa, é a meta comum deste conjunto de pensamentos contrários ao modelo capitalista de desenvolvimento sustentável. Ainda que se reconheça a importância da democracia representativa, como aponta Luce Fabbri, quando comparada aos períodos de ditadura militar da América Latina, por exemplo, @s anarquistas vão além e propõem a autogestão (RAGO, 2001). As recentes pesquisas na área de gestão dos recursos naturais vêm apontando a autogestão como importante ferramenta para lidar com as problemáticas socioambientais. Uma democracia mais participativa vem sendo a principal reivindicação dos movimentos sociais, e cada vez mais são desenvolvidas práticas horizontais e cooperativas de organização, que surgem como uma alternativa para @s marginalizad@s. As ideias de transformação da

relação no interior da sociedade, e entre ela e a natureza (propondo a não distinção entre estas), a autonomia pessoal e a descentralização das tomadas de decisão política são alguns pontos importantes de convergência entre o pensamento e as práticas libertárias e os pensamentos e práticas ambientalistas críticos, bem como da educação ambiental crítica.

Esta convergência é expressa por Murray Bookchin quando afirma que

Si algo me han enseñado mis cincuenta años de vida es que, em primer lugar el mundo cambió profundamente desde la época histórica del movimiento obrero; em segundo, que el Anarquismo no es solo um cuerpo de ideas, uma ideología 'congelada', definida de una vez por todas por sus dizque 'fundadores' sino ante todo um movimiento social que toma su vida en la acción real de las personas; y por último, que debemos buscar las raíces del anarquismo en las tradiciones específicas de cada Pueblo, y no en las ideas inventadas en las academias e impuestas por el peso de culturas completamente diferentes o por otras situaciones sociales (BOOKCHIN, 1984, s/p).

A ecologia social proposta pelo autor, insere o anarquismo novamente no debate da problemática ambiental, compreendida agora como derivada, em certo sentido, da problemática social. Esta concepção integrada das problemáticas fez parte das pesquisas de dois importantes anarquistas que desde o século XIX apontavam a necessidade da transformação para uma sociedade que priorizasse a emancipação individual, a solidariedade e a auto-organização, Piotr Kropotkin e Élisée Reclus. Cito estes dois em especial, por integrarem de maneira explícita e objetiva a preocupação ambiental à problemática social apontada pelo anarquismo em geral. No livro 'Apoio Mútuo', Kropotkin faz uma pesquisa sobre as experiências de ajuda mútua em plantas, animais e em diversos contextos da história da humanidade, como em Atenas, nas comunas medievais e em experiências da Nova Inglaterra e em Paris em 1793, dentre outras (KROPOTKIN, 1989). Nesta obra, Kropotkin já expressava sua recusa à ideia do fisiólogo e darwinista Huxley de que a evolução se dava através da luta pela existência. Coincidência ou não, Genebaldo Freire Dias, um autor reconhecido na área da Educação Ambiental, considera Huxley um dos primeiros educadores ambientais.

Kropotkin atacava a ideia difundida desde as pesquisas de Darwin, conhecida como 'darwinismo social', que foi formulada por cientistas sociais que aplicavam às sociedades humanas a tese de que o indivíduo mais adaptado ao ambiente é aquele que sobrevive. A tese de Kropotkin era a de que a ajuda mútua entre indivíduos de uma mesma espécie é tão importante para a sobrevivência quanto a competição entre espécies diferentes. Élisée Reclus, geógrafo anarquista e estudioso de Kropotkin, desenvolveu vastas pesquisas, como a Nova Geografia Universal, com 19 volumes, e O Homem e a Terra, obra composta por 6 volumes.

Nesta última, Reclus denunciava a exploração animal, o desaparecimento de diversas espécies como resultado da intervenção antrópica de domesticação e destruição dos habitats. Desta forma, a raiz dos problemas sociais e ambientais é uma só: o estabelecimento de relações de opressão, de mando e obediência, de hierarquias.

A caça às “garças-reais”, bem mais do que as jazidas de ouro, tal foi a razão dos conflitos diplomáticos suscitados entre a Grã-Bretanha, a Venezuela e o Brasil ao final do século XIX. Falava-se solenemente do direito das pessoas, de precedentes históricos e deveres internacionais, mas na realidade, tratava-se só dos lucros a serem obtidos pelos especuladores de tal ou qual país com a captura anual de duzentas ou trezentas mil garças-reais (RECLUS, 2010, p. 17).

Tanto Kropotkin quando Reclus dedicaram-se às pesquisas sobre a educação e sua importância como ferramenta de transformação individual e social. De Proudhon à Sílvio Gallo, foram muitas as preocupações anarquistas diante da educação.

O extraordinário do anarquismo é também o fato de não ter, em sentido filosófico e cultural, um pai (como por exemplo, o marxismo), mas de nutrir a evolução do próprio pensamento com múltiplas partes provenientes das histórias, das culturas, das diversas sensibilidades (CODELLO, 2007, p. 76).

No primeiro momento, a preocupação era com a grande camada de trabalhadores analfabetos sem possibilidades de adquirir instrução, incluindo as crianças, que nas camadas populares, também eram trabalhadoras. A educação hegemônica era de cunho religioso e unicamente para aristocratas e burgueses, por isso @s anarquistas propunham a educação racionalista, científica, independente dos dogmas religiosos e interesses estatais. Atualmente, @s anarquistas criticam a educação pública enquanto ferramenta de manutenção dos interesses estatais, que representa em última instância, os interesses da classe dominante, bem como a educação privada, de princípios liberais (por exemplo, o movimento da Escola Nova), que por trás da ideia de liberdade (de mercado), é carregada dos princípios de competição e no fim, serve como instrumento de instrução daqueles que podem pagar por ela. Por isso, propõem que as escolas sejam geridas pelas próprias comunidades, verdadeiras interessadas na sua educação.

No Brasil, a partir do início do século XX, diversas experiências de Escolas Modernas funcionaram (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre), inspiradas principalmente nas propostas da Escola Moderna e de Francisco Ferrer i Guardia, anarquista fuzilado em 1909 pelo governo espanhol pela incitação da rebelião nos jovens (PASSETTI, 2008). Estas propostas surgiram para proporcionar uma educação integral e atividades culturais aos trabalhadores e trabalhadoras brasileiro@s. Entretanto, quase todas as experiências anarquistas

em educação acabaram falhando após inúmeras repressões, incluindo assassinatos, como é o caso de Ferrer i Guardia.

Regina Jomini, em seu livro “Uma educação para a solidariedade”, faz um levantamento das experiências libertárias em educação na Primeira República, período de grande influência anarquista no movimento operário brasileiro.

As realizações educacionais no Brasil aconteceram concomitantemente à atuação libertária nas diversas manifestações do movimento operário. Isto porque, como se viu, os libertários entendiam que seu papel consistia em fomentar a ação das massas despertando-as para as injustiças sofridas pelos trabalhadores e indicando a possibilidade de construção da sociedade ácrata (JOMINI, 1990, p. 56-57).

A pedagogia (ou educação) libertária, idéia e prática desenvolvida por individu@s preocupad@s com a utilização da escola e da educação como instrumento de reprodução dos interesses do Estado e do Capitalismo, vê na educação uma importante ferramenta de transformação. Por isso, dedica-se à construção da autonomia e liberdade, incentivando as comunidades a autogerirem seus processos educativos.

As creches, escolas, colégios estatais ou privados, seminários, recolhimentos provisórios, internatos, cursos rápidos de alfabetização e universidades são, neste ponto de vista, os locais onde se efetivam o ensino (ou adestramento) dos valores e padrões hegemônicos. E mais do que isso, é onde o exercício da autoridade é previamente estabelecido. A educação antes de ser importante é obrigatória. Mas é obrigatória no seu sentido formal, o Estado cuida para que tod@s sejam obrigad@s a entrar nas fileiras das escolas, qualificando-as como modelo de desenvolvimento humano (físico, moral e intelectual).

A educação libertária é uma proposta de educação relacionada aos princípios anarquistas de autonomia – nós mesm@s somos capazes de pensar, decidir e fazer o que é melhor para nós - e autogestão, ou seja, somos capazes de produzir nossos saberes e garantir nossa sobrevivência através do apoio mútuo e do exercício do autogoverno. O grande desafio desde o princípio desta proposta anarquista está bem evidente: como podemos nos libertar dos gessos impostos pelo Capitalismo Mundial Integrado, e como, nas nossas vivências, vamos praticar a educação e a vida libertárias, uma vez que estamos imersos num contexto muitas vezes oposto ao sonhado?

Surgiu como forma de resistir e subverter o modelo de educação (estatal ou privado) que tem como alicerce a hierarquização e a heteronomia (oposto à autonomia). Hierarquização e heteronomia nos saberes e poderes, uma vez que a regra geral da atual

educação hegemônica continua sendo: “saber é poder”, ou seja, é a educação (reprodutora do saber) que nos possibilita ou possibilitará ter (exercer) o poder. Portanto, a educação libertária se constitui como “um dos mecanismos de luta para superar as condições de exploração que sustentam essa sociedade, sendo uma delas o próprio saber” (GALLO, 1995).

Enquanto a educação tradicional busca “ordenar o caos” imposto pela dissolução dos códigos através de um reforço no processo de subjetivação, esforçando-se cada vez mais para criar um panorama lógico-ideológico, no qual cada indivíduo pode reconhecer-se como sujeito, a educação anarquista deve, ao contrário, auxiliar no processo de dissolução e, longe de impor uma “sobrecodificação” – para fazer uso do conceito de Deleuze e Guattari – agindo no sentido de criar um referencial para o re-conhecimento subjetivo, vai agir no sentido mesmo da dissolução, buscando “desaprender aquilo que somos” mais do que “descobrir o que somos” (GALLO, 1995, p. 216).

Assim como Luce Fabri apontava alguns avanços importantes da democracia, quando comparada aos regimes totalitaristas e ditatoriais, ressaltamos os avanços da educação pública nos últimos anos no Brasil, especialmente no que diz respeito à educação básica e ao aumento da possibilidade de acesso à universidade pelas camadas populares ou historicamente marginalizadas (negras e indígenas). Se o atual modelo não é o sonhado, menos ainda são os modelos militares ou neoliberais de gestão da educação. Neste sentido, podemos dizer que ‘desaprendemos’ um pouco.

2.3 Breve esboço para uma Educação Ambiental Libertária

Desaprender parece ser a ideia da EA, quando propõe a revisão dos valores contemporâneos:

Aqui, juntamente com um projeto educativo, delinea-se uma ética ecológica que se posiciona contra o imperativo dos benefícios imediatos, calcados na racionalidade instrumental e utilitarista, fundamento do padrão de acumulação da sociedade de consumo (CARVALHO, 2006, p. 106).

Ou seja, aquilo que vem sendo ensinado, não é mais aquilo que desejamos. E aquilo que desejamos deve ser aquilo que fazemos: nosso exemplo educa. Desse modo, a aproximação entre educação ambiental e libertária parece não só possível, mas ainda uma importante contribuição de uma à outra: a análise e a busca da transformação das relações de poder nas esferas micro e macropolíticas da educação, em diálogo com a análise e a busca da

transformação na maneira de entender e agir em relação aos sistemas sócio-ecológicos e suas problemáticas urgentes.

As problemáticas sócio-ecológicas são amplas e diversas. “Estamos cortando árvores mais rápido do que elas podem rebrotar, convertendo pastagens nativas em desertos por excesso de carga animal, sobreexplorando os aquíferos e secando os rios” (WEID, 2009). “Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração.” (GUATTARI, 1990). Abordando, portanto, de maneira ampla e diversa, estamos diante de uma problemática que diz respeito ao modo de vida, à ética e aos valores contemporâneos. De uma maneira mais específica, alguns questionamentos são mais pontuais e dizem respeito a atividades da vida (humana, animal, cósmica) e suas relações e influências no todo. As pesquisas desenvolvidas na área da Ecologia e a teoria conhecida como pensamento complexo ou ainda teoria dos sistemas, são uma importante metodologia de abordagem que propõe a integração das disciplinas (GARCÍA, 1994). Esta integração vai além da simples soma das partes, pois entende o todo levando em conta também a relação entre cada elemento e sua importância no funcionamento do sistema. Guattari utiliza o conceito de Capitalismo Mundial Integrado para definir a questão da Mundialização financeira do capital amparada pelo sistema bancário conectado 24 horas por dia pelas redes conectivas que sustentam o *hot money* dos fluxos financeiros das principais bolsas (GUATTARI, 1990). Ou seja, precisamos de uma visão integrada para compreendermos e lidarmos com as problemáticas integradas.

A concepção básica de que a humanidade deve dominar e explorar a natureza provém da dominação e exploração do homem pelo homem. Na verdade, esta concepção vem de tempos remotos em que o homem começou a dominar e explorar as mulheres dentro da família patriarcal. Desde essa altura os seres humanos foram olhados, cada vez mais, como meros recursos, como objetos em vez de sujeitos. As hierarquias, classes, sistemas de propriedade e instituições políticas que emergiram com o domínio social foram transferidas conceitualmente para a relação entre a humanidade e a natureza. Esta, também, foi cada vez mais olhada como mero recurso, um objeto, uma matéria bruta a ser explorada tão implacavelmente como escravos em um latifúndio (BOOKCHIN, 2010, p. 160-161).

Neste sentido, a educação ambiental libertária assume um papel importantíssimo no questionamento e reconhecimento da crise socioambiental, mantida e agravada pelas concepções conformistas e ingênuas assumidas pelo projeto de desenvolvimento sustentável do capitalismo. Além do olhar crítico diante da negação da estreita relação entre as questões sociais e as ambientais, a educação ambiental libertária precisa dar ênfase na criação, multiplicação e difusão de experiências alternativas concretas.

2.4 As agriculturas alternativas e a agroecologia

No âmbito das agriculturas alternativas, a agricultura natural desenvolvida por Masanobu Fukuoka a partir da primeira metade do século XX no Japão, traz de maneira não científica uma visão complexa dos problemas relativos à agricultura e, portanto, ambientais. Para Fukuoka, o problema era que as pessoas tornavam-se cada vez mais incapazes de perceber o todo, ou seja, de compreender a agricultura como uma atividade associada e integrada aos problemas de educação e saúde humana, animal e ambiental. Fukuoka via de maneira muito negativa a interferência da ciência moderna na agricultura tradicional, percebendo, já nos primórdios do século XX suas possíveis conseqüências. Os problemas apontados por Fukuoka já no início da implantação das políticas da Revolução Verde são hoje as causas do surgimento dos inúmeros movimentos em prol das agriculturas alternativas, ou seja, práticas agrícolas alternativas ao modelo científico-industrial da agricultura e da gestão dos recursos naturais. Expressava estas questões principalmente através de metáforas:

Quando os galhos crescem de acordo com sua forma natural, se estendem alternativamente ao redor do tronco e recebem uniformemente a luz solar. Se se rompe essa seqüência os galhos entram em conflito, se colocam uns por cima dos outros, se enredam, as folhas murcham nos lugares que o sol não pode penetrar. Isto dá origem aos danos dos insetos. Se a árvore não se poda no ano seguinte aparecem mais galhos secos.

Os seres humanos com seu intrometimento fazem algo equivocado, deixam o dano sem remediar, e quando se acumulam os resultados adversos trabalham com toda sua alma para corrigi-los.

Quando as ações corretivas parecem ter êxito, então consideram estas medidas como esplêndidos sucessos. As pessoas fazem isso uma e outra vez. É como se um louco pulasse sobre seu telhado para consertar o dano, alegrando-se no final por ter conseguido um remédio milagroso.

Passa o mesmo com o cientista. Lê livros dia e noite, forçando seus olhos e convertendo-se em míope, se perguntas em quê estava trabalhando todo o tempo, vê que era para converter-se no inventor das lentes corretoras da miopia (FUKUOKA, 1978, s/p.).

Disse, ainda, que:

A discriminação, o entendimento incompleto e fragmentado, sempre se encontra no ponto de partida do conhecimento humano. Incapaz de conhecer a totalidade da natureza, as pessoas só podem criar um modelo incompleto dela e então têm a ilusão de terem criado algo natural. Tudo o que alguém deve fazer para conhecer a natureza é dar-se conta de que realmente não sabe nada, de que é incapaz de conhecer algo (FUKUOKA, 1978, s/p.).

Apesar de bem mais radical, estas conclusões de Fukuoka surgem de certa maneira na teoria dos sistemas complexos, que inclui as incertezas e a não-linearidade no âmbito do conhecimento científico.

Eu creio que uma das razões é que o mundo se tem especializado tanto que se tornou impossível para as pessoas compreender nada em sua totalidade. Por exemplo, um especialista em prevenção de danos por insetos do Centro de Ensaio da prefeitura de Kochi veio a questionar por que haviam tão poucas cicadelas do arroz em meus campos apesar de não ter usado inseticidas.

Depois de investigar o habitat, o equilíbrio entre os insetos e seus inimigos naturais, a velocidade de propagação das aranhas, etc, se encontrou que as cicadelas eram tão escassas em meus campos como nos do Centro, que haviam sido tratados inúmeras vezes com uma grande variedade de produtos químicos mortíferos.

Também se surpreendeu o professor de encontrar que enquanto eram escassos os insetos daninhos, seus predadores eram mais numerosos em meus campos do que nos campos tratados com pesticidas. Então sua mente se iluminou e viu que os campos se mantinham neste estado por meio de um equilíbrio natural estabelecido entre as várias comunidades de insetos.

Ele reconheceu que se meu método se adotasse globalmente, poderia resolver-se o problema de devastação das colheitas por causa das cicadelas. Em seguida entrou em seu carro e voltou a Kochi (FUKUOKA, 1978, s/p.).

David Holmgren, um dos fundadores da Permacultura, que conviveu e aprendeu com Fukuoka, vai aproximar um pouco mais esta tradição da agricultura natural com as teorias contemporâneas da complexidade e das metodologias interdisciplinares, ainda que de maneira pouco ‘científica’ (no sentido cartesiano do termo). Ainda assim, no seu texto ‘Os fundamentos da Permacultura’ situa na ecologia dos sistemas, uma das bases científicas da Permacultura.

É a partir do conceito de transdisciplinariedade, como uma maneira de abordar a complexidade dos problemas em questão, que são construídos os pressupostos epistemológicos desta pesquisa. Dessa maneira, as propostas agroecológicas surgem como expressão da visão integradora de educação, cultura, agricultura e ecologia. A agroecologia inclui então a dimensão da prática de uma agricultura “alternativa” nas outras dimensões discutidas, ou o inverso, inclui na agricultura as dimensões transformadoras da ecologia social, da teoria dos sistemas, dos princípios de autonomia e auto-organização. A agroecologia vem sendo definida de diversas maneiras:

Em alguns contextos, será identificada como uma disciplina científica (ou campo de conhecimento), que tem como objetivo *a aplicação de princípios ecológicos ao desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis* (Gliessman, 1997). O enfoque agroecológico tem sido traduzido, também como o *manejo ecológico dos recursos naturais, através de formas de ação coletiva, para o estabelecimento de sistemas de controle participativo e democrático no âmbito da produção e da circulação* (Guzmán, 2003). Vem sendo definido, ainda, como a *abordagem de gestão produtiva dos recursos naturais mais apropriada para o alcance da*

sustentabilidade da produção familiar (ENA, 2002). Em outros momentos, a *Agroecologia é vista como um novo modo de vida rural, capaz de conjugar valores, qualidade de vida, trabalho, renda, democracia, emancipação política, em um mesmo processo* (PÁDUA, p. 7) ou, ainda, *como uma ferramenta de resistência dos camponeses e camponesas na proposição de outro projeto de agricultura* (MMC, Brasil, s/d) (SCHMITT & TYGEL, 2009, p. 111, grifo nosso).

A agroecologia, ou de maneira mais ampla, as agriculturas alternativas, se opõe ao modelo convencional de agricultura, que tomou força com a Revolução Verde a partir da década de 1970 e que ficou conhecida como agricultura industrial, convencional, imperialista ou ainda agronegócio, fortemente amparado pelo aparato institucional do Estado brasileiro (ALVES, CORRIJO, CANDIOTTO, 2008; PETERSEN, 2009; DEL PRIORE, 2006). Este modelo convencional de agricultura beneficia as grandes propriedades de terra, empresas multinacionais e latifundiários, é altamente dependente de insumos químicos, é predominantemente monocultora (no verão soja ou milho, no inverno trigo), e tem como justificativa a “alta eficiência e produtividade” (GUTERRES, 2006). Entretanto, as conseqüências deste modelo de agricultura são amplamente denunciadas pelo seu impacto nos ecossistemas (sócio-ecológicos): aparecimento de novas pragas, doenças e inços; substituição do trabalho familiar e camponês pelo uso de maquinários, o que leva ao êxodo rural e a marginalização d@ camponês nas grandes cidades; contaminação pelos agrotóxicos dos solos, cursos d'água, dos alimentos produzidos e, portanto, tanto d@s produtor@s quanto consumidor@s; devastação de florestas e matas nativas; alta dependência das flutuações dos mercados internacionais; desaparecimento dos conhecimentos tradicionais da agricultura; desvalorização do modo de vida camponês; entre outros.

A agricultura ecológica questiona a infalibilidade do conhecimento científico, utilizado como fundamento da agricultura convencional. Amparada no pensamento complexo, admite a incerteza e questiona o lugar subalterno dos conhecimentos populares e tradicionais. Para Ênio Guterres a agroecologia:

[...] não é uma disciplina e sim um enfoque transdisciplinar que enfoca a atividade agrária desde uma perspectiva ecológica. Enfoque teórico e metodológico que, utilizando várias disciplinas científicas, pretende estudar a atividade agrária desde uma perspectiva ecológica (GUTERRES, 2006, p. 93).

Portanto,

[...] a dinâmica das explorações agrárias não se explica só por condicionamentos agrônômicos da parcela e sim por condicionamentos ambientais, sociais e econômicos. E mais, as variáveis sociais ocupam um papel muito relevante, dado que as relações estabelecidas entre os seres humanos e as instituições que as regulam

constituem a peça-chave dos sistemas agrários, que dependem do homem para sua manutenção (GUTERRES, 2006, p. 93).

A agroecologia surge da mesma forma que a educação ambiental, ou seja, como um reflexo à problemática ambiental que foi assumindo um caráter de urgência a partir da década de 1960. Assim como a educação ambiental, a agricultura ecológica percebe de maneira articulada os sistemas ecológicos e os sistemas sociais, integrando as relações entre seres humanos e entre estes e os sistemas naturais, criando o conceito de agroecossistema. É o caráter holístico, de valorização da interação e troca de conhecimentos e modos de vida tradicionais e populares com os conhecimentos científicos e a possibilidade da criação de agroecossistemas para o auto-sustento e preservação dos ecossistemas naturais que coloca a educação pela/para a agroecologia como uma prática de educação ambiental em seu sentido mais profundo. Através da educação pela agroecologia emerge no âmbito educativo, questões que envolvem as problemáticas sócio-ecológicas.

Entretanto, o enfoque dado à agroecologia nos contextos escolares urbanos é bem distinto do enfoque que a agroecologia dá no desenvolvimento de tecnologias capazes de aprimorar a produção agrícola sem perder de vista as dimensões ecológicas. Se de maneira geral a agroecologia se propõe a construir agroecossistemas equilibrados social e ambientalmente nas comunidades rurais, nos contextos escolares, especialmente nos urbanos, ela assume uma roupagem de sensibilização para as principais questões sócio-ambientais envolvidas. Ou seja, o objetivo não é aumentar a produção com a diminuição simultânea dos impactos ambientais, da erosão do solo e da dependência às grandes empresas transnacionais que controlam a agricultura industrial, uma vez que o próprio espaço físico destinado às experiências de agroecologia na escola não permite uma produção em grande escala, nem mesmo garante, na maioria das vezes, a autosuficiência alimentar. Portanto, estas experiências educativas assumem um caráter de sensibilização, isto é, um ponto de partida para a abordagem das problemáticas socioambientais emergentes que dizem respeito também à agroecologia.

2.5 Um breve histórico da agroecologia no Brasil

De maneira geral, o surgimento da agroecologia está ligado ao desenvolvimento de uma visão complexa e sistêmica das ciências, integrando importantes conceitos da ecologia, a partir dos anos 1970, nos Estados Unidos e Europa (HESPANHOL, 2008; ALTIERI, 2004;

GUTERRES, 2006). Nesta época o Brasil estava em plena ditadura militar, e a aposta do Estado era no pacote tecnológico da Revolução Verde e no incentivo à industrialização da agricultura (WANDERLEY, 2009).

Somente a partir dos anos 1980, com o fim dos governos militares e a conseqüente reorganização dos movimentos sociais campestres, é que a agroecologia aparece no cenário brasileiro como uma aposta política, social e ambiental para a pequena agricultura (familiar, comunitária).

Constituída no início dos anos 1980 em estreita vinculação com a reorganização dos movimentos sociais do campo, a Rede Projeto Tecnologias Alternativas (Rede PTA) reunia organizações de 11 estados brasileiros que, ao final dos anos 1990, também se encontravam com suas energias centradas em múltiplas redes locais e regionais, com expressões institucionais e agendas próprias. Esse novo contexto de adensamento das interações locais e regionais conduziu a Rede PTA a uma revisão de seus sentidos e propostas, buscando novas formas de inserção e de interatividade em horizontes de maior amplitude no campo agroecológico. De certa maneira, a rede se desfez para se enredar em novas articulações rurais que ganhavam corpo e dinamismo desde os níveis local e regional (ALMEIDA, 2009, p. 69).

Foram as experiências e organizações locais d@s campestre@s que mantiveram viva a chama das agriculturas alternativas e tradicionais, durante os anos 1980 e 1990, quando os programas de crédito e subsídios estatais eram escassos, uma vez que a aposta econômica continuava sendo a agricultura convencional. O mesmo ocorria no campo científico, tanto nas universidades quanto nas unidades do Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária. Só em 1999 é que alguns pesquisadores e profissionais organizaram e realizaram o I Encontro Nacional de Pesquisa em Agroecologia.

Somente no final dos anos 1990 é que os princípios e conceitos da agroecologia começam a ser incorporados pelos movimentos sociais e a urgência deste debate levou a organização do I Encontro Nacional de Agroecologia, no ano de 2001. Neste encontro foi criada a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), que assumiu o papel de consolidar os primeiros passos da agroecologia enquanto contraposição social, política, econômica e ambiental à agricultura convencional.

Em 2006 foi realizado o II Encontro Nacional de Agroecologia, com grande participação de agricultoras e agricultores ecológic@s, e num momento em que a agroecologia já se consolidava como uma alternativa prática viável, com uma abrangência muito maior em todo o Brasil. A Carta Política deste encontro expressa essa visão e denuncia o modelo do agronegócio, que só se mantém com o apoio maciço dos grandes subsídios do Estado brasileiro. Esta Carta discute temas como: reforma agrária, biodiversidade, direitos

territoriais das populações tradicionais, soberania e segurança alimentar, mercados com base em princípios de equidade socioeconômica, gestão social e financiamentos, e, como não poderia faltar, aborda a construção do conhecimento.

Finalmente, no plano da construção do conhecimento agroecológico, o reconhecimento dos produtores e produtoras familiares como agentes de produção e disseminação de conhecimentos pelas instituições de pesquisa, ensino e extensão, que devem estabelecer com as comunidades rurais relações de convivência e cooperação no enfrentamento das limitações econômicas, técnicas e sócio-organizativas que se antepõem ao desenvolvimento local (ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2006, s/p.).

Existe um grande esforço, portanto, para aproximar as instituições de pesquisa, ensino e extensão às práticas agroecológicas. Essa aproximação significa uma troca de informações e saberes, por um lado capaz de construir um conhecimento interdisciplinar preocupado com as questões que dizem respeito à realidade social e ambiental vividas, e por outro, valida e dissemina cientificamente práticas de manejo e agricultura fundadas a partir do estabelecimento de uma nova relação com a terra e com as pessoas.

É a partir de meados dos anos 2000 que a agroecologia vai se consolidar como alternativa nos seus diversos campos de atuação. No que diz respeito ao conhecimento e à educação, em 2006 acontece o I Congresso Brasileiro de Agroecologia, que é realizado anualmente desde então. Em paralelo, destes anos para cá, aconteceram inúmeros encontros regionais, estaduais, nacionais e internacionais sobre agroecologia, em instituições de ensino, pesquisa e extensão, encontros nacionais de grupos de agroecologia, bem como encontros sobre Sistemas Agroflorestais.

Segundo Luiz Antonio C. Norder:

Atualmente, há dez cursos superiores em Agroecologia cadastrados no Ministério da Educação (MEC), sendo três de bacharelado (UEPB, UFSCar e IFSEMG⁶) e sete tecnológicos (UEA, IFB, IFS, IFPB, IFPR, UFPR e UFRB⁷), com diferentes cargas horárias e metodologias e com algumas turmas já formadas. Há ainda cursos em fase inicial, como é o caso da formação de tecnólogos em Agroecologia na UEMS, no IFAM e na UFCCG⁸ (NORDER, 2010, p. 30).

⁶ Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Estadual de São Carlos (UFSCar) e Instituto federal do Sudeste de Minas Gerais (IFSEMG).

⁷ Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Instituto Federal do Paraná (IFPR), Universidade Federal do Paraná (UFPR), e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

⁸ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Instituto Federal do Amazonas (IFAM), e Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG).

Além disso, inúmeras outras experiências no campo da educação estão em andamento. Dentro do Pronera (Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária), alguns cursos de Agroecologia são ministrados, com o intuito de capacitar jovens e adultos no método agroecológico (SANTOS, MICHELOTTI e SOUSA, 2010). Em Três Passos (RS), a FUNDEP (Fundação de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa da Região Celeiro), uma instituição educativa gerida pelos movimentos sociais, fundada em 1989, vem trabalhando cada vez mais com os conceitos agroecológicos na formação das técnicas e técnicos (BEATRICI e MELLO, 2010). E neste sentido, inúmeras outras experiências que envolvam a agroecologia estão surgindo nas instituições de ensino brasileiras.

A demanda de se criarem novos espaços de ensino da agroecologia confirma o que nos mostra este breve histórico brasileiro: estamos em plena efervescência da Agroecologia, seja enquanto prática agrícola, conceito científico, abordagem cultural ou educacional. Ou seja, os obstáculos continuam na nossa frente tomando forma nas inúmeras crises que passamos. Mesmo assim, pouco a pouco, com resistência e insistência, os espaços de luta política e social, discussão e decisão vão sendo ocupados por essas vozes que gritam por mudanças.

Tendo este debate e contexto como pano de fundo, surge esta pesquisa, com o projeto de extensão “Vivências com a terra”, que através da prática de educação pela agroecologia, busca sensibilizar @s envolvid@s com o caráter integrador da problemática sócio-ecológica que enfrentam. Mais do que debater e analisar, o projeto busca uma transformação através da ação, ou seja, através da prática da agroecologia, mesmo que de pequena escala, na tentativa de criar um agroecossistema equilibrado que valoriza a comunidade (autônoma e auto-organizada), suas demandas e necessidades.

3 As “Vivências com a terra”

Traçar considerações sobre um projeto, um trabalho de contato intenso entre pessoas, e no qual estive participando desde a idealização, é para mim um processo complicado e de autocrítica. Quer dizer, assim como relatarei experiências que penso poderem servir de base para outros projetos, também buscarei relatar as falhas, aqueles erros, deslizes ou tropeços que não quero voltar a cometer.

Foi durante os primeiros meses de 2011 que algumas pessoas foram se encontrando pela afinidade e disposição em desenvolver algo relacionado à agroecologia em alguma escola. Ou seja, a primeira iniciativa do projeto surgiu por afinidade e pela nossa vontade e disposição, sem recurso ou apoio.

O PE [Permacultura na Escola] surgiu pouco a pouco a partir dos debates de um grupo de indivíduos que foram se agregando em função de algum nível de afinidade de idéias e interesses. Entre estes, o interesse na educação como ferramenta de transformação social, senão ao menos como catalizador dessa transformação, e, portanto, numa educação não “ideologicamente” “neutra”; pela busca de espaços para a discussão de uma ecologia mais ampla e séria do que a que concerne ao atual “capitalismo verde”, uma ecologia que levasse em conta as pessoas, as relações de poder, de trabalho (porque social); por formas efetivas de militância pró “novos” paradigmas de sociedade, libertários, horizontais; etc. De tais debates surgiu mais ou menos o esboço do que seria o PE. (Relato escrito por Leonardo da sua experiência com o projeto “Vivências com a terra”)

Pretendo abordar neste trabalho o desenvolvimento do projeto desde a etapa da construção, em março de 2011, até dezembro de 2012, último encontro deste ano letivo.

3.1 A Construção

Em Março de 2012 marcamos a primeira reunião para a construção do projeto que chamamos num primeiro momento de “Permacultura na Escola” e depois o renomeamos para “Vivências com a terra”. Um dos motivos da mudança do nome foi porque não estávamos bem cert@s de estarmos fazendo Permacultura, e o termo ainda é pouco conhecido e acabava

não significando muita coisa para as crianças que não compreendiam afinal o que era. Outro motivo foi porque nossa intenção era não nos fecharmos na escola, mas pelo contrário, sermos mais uma força na tensão de abertura da escola para a comunidade.

Numa tarde de março, na casa do Leonardo, construímos formalmente em cima de um modelo de ‘projeto de extensão’ que era disponibilizado pela FURG (o projeto na íntegra consta nos anexos). Estavam presentes: Juliana Pereira Pino, Fábio José Klafke, Matheus Cadaval Freitas, Maíra Salcedo de Medeiros Silva, Diego Sabbado Menezes, Carlos Alberto Teixeira Júnior, Daniel Gonçalves Freitas, Tiago Larrosa Freitas, Alisson Correa Valente e Leonardo Paradedda Medeiros.

Naquele momento os objetivos do projeto eram:

- oportunizar entre as pessoas envolvidas o desenvolvimento de suas sensibilidades pessoais, a apreensão dos códigos culturais, das noções da *natureza biológica da vida* e da *vida em comunidade*, de modo a desenvolver por esta última o gosto – embasado na compreensão de suas vantagens – e a habilidade para nela desempenhar um papel ativo, participativo;
- possibilitar um aprendizado criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem estética e ecológica;
- proporcionar vivências com a terra, de modo que o ambiente de aprendizado se amplie para além da sala de aula;
- trabalhar as diversas áreas do conhecimento de maneira ecológica, desenvolvendo potencialidades, provocando a percepção, reflexão, sensibilidade, imaginação, intuição, curiosidade e flexibilidade nas pessoas participantes das atividades;
- contatar e reconhecer as propriedades expressivas, construtivas e sustentáveis dos materiais, suportes, instrumentos, procedimentos e técnicas na produção de formas estruturais;
- criar um espaço-momento de reflexão à respeito da sociedade de consumo, através da relação que se estabelece entre o consumo, necessidade, desperdício e lixo.

Para alcançar estes objetivos amplos definidos inicialmente, planejamos diversas atividades de oficinas para serem realizadas na escola. Dentre as oficinas planejadas estavam:

- Apresentação do assunto: *O que é permacultura?*
- Passeio guiado pelo CAIC e intermediações.
- Diálogos sobre água, biodiversidade, consumo, reciclagem, reaproveitamento, medicina dos simples, energias renováveis e alimentação.
- Exibição do filme “A história das coisas”
- Oficina de sabão ecológico.
- Oficina de espiral de ervas medicinais.
- *Oficina do ComPãoheiro* – educação alimentar e nutricional (fazer pão).
- Oficina de minhocário.
- Oficina de troca de saberes.
- Oficina de Capoeira Angola e sabedoria ancestral.
- Oficina de horta mandala.
- Oficina de secador solar.
- Oficina *Reciclar para Brincar*.
- Oficina *Reciclar para Ler* (fanzines).

A ideia da construção das atividades era a de desenvolver oficinas diversas e paralelamente construir um trabalho de horta agroecológica, buscando movimentos de aproximação entre os diferentes temas e pontos discutidos e abordados com a prática da horticultura. Ou seja, a horta seria um fio condutor, do qual eventualmente nos distanciariamos, mas principalmente tentaríamos aproximar as discussões diversas ao trabalho na horta.

Levamos este projeto à escola, onde já havíamos conversado informalmente, na mão da professora Cledi, diretora na época. Ela gostou muito, e aprovou seu início. Marcamos então uma reunião geral, divulgada nas salas de aula, com crianças, responsáveis e a comunidade em geral para nos apresentarmos. Neste dia compareceram cerca de 30 pessoas. Apresentamos os objetivos e as atividades pretendidas. Levamos alguns instrumentos musicais que compõem a roda de capoeira e tocamos algumas músicas. Durante a reunião planejamos uma semana para inscrições e a partir das inscrições seriam definidos os horários.

Esta semana foi um grande alvoroço e no final mais de 100 crianças haviam se inscrito, cerca de 50 em cada turno. Com este número nas mãos, nos reunimos novamente e optamos por dividi-las em 3 turmas para cada turno, e nós nos organizaríamos de forma a ir no mínimo 2 pessoas do grupo proponente por dia de atividade. Por isso, os relatos que fiz dizem respeito somente aos dias em que participei, ficando de fora aqueles em que não estive presente. Uma das propostas era que tod@s nós escrevêssemos os relatos, porém o pessoal em geral fazia os relatos oralmente nas reuniões e encontros periódicos do grupo proponente.

À semelhança do que ocorre em outras atividades extra-classe, gratuitas e que não são obrigatórias, muitas crianças se inscreveram sem saber bem se queriam participar, outras se inscreveram para agradar a amiga ou amigo, e ainda outr@s se inscreveram para participar de apenas uma atividade (horta ou capoeira, por exemplo) e não estavam dispost@s para outras atividades. De fato, em poucas semanas o número de participantes do projeto se reduziu bastante. Em boa parte do ano de 2011 participaram cerca de 45 crianças, 30 no turno da tarde e 15 no turno da manhã. Por isso fomos reduzindo o número de turmas e optamos por trabalharmos com apenas uma turma em cada turno, organização que mantivemos até o fim do ano letivo de 2012.

3.2 As ações do projeto

Planejamos as primeiras atividades de construção da composteira, que serve para produção de adubo orgânico de qualidade, e de desenho da horta mandala. Cada encontro começaria com um alongamento com conversas para organizarmos as ações do dia e algumas brincadeiras de aquecimento, geralmente relacionadas com a capoeira angola. Este primeiro momento é essencial para a preparação corporal e organizativa das demais ações do dia, especialmente quando faríamos trabalhos pesados. Em seguida desenvolveríamos as ações de construção e manutenção da horta. No fim de cada encontro planejamos outro alongamento e troca de ideias sobre as ações desenvolvidas, para construirmos uma compreensão coletiva das atividades.

3.2.1 Maio de 2011

A escola possui um grande pátio, com uma quadra poliesportiva e o resto disponível ao desenvolvimento da horta. Não havia muro, e a cerca estava danificada em vários pontos, o que tornava o pátio um local de fácil acesso para qualquer pessoa ou outro animal. A professora Cledi nos informou que estavam pedindo a construção de um muro em toda a volta da escola, já que arrombavam constantemente algumas salas e sumiam ou eram danificados alguns materiais. Também falou que existia um projeto de ampliação da educação infantil e que um novo prédio poderia ser construído no fundo do pátio. Em função destas informações propomos construir a horta num local mais central.

Analizamos o solo do pátio e estávamos certos de que era aterrado com areia e entulho, ou seja, praticamente nulo de matéria orgânica e extremamente difícil de ser trabalhado, já que havia muitas pedras e tijolos. Nosso trabalho de recuperação do solo se daria unicamente com os recursos e nutrientes disponíveis no entorno e produzidos por nós, já que não tínhamos apoio de adubos orgânicos prontos. Por um lado, poderia ser considerado um fator que atrasaria muito o trabalho e a produção da horta, mas por outro lado, seria a prova de que qualquer solo pode ser recuperado com a permacultura e agroecologia. Na busca radical pela autonomia e autogestão do projeto, trabalhamos o solo com determinação e persistência.

Diagnostiquei três problemas principais que enfrentaríamos desde o princípio em relação ao trabalho na terra: 1) falta de matéria orgânica, ou seja, falta de fertilidade; 2) excesso de animais (insetos, pássaros e outros) que buscariam alimento ali; 3) dificuldade no manejo da água e umidade. Obviamente os três pontos estão interligados, porém precisaríamos trabalhar em cima destes diferentes eixos para conseguirmos produzir alguma coisa.

No primeiro dia de atividade (17/05), novamente nos apresentamos, alongamos e fizemos algumas brincadeiras de aquecimento, que exercitavam a atenção, flexibilidade e força. A criançada estava gostando das brincadeiras, mas senti que queriam fazer tudo aquilo que falamos que faríamos durante a divulgação do projeto e a reunião de apresentação. Então, conversamos sobre a horta agroecológica. Fizemos uma introdução superficial abordando as questões do manejo da terra e do não uso de produtos químicos. Tod@s queriam produzir e comer alimentos saudáveis, sem veneno, tendo participado do processo.

Sempre fizemos diversas brincadeiras com a criançada. Uma delas era um pega-pega em que @ pegador@ simbolizava o capitão-do-mato, enquanto que @s outr@s formavam um círculo de mãos dadas, simbolizando a união d@s escrav@s. Uma pessoa do círculo que simbolizava o escravo fugido deveria fugir enquanto que a tarefa das demais pessoas do círculo era proteger esta pessoa. O objetivo da fuga seria alcançar o quilombo, a comunidade em que @s negr@s podiam organizar-se e desenvolver-se livremente. Assim, abordávamos as questões referentes à escravidão, servidão, quilombos, cultura afro-brasileira, solidariedade e também do manejo tradicional da terra feito em quilombos até os dias de hoje.

Na introdução que fizemos à agroecologia, falamos que existem diferentes elementos que compõem uma horta ecológica, e que juntos, garantem a produção destes alimentos. Por isso pretendíamos desenvolver: uma composteira, sementeiras, um viveiro para mudas de árvores e os canteiros da horta para hortaliças e plantas medicinais.

A composteira é um espaço destinado a compostagem da matéria orgânica, ou seja, um local onde as sobras orgânicas da cozinha, folhas, galhos e etc, são transformados em adubo através do processo de decomposição natural destes materiais. Uma vez que sobra diariamente uma boa quantidade de matéria orgânica do refeitório da escola, além daquilo produzido na casa de cada um@ de nós, daríamos o primeiro passo já produzindo um adubo de qualidade.

Existem diferentes modos de se fazer uma composteira (Fig. 6) e o mais simples é em forma de pilhas de matéria orgânica cobertas com palha. Uma vez que o solo do pátio tem uma ótima drenagem, não teríamos o problema de acumular chorume, formando assim um

lodo de péssimo cheiro. Por isso escolhemos simplesmente delimitar um retângulo com pedras, dividido em duas partes iguais, para separar a pilha que estava recebendo as sobras, da pilha em descanso. Ou seja, uma vez que se atingiu o limite de capacidade da pilha que está em uso, passa-se a usar a outra metade da composteira, deixando a primeira compostando. A manutenção necessária na composteira é de sempre cobri-la com palha, para evitar o acúmulo de insetos, e revirar o monte de composto para arejar e assim acelerar o processo de decomposição. Usamos então as pedras que estavam no próprio pátio e na volta da escola para construir a composteira. Foi um trabalho pesado, unicamente de carregar pedras de um lugar para outro.



Figura 6 - Composteira feita diretamente sobre o solo. Fonte: Acervo do autor. Mai. 2011.

Nestes primeiros encontros carregamos muitas pedras, já que era um material que tínhamos a disposição e que atrapalhava no interior do pátio da escola. Nestes movimentos de busca por pedras fomos encontrando montes de esterco de cavalo dispensados pelos carroceiros do bairro e também montes de palha, de sobra de grama cortada, poda de árvores etc. Começamos a reciclar então muita matéria orgânica que era dispensada no interior do bairro e de grande auxílio para o desenvolvimento do nosso sistema agroecológico.

Ou seja, nosso objetivo é criar um sistema ecológico, com diferentes elementos interligados, reciclando os materiais e nutrientes ociosos e disponíveis na região e buscando

produzir tantos outros. Percebemos que este esterco e palha poderiam ajudar na melhoria da qualidade do solo, quando incorporássemos na horta. Delimitamos, portanto, um espaço para o composto orgânico da cozinha, um espaço para curtir o esterco e outro para armazenar a palha.

Neste primeiro mês foram muitas informações e sonhos que creio terem sido inéditos para a maioria das crianças. Elas se dedicavam com muita força de vontade para todas as atividades, desde o alongamento inicial até a nossa despedida. O tempo passava rápido, tínhamos muito trabalho, era como se não houvesse fim. E realmente não há fim. Fui me despertando cada vez mais para esta dimensão infinita do processo pedagógico da horta, ou seja, a aprendizagem se dá sempre no processo, já que não existe um resultado final. A colheita do fruto, por exemplo, é o fim, mas também o início do ciclo, com a separação da semente e a continuidade da reprodução da espécie, a melhoria do solo, o aumento da biodiversidade. Portanto, fomos desenvolvendo durante o trabalho essa noção de ciclos, ou seja, algo que não tem fim, mas sempre se modifica ou renova.

A dúvida e o questionamento assumem um peso concreto quando se está carregando sacos de esterco para a horta. Não possuíamos carrinho de mão neste começo, e não foi nada fácil. Cada saco de palha ou esterco era uma vitória. Portanto, vivenciamos na prática, com muito suor, o que é, ou o que pensamos que é reciclagem, reaproveitamento, processo de decomposição, apoio mútuo, solidariedade, permacultura, agroecologia e tantas outras experiências.

A falta de ferramentas ideais desde o começo foi importante para desenvolvermos a ideia do cuidado com elas. Poderíamos produzir muitas coisas naquele espaço, mas não conseguiríamos fazer enxadas ou pás como aquelas que usávamos. Essa sutil dependência da indústria pesada, que de fato sentimos na busca da autonomia, nos ensina a darmos o devido valor às poucas ferramentas que temos a disposição e a força que temos nos nossos braços. O manuseio das ferramentas é uma parte importante do trabalho. O agir destemido das crianças diante da novidade da utilização de algumas ferramentas nos surpreendem a ponto de pensarmos que estão acostumadas à sua utilização. Mesmo assim, o cuidado com nossa saúde foi ponto fundamental das nossas discussões.

Em 31 de maio, nos dedicamos pela primeira vez ao tema das ervas medicinais. Neste dia saímos na busca de esterco e palha e fomos encontrando diversas plantas: “Colhemos boldo, carquejas, marcela, erva-capitão, erva de bicho” (Relato Zelly, 31 mai. 2011). No decorrer do projeto fizemos várias saídas de campo para reconhecimento e manuseio das plantas medicinais. Cada criança levou para casa uma erva e se comprometeu de pesquisar sua

utilização. Muitas sequer imaginavam que ali, bem próximo à suas casas, naqueles campos baldios em que o pessoal põe os cavalos para pastar, havia tantas plantas com as mais diversas propriedades curativas.

Nossa intenção não foi a de ensinar os nomes das ervas e seus usos, mas incentivar as crianças a buscarem por si. Este princípio que levamos conosco se baseia na nossa convicção de que as crianças e a comunidade como um todo carregam uma sabedoria diversa, multicultural, que cada um de nós, pesquisador@s ou não, não é capaz de apreender de todo. E mais, estes conhecimentos práticos só continuam existindo pela importância que cada mantenedor@ dá. Por isso, o conhecimento das plantas medicinais dificilmente vai ser mantido se for passado, por exemplo, dentro de uma sala de aula, através de livros didáticos e provas cronometradas, onde não se estabelecem sentimentos afetivos com o conhecimento em questão.

No fim do mês de maio a criançada já compreendia o funcionamento da composteira e levava os resíduos da cozinha das suas casas, além de buscar diariamente, mesmo nos dias em que não havia projeto, as sobras do refeitório da escola. Começamos, então, o desenho da horta mandala e a colocar os aportes de esterco no solo.

A horta em formato de mandala (Fig. 7) é uma técnica comum dentro da permacultura. Para a agricultura convencional é um método completamente estranho e sem sentido. A partir da observação de muitos agricultor@s e naturalistas, foi-se percebendo que a mandala existia em diferentes composições na natureza. Na permacultura, além dos elementos artísticos e estéticos, a mandala é capaz de criar diferentes microclimas, possibilitando um cultivo complexo de biodiversidade. Adaptamos esta técnica para nosso contexto e criamos uma horta mandala com pétalas em formatos de “buraco de fechadura”, como são chamados esses canteiros entre os permacultor@s. O desenho levou em consideração a trajetória solar nas diferentes estações, a direção dos ventos nas diferentes estações, a temperatura, altitude e umidade local e as dimensões ideais em relação ao tamanho dos braços das crianças. No centro planejamos um espiral de ervas medicinais.



Figura 7 - Primeira horta em formato de mandala. Fonte: Acervo do autor. Set. 2011.

3.2.2 Junho de 2011

Durante o ano de 2011 não havia um espaço coberto no pátio da escola. A professora Cledi nos informou que existia um pedido para esta construção, já que nos dias de chuva as crianças não tinham nenhum local para o recreio e ficavam nas salas de aula. O dia 07 de junho foi chuvoso e mesmo assim fomos para desenvolver as atividades. O trajeto até a escola foi complicado e chegamos molhados. De quem vem do balneário Cassino, só existe uma linha de ônibus em direção ao bairro e que passa à cinco ou seis quadras da escola. De quem vem da FURG é a mesma coisa.

Neste dia, poucas pessoas compareceram, éramos cinco. Falaram-nos que não sabiam se teria atividade do “projeto”, como a criançada chama, pois estava chovendo e não há aula nos dias de chuva. Não entendemos muito bem esta situação e conversamos com a professora Cledi. Ela explicou que os dias de chuva, no inverno, são complicados na escola. A maioria das crianças só vai para a escola a pé, e como sabemos, aqui em Rio Grande com os fortes ventos, os guarda-chuvas não garantem que cheguemos secos em lugar algum. Como a maioria não possui roupas impermeáveis, calçados adequados para dias chuvosos em pleno banhado, acabam ficando durante toda a aula com o corpo molhado. Por este motivo muitas adoecem e perdem vários outros dias de aula.

A sensibilidade da professora diante deste contexto fez com que suspendesse qualquer tipo de prova ou trabalho nos dias chuvosos, e mesmo as faltas eram repensadas. Recomendou-nos que nestes dias não fizéssemos atividades e nós concordamos, porque para nós tod@s que moramos longe da escola também era complicado.

Mas naquele dia, eu, Juliana, Shandra, Nicolas e Taiurgui comparecemos. Fomos para a biblioteca. Lá conversamos sobre tudo o que já havíamos feito na escola e constatamos que talvez muitas pessoas não soubessem o que estávamos desenvolvendo. Propomos, então, a produção de cartazes e materiais ilustrativos e informativos sobre as atividades desenvolvidas. Produzimos vários materiais para serem colocados nos corredores e na própria horta. Já sentíamos um certo distanciamento nosso com o restante da escola, e esta atividade seria um passo para aproximar outras pessoas que frequentam este mesmo espaço.

Na metade da manhã sentimos um ótimo cheiro de bolo de chocolate e a Shandra foi pedir para comermos, porém tinha sido feito uma quantidade só para a merenda das crianças. Ficamos na vontade. Só em meados de 2012 fui comer este bolo.

Na biblioteca estava a bibliotecária. Nós não possuíamos todos os materiais que desejávamos para a confecção dos trabalhos propostos. Pedimos algumas coisas emprestadas e ela se mostrou muito antipática. Eram nossos primeiros contatos dentro da escola e ficamos bem decepcionad@s com a atitude da professora. Afinal para que servem as bibliotecas? Para serem depósitos de livros? Um canto, morto, desabitado?

Por fim, organizamos um fichário que pretendíamos que fosse nosso diário. O tema do diário e das anotações de campo coletivas foi algo que nunca conseguimos levar adiante de forma séria. Desde os primeiros até os últimos dias de atividades tentamos desenvolver sob diferentes formas e nomes algum tipo de material descritivo, como um memorial. Primeiro foi este fichário, que anexamos alguns relatos, desenhos e trabalhos, até que “alguém” o deixou em “algum lugar” e caiu no esquecimento. Outra vez criamos um diário num caderno e num dia esquecemos de escrever, no outro não achamos e logo caiu no esquecimento também. E numa terceira tentativa criamos o “portfólio”, desta vez ao invés de deixarmos na escola, cada um@ levaria para casa numa semana para escrever suas percepções e traria na semana seguinte. Mas o resultado foi semelhante, alguém um dia esqueceu em casa, na outra semana esqueceu novamente e depois nem voltou a aparecer.

Não tenho uma resposta definitiva para esta questão que não deu certo. Creio que a organização de modo geral, tanto unicamente do grupo proponente, quanto do grupo como um todo sempre nos preocupou. Desde a elaboração do projeto rechaçamos qualquer tipo de hierarquia e burocratização. Optamos sempre pela busca da autogestão, ou seja, nós tod@s

somos capazes de gerirmos coletiva e harmoniosamente o projeto. Vivenciamos a grande dificuldade que é mantermos uma autogestão coletiva de fato, quando individualmente já somos mal organizad@s. Estivemos sempre buscando chegar nessa autogestão, sempre com a sensação de estarmos quase lá. Faltaram encontros, conversas, mas principalmente creio que tiveram muito mais palavras do que atitudes concretas.

Criamos uma certa fronteira por trás do projeto, que nos ficava explícita durante as reuniões do grupo proponente, que separava nossos planejamentos das nossas ações. Em alguns casos por motivos supostamente externos, pela total falta de ferramentas adequadas para construirmos, por exemplo, a bioconstrução que gostaríamos de ter feito, mas em muitos casos pela falta de atitude de realmente realizar aquilo que falamos que “podemos fazer”. Esta lição que carrego diariamente na minha vida me foi tomando cada vez maior importância no desenrolar do projeto “Vivências com a terra”. Quer dizer, *podemos* fazer muitas coisas, mas é melhor nos dispormos a fazer aquilo que *realmente vamos realizar*, pois criamos uma certa expectativa coletiva e mesmo um emaranhado confuso de “podemos fazer” que nunca sai do mundo das palavras. É certo que muitas vezes fracassamos no nosso intento, mas nesse caso será um fracasso e uma aprendizagem coletiva, pois tod@s teremos tentado. De fato, o único material descritivo que me ampara são meus relatos, já que nossas tentativas coletivas se perderam pelo caminho.

Mas nem todos os dias de junho de 2011 foram chuvosos e demos importantes passos na criação do nosso sistema agroecológico. Existem dois tipos de cultivos que contribuem substancialmente para a melhoria do solo. Um é o cultivo de espécies leguminosas como feijão e ervilha, já que nas suas raízes se desenvolvem bactérias que ajudam na fixação do nitrogênio no solo. O nitrogênio é um dos principais elementos que garantem a saúde do solo. Outro cultivo é o de espécies para abono verde, como aveia, alfafa e trigo, que garantem a cobertura do solo e produzem uma grande quantidade de biomassa, que pode ser retirada em dois ou três cortes. Tendo em vista nosso desafio de transformar aquele solo aterrado num solo fértil, nos planejamos para desenvolver estes tipos de cultivo.

Primeiro, assim que acabamos os desenhos das pétalas da mandala, acrescentamos todo o esterco que encontramos no bairro. Não existia a possibilidade de revirar o solo, já que era composto de muitas pedras, tijolos e todo o tipo de cascalho que dificultavam o trabalho com pá ou enxada. Não alteramos esta estrutura do solo, apenas acrescentamos o esterco.

Também compreendíamos que aquele não era o esterco ideal, nem mesmo sabíamos ao certo sua origem. Porém era o que tínhamos à disposição. No dia 14 de junho fizemos o primeiro plantio de meio quilo de trigo, um quilo de feijão preto e um quilo de feijão

carioquinha. “Trocamos uma idéia sobre o abono verde e as leguminosas e plantamos trigo e feijão carioquinha, tudo à voleio, e a galera jogou muitas sementes, muitas mesmo. Cobrimos a pétala com palha e já eram quase 12h.” (Relato Zelly, 14 jun. 2011). A palha era o ponto final e imprescindível do sistema. Ela garante a cobertura do solo, importante para proteger da lixiviação causada pela chuva e pelo ressecamento causado pelo sol. Quer dizer, ela mantém a umidade e diminui a perda dos nutrientes. Basicamente este foi o método de cultivo que utilizamos durante todo o processo agroecológico, como ficará demonstrado no decorrer do trabalho.

Apesar do feijão não ser um cultivo de inverno aqui no sul do Brasil, já que a geada queima as plantas, optamos por semeá-los mesmo assim. Primeiro, porque não conseguimos outra semente ecológica de leguminosa. Segundo, porque já era meados de junho e logo em setembro é que faríamos um plantio substancial; portanto, este período seria mais como uma preparação.

O momento do plantio é sempre muito lúdico. É uma ‘briga’, pois todo mundo quer jogar sementes e plantar. No fim, quase sempre são jogadas bem mais sementes do que o necessário, o que não chega a ser um problema. Todas estas atividades suscitavam inúmeros comentários, dúvidas e discussões. Falamos pela primeira vez das sementes crioulas, ou seja, sementes que são cultivadas há muito tempo sem nenhum tipo de químico, seleção artificial, hibridismo ou transgenia. Sementes naturais, mantidas à gerações pelo trabalho e importância dada a elas pel@s agricultor@s tradicionais, ecológicos e etc. A semente crioula traz consigo um valor inestimável, uma força de vida que os olhares desatentos não percebem. Mas a gurizada do Zelly em geral valorizava devidamente.

Estes temas despertavam muitas discussões sobre nossa alimentação, sobre como funciona todo este sistema que sustenta a agricultura convencional e que coloca nas nossas casas e pratos alimentos contaminados, envenenados, que beneficiam alguns poucos milionários proprietários das indústrias químicas, de maquinários, o *agrobusiness* (ou agronegócio) em geral. As crianças na sua maioria se mostravam compreensivas diante das nossas falas, a que nível de compreensão chegavam, não temos como medir. Entretanto, pela disposição que sempre tiveram em construir e manter este projeto, acredito que nutriam um sentimento de empatia conosco e com a ideia que cultivamos. Fazemos uma educação ambiental crítica? Ensinamos ou trocamos algo de fato? Onde estava e qual o papel da ciência? Elas aprenderam alguma coisa? Nós aprendemos alguma coisa? O projeto serviu para alguma coisa? Modificou algo, alguém, a escola ou o bairro? Estas são perguntas que dão força ao projeto.

Começamos a estabelecer uma relação com uma moradora de trás da escola. Já que não havia muro, nós trabalhávamos de frente para a casa dela. No seu jardim da frente de casa, possuía mudas de plantas medicinais e árvores frutíferas. Conversamos sobre nosso projeto e ela nos ofereceu algumas mudas que nasciam de um espaço onde ela compostava as sobras da cozinha. As crianças começaram também a trazer algumas mudas, de suas casas, de parentes ou vizinhos. Isto foi nos revelando o quão pequenos somos diante da complexidade do bairro. Como a ponta de um iceberg. O elemento de aproximação ou reprodução destes conhecimentos, dessa cultura de maneira ampla, são as crianças. Elas aprendiam em casa, traziam coisas e saberes e trocavam, acrescentavam, multiplicavam conosco.

No que diz respeito à agroecologia e ao sistema agroecológico, este conhecimento de quem há muitos anos cultiva naquele local específico, para nós era de grande importância. Fomos ganhando algumas mudas. Plantamos o que dava, onde já tínhamos uma certa quantidade de matéria orgânica, mas fomos ficando com algumas nos recipientes. Conseguimos umas madeiras recicladas de obras e construímos uma pequena casinha, para colocarmos estas mudas e outros materiais. Propomos em fazer o telhado com garrafas pet e começamos a reciclagem neste mês de junho de 2011 e até julho já estava pronta.

3.2.3 Julho de 2011

Neste mês só participei de um dia de atividade, já que na segunda semana começaram as férias e fizemos um recesso no projeto também. No dia 05 de julho:

Assistimos um vídeo chamado 'Semeador Urbano' e depois produzimos textos, frases e desenhos que envolviam a temática do filme e do nosso projeto em geral. Foi bem interessante, a galera criou várias artes sobre a importância do verde (plantas, animais) no contexto urbano. Surgiram várias questões e discussões. Depois de ver o filme, escrever e desenhar fomos para a rua, pois queríamos pegar um pouco de sol. Os desenhos nós guardamos no fichário e o vídeo também. Falamos sobre o semear também outras coisas como a amizade e o questionamento. Sobre a nossa influência no ambiente que nos cerca e a relação que se estabelecem entre as coisas, mesmo as menores coisas. O vento, a água, os pássaros, cada coisa com sua importância para o ambiente em geral (Relato Zelly, 05 jul. 2012).

Trabalhamos algumas vezes com vídeos, especialmente durante o inverno, já que o tempo dificultava o trabalho na rua e na horta. Entretanto, a preferência das crianças é sempre estar na rua e gostam bastante de sair dos limites da escola. Acredito que a educação ambiental pode aproveitar este anseio para aproximar as crianças das temáticas ambientais.

Afinal, se buscamos tratar do ambiente como um todo e sua relação com as várias disciplinas e conhecimentos, por que sempre limitar o processo educativo escolar à sala de aula?

3.2.4 Agosto de 2011

Em meados de agosto retomamos os encontros. Um dia nenhum@ de nós proponentes compareceu ao projeto. Foi a primeira vez que isto aconteceu. Não foram muitas, mas também não foi a única.

Durante estes meses criamos o hábito de chegarmos diretamente ao pátio, à horta, entrando pelas partes danificadas da cerca. As crianças sempre fizeram isto e logo tod@s fazíamos isto. Por isso a direção, que se localiza junto à secretaria e portaria da escola, não tinha muito controle sobre quem participava. A professora Cledi geralmente ia até o pátio conversar conosco, ver o que estávamos desenvolvendo, dar ideias, conselhos e elogios. Ela foi a única professora, em todo o período que presenciei, abordado neste trabalho, que se interessava e dispunha a estar em contato com o projeto, de fato e por sua iniciativa. Em 2012, como será relatado mais adiante, estabelecemos uma boa relação com algumas professoras quando iniciamos a proposta das sementeiras nas salas de aula, entretanto foi por iniciativa nossa. Tivemos a iniciativa de procurar as docentes para buscar aproximações entre os trabalhos inúmeras vezes. Participamos de reuniões, conselhos, porém não recebemos respostas.

No dia 23 de agosto somente as crianças compareceram. Chegaram pelo pátio, como sempre, nos esperaram um pouco, mas não chegávamos. Não sei muitos detalhes, quem tomou a iniciativa, mas sei que o Gabriel, Jordan, Matheus, Taiurgui, Thales, Nicolas e talvez outros, construíram uma casinha. Era baixa, apenas de cócoras ou engatinhando se podia entrar, feita com inúmeros materiais: caixas de madeira, madeiras avulsas, cercas de plástico, tapetes reciclados, isopor e outros. E o mais impressionante, um detalhe que eles constantemente repetiam: sem nenhum prego. Eles construíram apenas com encaixes, sobreposição de madeiras e forrada com tapetes, isopor e etc.

Quando chegamos no dia 26 de agosto, primeiramente nos cobraram pela nossa ausência no dia 23, mas logo mostraram a alegria e orgulho que estavam pela realização autônoma da construção da casinha (Fig. 8 e 9). Ela não possuía exatamente uma finalidade, era só para eles entrarem e ficarem lá. Entraram, ligaram umas caixinhas de som portáteis que sempre carregavam e nos olharam orgulhosos com a obra.

Talvez não tenhamos dado a devida atenção ao trabalho da garotada, como falou o Matheus em uma de nossas reuniões de organização do projeto. Pois alguns dias depois da construção, uma das madeiras caiu enquanto a gurizada brincava na casinha e resolvemos desmontá-la antes que causasse algum acidente. El@s não queriam desmontá-la, e tivemos de insistir muito para poder fazer isto. Uma construção feita com as próprias mãos tem um valor simbólico e sentimental. Senti isto na pele depois de ter construído, junto com minha companheira de caminhada Juliana e mais algun@s camaradas, o “puxado”, com técnicas de bioconstrução, como por exemplo, a do telhado vivo, onde passamos a viver. Entendo que as crianças, assim como a maioria de nós, sente uma imensa alegria em desfrutar os resultados do próprio trabalho.



Figura 8 - Vista de fora da casinha. Fonte: Acervo do autor. Ago. 2011.



Figura 9 - Imagem do interior da casinha. Fonte: Acervo do autor. Ago. 2011.

3.2.4.1 O falar e o fazer: um breve histórico do enredo institucional da bioconstrução e da espontaneidade da ‘casinha’

Sempre planejamos fazer uma bioconstrução na escola Zelly. O espaço estava disponível e só dependia da nossa articulação e muito trabalho. Infelizmente, não saímos da etapa da articulação. Nós precisávamos de dinheiro para comprar alguns materiais: terra (barro), madeira, ferramentas em geral e os gastos com transporte. Pensávamos em construir com pneus, reciclados das borracharias. Chegamos a ir atrás, o Fábio informou-se de vários locais onde poderíamos pegar os pneus velhos, seria inclusive um favor para os borracheiros. Entretanto, nunca conseguimos dinheiro algum para financiar a empreitada, não saímos do “falar”. Não queríamos sair pedindo migalhas a empresas ou quem quer que fosse. Pensamos em várias atividades para arrecadar essa quantia, porém não realizamos nenhuma com esta finalidade.

No final de 2011 e início de 2012, começamos a estabelecer contato com o pessoal do COMUF (Comunidades Furg), que desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão com Indígenas, Quilombolas, movimentos GLBTS e outros. Aproximamo-nos também do Marcus Vinícius, graduando em História, que desenvolve um projeto de horta ecológica na escola

Jayme Monteiro, no bairro Profilurb, em Rio Grande. Ele ingressou junto conosco no COMUF.

O pessoal estava interessado na nossa contribuição, e nós da mesma forma. Vinculamos institucionalmente nosso projeto na Escola Zelly ao programa COMUF e propusemos intensificar as trocas de saberes e experiências, já que as temáticas são tão próximas. Elaboramos uma proposta em conjunto para um edital do Ministério da Educação, que incluía, dentre outras coisas, o financiamento da bioconstrução. Depois de alguns meses soubemos que não foi aceita nossa proposta. Durante este tempo participamos das reuniões, algumas saídas de campo e outras atividades. O programa ganhou várias bolsas e algumas pessoas do nosso grupo proponente foram bolsistas de extensão. Além disso, abrimos vagas para bolsistas das Bolsas Permanência. Três pessoas trabalharam conosco, porém por pouco tempo e logo mudaram de projeto.

Durante as reuniões do COMUF, eu sempre tinha a impressão de que algumas coisas eram fáceis de se conseguir junto à Universidade: ferramentas, viaturas para transporte de materiais, algumas bolsas e etc. Entretanto, quando fazíamos os pedidos, inúmeros entraves eram criados. Pelo esquecimento, pela dificuldade de comunicação com as pessoas ou funcionári@s que faziam esta organização, por erros ou mesmo até por um certo boicote de quem não vê ‘ciência’ e ‘progresso’ nas nossas propostas dentro da instituição. Recebemos depois de vários pedidos: um péssimo carrinho de mão, uma enxada e uma pá sem cabos (pois não especificamos que queríamos com os cabos), grampeador para madeira, martelo, mangueira e ferramentas de jardinagem.

Poucas trocas, em comparação com o que se *poderia*, foram feitas, de maneira geral, com @s integrantes do COMUF. Tentamos organizar várias vezes uma visita coletiva à escola Zelly, que nunca foi concretizada, apesar de terem sido feitas inúmeras saídas de campo para outras cidades, muitas das quais nós participamos. Nosso projeto e nosso trabalho era citado, era considerado importante, entretanto pouc@s estiveram lá para ver e contribuir.

Entramos num enredo que de certa forma nos fez acreditar que seria mais viável, ou talvez até o único jeito de conseguirmos realizar a bioconstrução com financiamento institucional do que realizarmos de maneira independente. Até agora a bioconstrução não foi feita.

Já a ‘casinha’, construída pela gurizada, foi um exemplo para nós: pura ação! A companheira Juliana escreveu em seu texto o que considero uma conclusão sobre este tema:

A falta de recursos para a realização de uma bioconstrução deu duas faces ao problema. De um lado a dramática realidade da impossibilidade de realização do projeto do grupo proponente. De outro lado, a efetivação da autonomia por parte do grupo das crianças. A “casinha” construída de forma espontânea e autogerida nos mostrou que a forma como interagimos com as crianças lhes trouxe reconhecimento e segurança para executarem o projeto de bioconstrução da maneira delas, com os recursos que dispunham.

Mesmo com a falta de pregos, a “casinha” das crianças representava uma fortaleza, pois era mais do que um frágil aglomerado de madeiras velhas. Representava a tomada da liberdade de criar, de construir, de produzir, um espaço de convivência dentro da escola, que é um lugar em que as crianças habitualmente apenas obedecem.

A liberdade, essa louca aventura cheia de riscos, é uma construção, assim como a “casinha”. Quando lidamos com a liberdade, despertamos desejos, corremos riscos, e temos que agir com responsabilidade e respeito para que o pior não aconteça. Com a “casinha”, havia o desejo de fazer uma bioconstrução. Havia o risco de repressão, de se machucarem. Houve também a responsabilidade e respeito quando começou a despencar, já que a ideia de desmontar foi consenso diante do perigo de alguém se ferir lá dentro. Mesmo sem a bioconstrução, o projeto “Permacultura na Escola”, criou sua sede nas cabeças que souberam interpretar a experiência vivida com o exercício de liberdade (Texto de Juliana).

3.2.5 Setembro de 2011

Aqui na nossa região, setembro é um mês importante no calendário agrícola. Em geral, a última geada do inverno ocorre no fim de agosto, e portanto, pode-se começar os plantios de primavera e verão. Passamos os meses de inverno trabalhando duro para termos uma boa quantidade de esterco e palha para os plantios de setembro. A horta mandala e o espiral de ervas estavam bem trabalhados neste sentido. Construímos mais alguns canteiros, retangulares e de outros formatos, na volta dos já construídos.

A composteira, que estava em uso desde o princípio do projeto, estava com bastante composto. O trabalho de manutenção, de revirar para arejar, já estava ficando pesado. Deixamos todo este composto em descanso e passamos a compostar na outra metade da composteira.

No dia 09 de setembro plantamos milho e no decorrer do mês ainda plantamos feijão, ervilha e algumas hortaliças. A pétala da mandala que começamos a cultivar cebola estava bem bonita. Seguidamente exercitamos a identificação das espécies cultivadas e também das espontâneas e indicadoras, tão importantes para a análise do solo e do clima. Neste dia 09, assim como em praticamente todos os outros dias, a criançada andava com suas caixinhas de som.

No turno da manhã, as crianças em geral tinham entre 12 e 14 anos. Estavam despertando para a sexualidade, descobrindo os corpos, o real significado dos ‘palavrões’,

entre outras coisas. Entendo que elas tem uma vontade de aparentar fazer muito mais do que realmente fazem, e de certa forma, dar a impressão aos demais de que são mais velh@s, mais experientes. Compreendo também que isto não é uma característica exclusiva destas crianças, já consideradas pré-adolescentes, mas de muitas pessoas, de várias idades. Porém me parecia um comportamento compartilhado entre elas de maneira geral.

Passaram toda a manhã tocando nas caixinhas e cantando uma música com um tema que abordava o sexo. A música é do “Bonde da Estrada”, se chama “Camisinha de sabor” e a letra é assim:

O tema dessa música é o sexo meu "irmão",
mas não pode se esquecer de usar a proteção.
Pra tu deixar as "mulhé" molhadinha, tu tem que conhecer
os tipo de camisinha.
Lubrificado ou não, pra mim tanto faz
o que importa é fazer elas pedirem mais.
As mulhé que eu conheço eu como no mesmo dia
camisinha preferida é sabor de melancia,
de melancia elas adoram vo fala pra tu,
se não aguenta na "buceta" vo mete no teu cú.
Quando o assunto é sexo, não fico enrolando
as mulher gostam de camisinha de morango.
O sabor não importa não faz diferença,
mas tem que ser com camisinha pra tu não pegar doença.
Elas saem correndo querendo "dá" pra você
camisinha de chocolate com recheio de pavê.
Tu dá pra cocota? Tá meio enrolado?
Lança a camisinha de leite condensado.
A cocota tá nervosa! Faz ela se acalmar,
lança a camisinha de maracujá.
Encharcando as cocota até de manhã
quero vê quando eu lançar a camisinha de maçã
Pra trepar comigo tem que ter disposição
agora eu tô usando camisinha de limão.
Já comi a tua prima agora eu quero a tua irmã
com ela eu vô usar a camisinha de hortelã.
Pega no meu pau e chupa minha bola,
Não podemos esquecer da camisinha de amora!
É nósis...
Camisinha tem que ter
não pode esquece
é coisa essencial na hora de meter.
De trás de lado seja como for,
use sempre camisinha de sabor
Sexo é bom de baixo de chuva
metendo gostoso com camisinha de uva.
No meu quarto entra de roupa, e sai pelada
hoje eu vou usar camisinha de goiaba.
Meu pau você chupa e minha bola você beija
que tal usarmos camisinha de cereja?
peço pra comer teu cú
você diz nem rola
só se for com camisinha de acerola.
Eu meto em você e você fala me bate

amanhã nós vamos ter camisinha de abacate.
 Eu meto em você até você cair
 camisinha potente é sabor de abacaxi.
 Sei que tu se amarrou na minha sabedoria,
 estudo aprofundado no sabor da camisinha,
 no sabor, no sabor da camisinha.
 Como é que é?
 Camisinha tem que ter
 não pode esquecer
 é coisa essencial na hora de meter,
 de trás, de lado, seja como for
 use sempre camisinha de sabor!

Neste dia conversei bastante com eles. Estavam fazendo várias piadas sobre homossexualidade uns com os outros, além de várias ideias machistas. Falei que achava que realmente era importante usar preservativo na relação sexual, mas que a música e as ideias que eles estavam tendo eram machistas e preconceituosas. Tratavam a mulher como um objeto para uso por parte dos homens. Porém, não achavam que estavam fazendo isso e não levaram muito em consideração as coisas que falei. Tive a sensação de que este tipo de preconceito encontra-se muito enraizado, naturalizado, na cultura da criança.

Escrevi para o grupo proponente sobre a preocupação que fiquei com este tema. Propus como pauta da nossa reunião e conversamos sobre isso. É certo que nossa compreensão era a de que estavam agindo com preconceito e que isto se encontrava naturalizado nos seus comportamentos. Mas nossa tomada de atitude em relação a isso estava um tanto confusa. Começamos a fazer algumas falas no sentido de intervir, cutucar estas ideias difundidas e que não concordamos. Porém, o tema da sexualidade não foi tratado com atividades específicas, e acredito que nós mesm@s não temos estas questões bem resolvidas. Neste sentido, um primeiro passo seria identificarmos estes conflitos individuais e coletivos para expormos de modo a construir um diálogo problematizador das questões, com todo o corpo escolar.

Ao constatar novamente que existe uma relação muito próxima entre o que ocorre no projeto com a vida da escola e do bairro em geral, e que a construção das soluções é uma tarefa coletiva, buscamos outro contato com as professoras. A professora Cledi nos propôs participarmos do conselho de classe, no dia 29 de setembro. Abaixo segue meu relato:

Fomos juntos, eu e Fábio, ao conselho de classe do turno da manhã na escola Zelly. Pedimos à Cledi (diretora) para participarmos por sentirmos que estávamos muito afastad@s da escola, que as professoras não conheciam o projeto e nós não estávamos conseguindo estabelecer algum tipo de contato. No conselho exporíamos um pouco as ideias do projeto, ações e planejamentos. Chegamos na escola e fomos nos dirigindo para a sala. A Cledi já havia falado ao Fábio que o conselho de classe da escola não era uma reunião de professores para

falar mal dos alunos, mas pelo contrário, tinha o objetivo de reunir propostas e soluções. Fomos com uma boa expectativa e realmente foi bem interessante o conselho. A Cledi começou dando uma breve apresentada no projeto e passou para nós falarmos. O Fábio começou falando sobre o projeto, sobre como havíamos planejado e sobre nossa disposição e necessidade em melhorar nossa relação com o corpo escolar para não ficarmos isolados, e assim resumir nossas atividades e propostas às poucas crianças (comparado ao número total de alunos da escola) que participam efetivamente no projeto. Falamos que o projeto e tudo que estamos realizando não é para nós e para o projeto, mas é uma ferramenta que tod@s da escola podem usar e cuidar, propor e construir. Comentamos que acreditamos que podemos relacionar também os conteúdos curriculares com os conhecimentos que buscamos construir, seja sobre questões interdisciplinares, ou mesmo conteúdos disciplinares.

As professoras, de maneira geral, transmitiram a opinião de que não conheciam o projeto, o que fazíamos, mas que se interessaram muito e também acreditavam que poderíamos construir boas interações de conhecimento. Propomos dar uma volta na horta e mostrar o que já construímos. Fomos tod@s lá e as professoras gostaram muito do que viram e conversamos bastante. Comentamos algumas coisas sobre o contexto da escola, do bairro. Do fato de tanto o bairro quanto a escola serem recentes e ninguém ter uma relação mais afetiva com o lugar ou com a escola. Porém, foi unânime a conclusão de que este é nosso desafio: tentar construir algo concreto que possibilite intervir nessa realidade “caótica” do bairro Cidade de Águeda.

A Cledi comentou também que poderia ser muito bom se passássemos novamente nas salas de aula para falar sobre o projeto, para incentivar outras crianças a entrarem e relembrem aqueles que estão inscritos, mas não estão comparecendo.

Uma professora, que é professora da Mariana, uma menina que participa do projeto no turno da tarde, levou uma “prova” da Mariana em que ela falava sobre a separação do lixo e a Composteira. E comentou que acreditava que aquilo era reflexo do projeto (Relato Conselho de Classe Zelly, 29 set. 2011).

3.2.6 Outubro de 2011

Em quase todos os encontros nós fazíamos alongamentos, para nos prepararmos para o trabalho manual. Algumas vezes nos prolongávamos mais, fazíamos brincadeiras e exercícios aeróbicos. A gurizada gostava bastante destas brincadeiras. Como passamos um bom tempo nos dedicando aos trabalhos na horta, el@s nos pediram mais brincadeiras. Um ponto importante destas atividades (Fig. 10) é buscarmos criar maior afinidade entre nós, o que no nosso entender, pode ser uma solução para as violências que fazem un@s contra @s outr@s.



Figura 10 - Piquenique na beira do lago na FURG. Fonte: Acervo do autor. Out. 2011.

Em diversos momentos ocorreram alguns tipos de agressões físicas entre as crianças. Tapas, chutes, empurrões e inclusive algumas pedras foram jogadas. Na ocasião da agressão tentamos sempre resolver através do diálogo, ainda que algumas vezes primeiramente tivemos que ‘desarmar’ @ agressor@. Por um lado, acreditamos que isto pode ser reflexo ou reprodução de atitudes que presenciaram, mas por outro lado, não creio que seja a única explicação, e que muitas vezes a atitude era como uma ‘explosão instintiva’ de raiva em consequência de alguma atitude sofrida. Por isso sempre incentivamos as brincadeiras de exercício do apoio mútuo, solidariedade e companheirismo.

No dia 07 de outubro fizemos algumas brincadeiras, tivemos uma discussão e ainda trabalhamos um pouco. Segue meu relato:

Chegamos atrasad@s (eu e a Juliana), por volta das 10h. Quando chegamos o pessoal estava revirando as composteiras e conversando. D@s maiores estava o Leonardo, Alisson e Matheus, e da criançada tinham 7 ou 8 (Thales, Gabriel, Matheus, Taiurgue, Jordan,...). Conversamos um pouco na chegada, para saber o que estava rolando. O dia estava muito feio, um ventão muito forte vindo de nordeste. A galera estava na função da Composteira e dei a proposta de fazermos umas “brincadeiras”. Sentamos em roda numa parte abrigada do vento e propus que relaxássemos, sentássemos confortavelmente e nos concentrássemos no barulho do vento. A criançada demorou a se concentrar, e principalmente o Gabriel, não parava de falar, fazer barulhos com o corpo ou mexer no celular-televisão. Alguns se concentraram mesmo, outros tentaram, e alguns nem isso. Fomos falando para observarem os sons, os cheiros, que fechassem os olhos e tentassem outro tipo de percepção daquele lugar. Depois deste exercício, propus que fôssemos nos levantando, mas para isso, que seguíssemos o ciclo de uma planta, desde a semente, raiz, caule, folhas, flores, frutos e novamente a semente. Novamente eles demoraram

a participar do exercício, e alguns ficaram de deboche e risadinhas. Mas até que no final todos fizeram alguma coisa. Depois propus que fizéssemos uma caminhada cega, em duplas, um@ grande com um pequeno, onde um ficaria de olhos fechados e a outra pessoa iria guiar pelo espaço da horta. O objetivo era tentarmos nos localizar, (re)conhecer o espaço a partir de outros sentidos. Eu e o camaradinho que foi minha dupla fizemos de boa, foi bem legal, ele se pilhou, gostou do exercício, caminhou tranquilo. Reconheceu quase todos os lugares por onde passamos a partir do solo, das plantas que tocava, do cheiro da Composteira e etc. O Gabriel e o Thales fizeram de dupla, mas mais enrolaram do que realmente fizeram. Além disso eles andavam com uns bumerangues de ‘papelão’ e passaram todo o tempo jogando esses bumerangues. A Juliana e o Leonardo falaram sobre o bumerangue ser uma ferramenta de caça dos aborígenes australianos. Depois disso tentamos nos reunir novamente em roda para conversarmos sobre a atividade, só que a gurizada se dispersou. Alguns demoravam a vir, estavam conversando, e nós tentando reunir todo mundo novamente. O Gabriel então apareceu com uma coleira de cachorro, não sei da onde, e falou que teria que levar o cachorro dele e a Juliana falou “então vai lá de uma vez”, e disse que ele estava só incomodando, atrapalhando o resto da galera. Ele falou “bã sora...” e saiu fora. Depois andava lá pela volta dos guris nos campos quando foram buscar palha, e estava brabo com a Juliana. Depois falei com ele e ele disse que não ia voltar, que ia fazer outra coisa, então falei que tudo bem, mas que ele realmente estava atrapalhando o resto da galera. No momento que a Juliana falou aquilo para o Gabriel ficamos logo debatendo sobre o que tinha acontecido. A Juliana achou ruim o Gabriel e o Thales terem feito de dupla se tínhamos combinado de fazer um grande e um pequeno, e o Leonardo e o Alisson terem feito de dupla, já que não teria “pequeno” para fazer com eles. O Leonardo e o Alisson falaram que não queriam forçar os guris a fazer de dupla com eles, e que os guris já saíram os dois e eles acabaram fazendo de dupla um com o outro. Disseram também que eles falam com os guris de outro jeito. Depois disso a Juliana ficou meio triste, sabendo que realmente o Gabriel estava atrapalhando nossa organização, mas talvez tivesse sido grosseira demais.

Ainda assim depois disso ainda plantamos várias coisas. Depois dessa troca de idéia com um clima um pouco pesado, pensamos em aproveitar a época e plantar umas sementes que o Matheus havia levado nos canteiros que já estavam preparados mas não tinham nada plantado ainda. Plantamos alface, almeirão, tomate, cenoura e mostarda. Enquanto uns foram plantando, outros foram buscar palha nos campos (foi quando o Gabriel encontrou o Thales, o Matheus e outro camaradinho). Depois espalhamos a palha, mas o vento estava tão forte que a palha estava voando. Quando estávamos mexendo na horta, comentei que seria bom fazermos um mapa, descrevendo aquilo que estávamos plantando, para nos organizarmos direitinho, para acompanharmos o crescimento das plantas. O Jordan já pegou um caderno e uma caneta e começou a desenhar. Logo que fez o desenho da horta, começou a planejar outros canteiros no desenho e ter várias ideias. Então surgiu a proposta deles fazerem um mapa durante a semana, para levarem na outra sexta-feira, descrevendo neste mapa aquilo que já estava plantado e dando alguma ideia que ainda não fizemos. Falamos sobre a importância de fazermos um planejamento para organizarmos nossas ações. Depois dessa proposta de tarefa, nos reunimos para dar o grito de “Iê” e fomo-nos embora. Saímos perto do meio-dia (Relato Zelly, 07 out. 2011).

Neste mês aconteceram coisas importantes na escola. Primeiramente começaram as obras de construção do muro em toda a volta, e logo em seguida de um espaço coberto no pátio. A professora Cledi nos informou também que provavelmente se aposentaria no fim do ano letivo, e que em 2012 seria outra professora a diretora da escola.



Figura 11 - Atividade de identificação de espécies com fotos e desenhos. Fonte: Acervo do autor.

Depois do conselho de classe, propomos a algumas professoras desenvolvermos sementeiras nas salas de aulas. A ideia dada pelo Marcus Vinicius, amigo que desenvolve outro projeto de horta ecológica na Escola Jayme Monteiro, em uma conversa na Furg, foi posta em prática no Zelly com força maior a partir de 2012. Entretanto em outubro de 2011, começamos a passar nas salas de aula para pedir que cada criança levasse uma caixinha de leite ou suco (tetrapak) com terra preta para fazermos as mudas. Elas se esqueceram e logo chegou o fim do ano letivo e acabamos não conseguindo fazer. Porém, já selecionamos algumas turmas e explicamos a metodologia da atividade.

A proposta era organizarmos algumas mesas perto das janelas para colocar as caixas tetrapak e as crianças fariam os cuidados necessários para cada espécie plantada. Quando estivessem no tamanho adequado, faríamos o transplante para a horta. Dessa forma, além de aproximarmos as professoras e outras crianças, desenvolveríamos as sementeiras com maiores cuidados, já que necessitam de regas diárias e estávamos indo uma vez por semana na escola. Acreditamos que seria mais um passo para que a horta fosse inserida nas atividades diárias da escola e mesmo nos trabalhos das disciplinas curriculares, como buscamos fazer durante os encontros do projeto.

No dia 21 de outubro, além de outras coisas, passei nas salas para conversar sobre o projeto das sementeiras:

Esperei o professor Gianpaolo na Furg e fomos para o Zelly. Chegamos lá um pouco atrasados e o Alisson e o Leonardo já estavam lá, alguns dos guris também. Estavam presentes: Matheus, Thales, Taiurgui e Nicolas. Conversamos um pouco na horta mandala, eu estava querendo mostrar algumas coisas para o Gianpaolo também. Fomos nos sentar mais abrigados, o vento estava muito forte. Nos sentamos e perguntei sobre os desenhos. Eles haviam esquecido. Eu e o Leonardo não, então mostramos os nossos. Conversamos um pouco sobre os desenhos e sobre a ideia de a partir dos desenhos criarmos novos espaços, canteiros na horta. Mostrei então os livros de identificação de espécies de plantas que havia levado. Eles gostaram bastante, ficaram bem interessados nos livros. Inclusive se interessaram de conhecer a biblioteca da Furg. Falamos sobre as plantas indicadoras, plantas daninhas e medicinais. Identificamos algumas plantas espontaneas da horta, como o nabo-bravo.

Então resolvemos pegar as ferramentas e dar uma trabalhada na horta. Buscamos a enxada e as pás e começamos a capinar os caminhos e utilizar a palha para cobrir a composteira após revirá-la. Quando fomos buscar as ferramentas estava no recreio e encontramos a professora Cledi, apresentei-a ao professor Gianpaolo e ela nos disse que assim que acabasse o recreio, iria falar conosco. Quando estávamos então na capina, a professora Cledi chegou. Acabei largando as ferramentas e ficamos conversando eu, ela e o professor Gianpaolo. Foi uma longa conversa, os guris chegaram a acabar a capina e ir buscar esterco com o carrinho de mão da obra. Tinha bastante barulho da obra, chegou um caminhão com aterro, além do forte vento que fazia bastante barulho no telhado plástico rasgado na nossa casinha.

A Cledi falou um pouco sobre a escola, contou que já estava para se aposentar, achava que este seria o último ano dela. Comentou que buscam inovar bastante na escola, com relação à metodologia e às avaliações. Falou sobre o bairro, sobre o fato de terem muitas pessoas de muitos lugares e de ser um bairro bem recente, assim com a escola, que foi fundada em 2004.

Passei nas salas novamente pra falar sobre o projeto das sementeiras. Foi bem legal em todas as turmas, sempre demonstram interesse. Naquelas que eu já havia passado, poucas crianças já haviam levado suas caixinhas. Numa sala, tinha uma caixinha com bastante areia, aí mostrei a diferença da areia e da terra preta. Fiquei sabendo também que várias pessoas de algumas turmas estavam trazendo os lixos orgânicos para a composteira.

Depois que saí das salas encontrei com os guris no pátio. Conversamos um pouco e voltamos pedalando. Foi bem legal hoje, limpamos a horta e conversamos bastante.

Com relação à horta, tem alguns milhos brotando, tomates também. Tem algumas formigas. As ervas da espiral secaram bastante, estavam bem feias. Mas agora também estou me dando conta que a espiral foi feita com o adubo da composteira, que pode não estar ainda completamente pronto e estar um tanto ácido. Regamos as mudas de árvores (Relato Zelly 21 out. 2011).

3.2.7 Considerações sobre 2011

Chegamos ao fim do ano letivo de 2011 com a composteira em pleno funcionamento, a horta mandala sendo trabalhada para a melhoria do solo, uma espiral de ervas e outros canteiros retangulares. Plantamos milho, feijão, ervilha, cebola, salsa, aveia, trigo, tomate entre outras. Nos empenhamos no aprendizado teórico e prático da agroecologia.

Desenvolvemos ainda oficinas de reconhecimento e manipulação de plantas medicinais, capoeira angola, alongamentos, vídeos, leituras, debates e atividades artísticas em geral.

O muro em volta da escola foi construído e a horta ficou completamente isolada do resto do bairro. Por um lado foi bom, pois muitos cachorros, cavalos e pessoas arrancavam e estragavam algumas coisas, mas por outro lado, perdemos um pouco o contato com a vizinhança e ficamos mais restritos aos contatos no interior da própria escola. No turno da manhã, acabamos o ano com cerca de 15 crianças participando e 7 adult@s do grupo proponente.

Consideramos as experiências muito boas e frutíferas. Planejamos a ampliação das atividades para o ano de 2012. Entretanto, como veremos, muitas coisas mudarão completamente. A direção da escola passará para a professora Mirlei e nosso grupo proponente irá diminuir bastante, nos obrigando inclusive a manter o projeto apenas no turno da manhã.

A diferença entre os grupos do turno da manhã e da tarde foi tema de constantes diálogos ao fim do ano letivo. De maneira geral, no turno da manhã, as crianças eram maiores, estavam entre a sexta e oitava série, compreendiam e nos respeitavam mais e sempre foram um grupo menor, de cerca de quinze crianças. Já no turno da tarde, o grupo chegava a ter mais de trinta crianças, menores, da quarta e quinta série, e muito mais inflexíveis em relação às propostas de atividades. Os problemas de brigas, desrespeito, indiferença aconteciam muito mais no turno da tarde. Propus mudar meu turno de dedicação no ano de 2012, entretanto, por motivos pessoais de outros compromissos, não pude continuar no turno da tarde e voltei para o grupo da manhã.

3.2.8 O retorno das atividades em 2012

Durante a reorganização das atividades para o ano de 2012 nos deparamos com o fato de que nosso grupo havia diminuído consideravelmente. Eu e a Juliana tivemos um filho, o León, por isso ela optou em não participar tão ativamente do projeto para ficar com ele enquanto eu participava. O Leonardo, que participava muito ativamente, foi trabalhar como professor municipal em Camaquã e, portanto, não continuou nas atividades do projeto. Outr@s já haviam deixado de comparecer durante o ano de 2011: Thiago, Carlos e Maíra. Seguimos durante o primeiro semestre de 2012: eu, Fábio, Matheus, Alisson e Daniel. Juntou-

se a nós durante o ano a Anne, que participou algumas vezes, além de outras pessoas que colaboraram esporadicamente, como a Paula e o Gustavo.

No segundo semestre de 2012 o Matheus e o Alisson tiveram de largar o projeto para trabalhar em outras atividades. Fiquei sozinho no turno da manhã e o Daniel e o Fábio seguiram algum tempo no turno da tarde. Porém, antes do fim do ano letivo tivemos de cancelar as atividades do turno da tarde por falta de pessoas para acompanhar as crianças. Segui sozinho com o projeto até o fim do ano letivo de 2012.

Apesar do grupo ter diminuído, nossa esperança quanto a aproximação com o programa COMUF e as pessoas que o integram, no princípio nos motivou bastante. Logo começou nossa decepção em relação a isso, como já relatei. Entretanto, a motivação das crianças do turno da manhã e os constantes desafios que surgiam na minha frente, despertavam uma força e um sentimento de solidariedade que senti por parte delas. Por isso nosso trabalho seguiu se intensificando e a partir do segundo semestre o planejamento era feito só por mim e por elas. Dediquei-me inteiramente a construir, ou apenas deixar explícita, a capacidade desta gurizada em continuar com o projeto de maneira independente, ou seja, autogerirem as atividades. A incerteza do seguimento do meu acompanhamento semanal efetivo durante o ano de 2013 foi o pretexto para motivá-l@s, ainda mais, a buscarem uma organização autônoma.

Relatarei de maneira mais detalhada os passos que demos durante o ano de 2012, período que encerra a pesquisa que proponho fazer neste trabalho.

3.2.9 Março de 2012

Em março fomos até a Escola para novamente conversarmos com a direção. Soubemos então que realmente a professora Cledi havia se aposentado e no seu lugar, assumira a professora Mirlei. Ela nos recebeu e logo falamos da nossa disposição em retomar as atividades com uma turma em cada turno, com um encontro semanal. Em relação a isto, estava tudo certo. Entretanto, ela precisava nos dar um comunicado importante: teríamos de trocar a horta para outro lugar.

Escolhemos o local da horta junto com a professora Cledi, no início de 2011, por ser um lugar onde não havia nenhuma obra planejada. Porém, a professora Mirlei nos comunicou que ali futuramente seria construído um prédio anexo da Educação Infantil, e que por isso, deveríamos trocar a horta de lugar. Ficamos surpresos com o comunicado e ao mesmo tempo

um tanto impotentes, já que de fato, não participamos, nem somos ouvidos, para a tomada de qualquer decisão por parte da direção da Escola. Fomos praticamente obrigados a aceitar a decisão e assumimos esta primeira tarefa para os primeiros encontros.

O que nos deixou mais insatisfeitos, foi o fato de termos nos dedicado durante todo o ano para melhorar a qualidade daquele solo e agora teríamos o mesmo trabalho em outro local. Porém, este se tornou apenas mais um desafio entre tantos que enfrentamos. Comparado com o desafio de enfrentar e transformar a realidade do bairro, mudar a horta de lugar era quase nada.

3.2.10 Abril de 2012

No dia 04 de abril de 2012 reiniciamos as atividades do projeto “Vivências com a terra”. Nas duas primeiras semanas fui no turno da tarde, mas a partir da terceira até o final do ano letivo fui no turno da manhã. Este primeiro mês foi de trabalho duro na horta, pois “carregamos” para o novo local tudo o que conseguimos e também recomeçamos o trabalho com o solo.

Durante o período das férias foram finalizadas as obras de construção do muro, de uma pracinha para a Educação Infantil, a cobertura dos caminhos que ligam os prédios e de um espaço aberto, ou seja, um pátio para o inverno. Nossas ferramentas continuaram sendo guardadas dentro do espaço gradeado onde ficam os botijões de gás, porém agora neste espaço coberto. Este local nos proporcionou um pouco mais de conforto, já que era mais abrigado que o pátio para os dias frios de inverno e mais arejado e com sombra para os dias quentes de verão.

Retomamos a atividade das sementeiras nas salas de aula, creio que o passo mais importante que demos para além do que já fazíamos, neste primeiro semestre de 2012. No segundo semestre de 2012 optei por não continuar esta atividade, já que ocupava um tempo importante de trabalho na horta com as crianças do projeto. Quando aconteceu de precisar acompanhar as sementeiras durante as aulas do turno da manhã e a criança do projeto me acompanhar ou ficar na horta, não vi nem consegui desenvolver outra atividade com elas.

Zelly fez o seguinte relato:

Cheguei na escola um pouco atrasado, às 14h e 30 min. O pessoal estava reunido no pátio conversando e se organizando. No total éramos 10 pessoas, 4 proponentes (Fábio, Matheus, Daniel e eu) e 6 crianças. Nos apresentamos, já que era o primeiro dia do recomeço do projeto e algumas crianças eram novas. Conversamos um pouco

sobre os anseios e as expectativas da criançada em relação ao projeto. Todas estavam motivadas em desenvolver as atividades da horta, de plantio e etc. Deixamos tod@s a par da mudança de lugar que teríamos que fazer com a antiga horta, pois no local será construído outro prédio para ampliar a capacidade da escola. Nos foi disponibilizado então um novo local para desenvolvermos as atividades, porém temos pela frente o grande trabalho de transferir tudo. A proposta de atividade para este dia foi exatamente esta, começar o planejamento da nova horta para receber a terra adubada da antiga. Planejamos construir uma nova horta em formato de mandala, desta vez ainda maior, com um espiral de ervas no centro, para começarmos a desenvolver as atividades de plantio. Passamos toda a tarde conversando e desenhando a mandala. Conversamos sobre o significado da mandala, e nas especificidades de um plantio utilizando este formato de horta que possui uma grande relação com a trajetória solar, intercalando canteiros que pegam mais sol e canteiros que pegam menos sol. No fim, desenhamos uma mandala com 12 canteiros, como um relógio.

Durante todas as atividades, dois meninos, o Talisson e outro que não recorro o nome, estiveram brigando entre si, e principalmente o Talisson, praticamente não ajudou nas atividades. Ele ficava implicando com o outro menino e fazendo qualquer outra coisa. Apesar de constantemente estarmos convidando-o a participar, ele logo se dispersava e partia para outra.

Mesmo assim as atividades foram muito boas e nosso trabalho rendeu bastante, já que quando demos por encerradas as atividades, às 17h, estávamos com a mandala e a espiral completamente desenhadas e marcadas com pedras (Relato Zelly 04 abr. 2012).



Figura 12 - Desenho da segunda horta em formato de mandala. Fonte: Acervo do autor. Abr. 2012.

No dia 11 de abril:

Chegamos, eu e o Alisson, um pouco depois das 14h, e a criançada já estava toda reunida na porta da escola. A diretora não havia deixado entrarem enquanto nós não chegássemos e logo que nos viram nos cobraram pelo atraso. Não tivemos o que falar, pois realmente estávamos atrasados. Nos encaminhamos para o pátio e

começamos a nos organizar. Estavam presentes o Welerson, Alexandre, James, Emily, Mariana, Eduarda, eu e o Alisson. Tínhamos duas atividades principais para desenvolver: plantar as mudas de árvores que conseguimos e transportar a terra da antiga horta para a nova espiral de ervas. Então nos dividimos em dois grupos de atuação nestas duas diferentes atividades. Plantamos todas as mudas na volta da mandala e logo nos dedicamos tod@s no transporte da terra. A gurizada trabalhou bastante, mesmo o trabalho sendo duro e cansativo. Capinávamos com enxadas os canteiros antigos, juntávamos a terra com as pás até encher o carrinho de mão e despejávamos tudo nos novos canteiros da mandala. Além disso, combinamos de fazer um portfólio, em um caderno, onde uma pessoa a cada semana fica responsável em relatar o que foi feito durante o projeto. Nesta semana o Alexandre se responsabilizou em relatar a atividade. Tivemos que acabar as atividades, pois já estávamos tod@s muito cansad@s do trabalho, mas mesmo assim algumas crianças ainda queriam mais. Certamente houve alguns momentos em que alguns não estavam por compartilhar as atividades. O Alexandre trabalhou legal, mas passou todo o tempo de implicância com o James. O James é que não trabalhou, nem na semana anterior nem nesta. Ele passa boa parte do tempo implicando com o pessoal, não só com o Alexandre, mas também com as meninas. O Welerson e as meninas se dedicaram integralmente no desenvolvimento das atividades e realmente trabalharam duro. Foi bem legal e produtivo. Nos reunimos no final para conversarmos brevemente, lembrando da mudança de horários do projeto, da responsabilidade pelo portfólio, e para trocarmos ideias sobre o que fizemos e o que temos em mente para fazer. Fomos embora por volta das 17h, cansad@s de tanto capinar e carregar o carrinho (Relato Zelly, 11 abr. 2012).

Em 20 de abril, voltei ao turno da manhã. Além disso, fizemos contato com o pessoal do Horto da Furg, onde ocorre a compostagem de alguns resíduos do Restaurante Universitário. Fomos até o horto e havia muita terra compostada em descanso sem utilização. Pedimos para usá-la nas escolas e conseguimos um frete até a Escola Zelly e outro até a Escola Jayme Monteiro.

Tínhamos muitas coisas para fazer, pois conseguimos muita terra compostada para colocar na horta e além disso, eu tinha o compromisso de passar nos terceiros anos para começar a desenvolver o projeto das sementeiras em sala de aula. Então, conversamos sobre as atividades que tínhamos para desenvolver e logo me dirigi para minha tarefa. Não sei muito sobre o que aconteceu com o pessoal que ficou trabalhando na horta, mas em geral ficaram transportando a terra.

Sobre as sementeiras, são três terceiros anos pela manhã, e um não estava na sala, portanto só fizemos as sementeiras em dois. Na primeira turma, aparentemente a professora não estava tão empolgada com o projeto, só quatro crianças haviam levado caixas de leite e por isso fizemos uma sementeira coletiva numa caixa de madeira, já que muitas iriam ficar sem poder cuidar de uma plantinha. Nas duas salas de aula utilizei o quadro negro para colocar as principais informações sobre a planta: nome, época de plantio, tempo de germinação, transplante, colheita e os cuidados necessários. Na primeira turma plantamos Alface Quatro Estações e na segunda, Couve Manteiga da Geórgia.

Na segunda turma, a professora estava muito mais empolgada e motivada em construir o projeto. Tod@s tinham caixinha de leite e ela fez um pequeno caderno para servir de “diário de bordo”, para anotarem as transformações da plantinha.

Fomos com a criançada, uma turma de cada vez, até a horta para conhecerem, pegarem a terra para suas sementeiras e, por fim, plantar. Foi uma atividade bem legal e creio que dará resultados bem interessantes se as mudinhas realmente forem cuidadas (Relato Zelly, 20 abr. 2012).

A relação que estabeleci com as professoras e a forma como cada uma aproximou-se do projeto, me fez perceber o quão importante é a vontade de cada um@ em fazer. Tentei mostrar isso nos relatos. Foram três turmas que participaram da atividade. Porém, em uma delas, senti desde o começo, que a professora não tinha entusiasmo com aquilo, apesar de as turmas terem sido escolhidas por se voluntariarem a participar. Neste caso, eu ia até a sala de aula, as crianças estavam empolgadas, me mostravam as mudas, faziam perguntas, contavam coisas, porém depois que eu saía, elas ficavam praticamente toda a semana sem tratar daquele tema durante as aulas. Então eu me sentia quase como uma ‘pedra no sapato’, incomodando com minhas convicções e sonhos.

Nas outras duas turmas, as professoras propunham e desenvolviam várias atividades com aquele tema: colagens, desenhos, anotações em diários, visitas à horta, entre outras. Quando eu ia nestas salas, além delas estarem empolgadas e tudo o mais, me mostravam outras produções artísticas, culturais, científicas envolvendo o tema da horta, das plantas e etc. Era um processo de muitas mãos. Pois eu também voltava para a horta, contava para o pessoal, e isto tornava-se mais um motivo para trabalharmos muito bem naquela terra. Também fizemos sementeiras na rua, por precaução e para a criançada do projeto ter as suas mudas.



Figura 13 - Atividade de plantio. Fonte: Acervo do autor. Abr. 2012.

Dentre outras coisas, no dia 27 de abril, fui acompanhar as sementeiras:

Na primeira sala que fui não havia ninguém e pegamos a sementeira feita numa caixa de madeira para levamos para a rua. Havíamos colocado-a em cima de uma classe, mas no turno da tarde todas as classes são utilizadas e não havia outro local para deixá-la. Mesmo assim fui olhar as mudas e elas estavam brotando, já estavam com as duas primeiras pseudo folhas. Na segunda sala fui recebido com muito entusiasmo pela criançada. Vários gritavam ao mesmo tempo que suas mudas tinham nascido e além disso a professora falava que os estudantes do turno da tarde haviam encharcado as mudas. Então várias crianças começaram a falar que sua muda tinha sido encharcada. Eram muitas pessoas gritando comigo ao mesmo tempo, então falei: Vamos lá ver essas mudas! E fui.

As mudas estavam muito bonitas, praticamente todas haviam germinado e tod@s estavam surpresos, pois eu havia dito que para germinar poderiam levar duas semanas e fazia apenas uma semana que tínhamos plantado. Disse também, que o fato de terem sido encharcadas uma vez poderia não causar nenhum dano e que somente com vários dias de encharcamento é que apodreceriam as raízes e poderiam matá-las. Aconselhei-@s a observarem todos os dias se não estavam encharcando as mudas e mostrei como tirar o excesso de água sem derrubar a planta. Tirei algumas dúvidas e em seguida fui para a terceira sala. Nesta eu não havia plantado, pois na semana passada estavam na sala de vídeo e acabei não conseguindo fazer a atividade. Passei para marcar o plantio na semana que vem, dia 04-05-2012 (Relato Zelly, 27 abr. 2012).

3.2.11 Maio de 2012

O mês de maio foi de muito trabalho e ao mesmo tempo o clima estava ótimo para a horticultura. O verão foi extremamente seco. Houve muitas perdas na agricultura da região, em função da seca e também do modelo de agricultura predominante, altamente dependente de insumos e mais vulnerável às mudanças climáticas. A partir de abril, mas principalmente maio e junho, foram meses chuvosos, aliviando a seca e proporcionando um ambiente mais favorável para a horticultura.

Nosso acompanhamento é semanal, apenas uma vez por semana. Para a manutenção de uma horta complexa, é muito pouco. No meu caso, era o tempo que tinha. Mas pedíamos para as crianças fazerem algumas atividades, principalmente de rega e manutenção da composteira durante o resto da semana. Às vezes faziam, mas foi só quando o Wesley começou a participar que ele fazia estes trabalhos com frequência durante a semana.

No dia 11:

Cheguei na escola às 9h e só o Thales estava lá. Entramos, pegamos as ferramentas e nos alongamos para começarmos a trabalhar. Pensamos que só nós dois iríamos participar do projeto. Logo chegou o Fábio, Daniel, Ane e o Nicolas. Então nos reorganizamos e levantamos as atividades do dia. Tínhamos que regar a horta, fazer algumas manutenções na composteira e em alguns canteiros e ainda passar nas

turmas do 3º ano para ver como estão as mudas e fazer mais. O pessoal ficou fazendo os trabalhos na horta e eu passei nas turmas para acompanhar as sementeiras. Na primeira sala, onde poucas pessoas tem suas caixinhas e fizemos uma sementeira coletiva em uma caixa, as mudinhas das caixinhas tetrapak estavam pequenas, mas bonitas, assim como as mudas da caixa. Estamos cuidando da caixa junto à horta, na rua, pois não sobrou espaço para a caixa de madeira dentro da sala de aula. Fomos para a rua ver como estava a caixa e el@s ficaram bem felizes ao verem as mudinhas já germinadas. Na segunda turma várias mudinhas já haviam germinado, porém, algumas haviam sido arrancadas ou derrubadas pel@s alun@s do turno da tarde. Algumas crianças estavam bem tristes por terem ficado sem muda. Eu me esqueci de levar novamente as sementes, então me comprometi de levar na próxima semana para replantar com quem perdeu sua muda.

Na terceira turma, que ainda não havíamos plantado, estavam esperando ansios@s pela minha ida. Entrei na sala e escrevi no quadro algumas informações sobre a cebola crioula, que el@s plantariam. Escrevi o tempo de germinação, transplante e colheita e alguns cuidados básicos com as mudas. Depois que copiaram, conversamos sobre essas informações e várias dúvidas surgiram. Falei sobre a semente da cebola, e de como é difícil de colher e guardar suas sementes, bem como sobre o ciclo da cebola. Fiz um desenho no quadro de um pé de cebola, com a flor e mostrei a técnica do saquinho que cobre a flor para colher as sementes.

Ficaram bem impressionad@s e ansios@s para plantar. Finalmente fomos até a horta, onde o pessoal já estava acabando as atividades. Demos uma volta na horta, mostramos a composteira, a mandala e a espiral de ervas e fomos para o plantio. Separamos uma terra de composto para encherem suas caixinhas e após fazerem isso vinham até mim pegar as sementes para semear. Depois de semear, iam até a Ane para colocar um pouco de palha sobre a terra descoberta. Ao fim tod@s plantaram e estavam felizes com suas caixinhas (Relato Zelly, 11 mai. 2012).



Figura 14 - As meninas orgulhosas das mudas produzidas. Fonte: Acervo do autor.

Mai. 2012.

No dia 18 de maio já estava explícito o bom desenvolvimento da horta:

A horta estava muito bonita, os trigos brotando já praticamente cobriam todos os canteiros. Várias outras mudas nasciam espontaneamente, como tomates e uma batata inglesa. Na espiral de ervas, muitas abóboras brotavam. Creio que nem os tomates, nem as abóboras conseguiremos colher, porém suponho que elas representem a grande diversidade de sementes que possui o solo da nossa horta.

Pretendíamos começar a fazer a maquete, porém o Alisson se atrasou e o Fábio acabou não levando a lona que usaríamos para forrar a maquete. Conversamos sobre essa proposta e a gurizada gostou bastante. Pela primeira vez o Diego veio ao projeto. Então nos apresentamos e aproveitamos a oportunidade, levando em conta que vamos fazer uma maquete da horta, e demos uma caminhada na horta e conversamos sobre o que estamos fazendo lá. O plantio de trigo para abono verde, o uso da palha para cobrir o solo, o formato de mandala da horta, a espiral de ervas, a composteira e as sementeiras. Conversamos também sobre a relação da nossa horta com a trajetória solar e como se projeta a luz/sombra nos canteiros e na espiral.

O Lázaro levou seu violão e tocamos algumas músicas durante toda a manhã. Alguém tocava e quando acabava, largava o violão e em outro momento outra pessoa tocava. Levei sementes de cenoura e couve chinesa, além das sementes que plantamos nas sementeiras das salas de aula.

Depois da primeira conversa na horta, nos reorganizamos para as atividades do dia, que eram: regar a horta, passar nas salas para conversar com a criançada, além de ver as sementeiras e fazer mais sementeiras para as cenouras e couves chinesas. Fomos nos revezando nas atividades e realizando todas simultaneamente, não esquecendo do violão. Passei nas salas e as mudas estavam, em geral, germinando. As sementeiras que não haviam germinado, replantamos. A sementeira na caixa de madeira que estamos cuidando na rua está com muitas mudinhas. Na horta, utilizamos algumas caixinhas de leite, garrafas pet e até tijolos de seis furos como sementeiras.

Pela primeira vez, desde que começamos o projeto em 2011, ganhamos merenda. Era pão de leite com mel e suco de pó. O pãozinho estava bom, mas não gosto muito de suco de pó.

Foi bem legal o encontro, rendeu bastante e a gurizada esteve bem envolvida nas atividades. A horta está se desenvolvendo muito bem (Relato Zelly, 18 mai. 2012).

No dia 25 de maio, fizemos o primeiro transplante das mudas feitas pelas crianças do terceiro ano:

Passei nas salas onde está sendo desenvolvida a atividade das sementeiras. A primeira turma era a que havia plantado as alfaces na caixa e que por motivos de falta de espaço na sala, acabamos levando-a para a horta e cuidamos lá. Fomos com todas as crianças para verem suas mudas que já iríamos transplantar. Ficaram muito contentes por verem as mudas tão desenvolvidas.

Na segunda turma, as mudas ainda estão pequenas. O que acontece é que o pessoal que utiliza a mesma sala no turno da tarde está “afogando” ou simplesmente arrancando as mudas. Mesmo assim várias mudas crescem nas caixas tetrapak.

Voltei para a horta e passamos o resto da manhã regando e transplantando as mudas de alface. Não éramos muitos e haviam muitas mudas. Transplantamos para três canteiros da horta mandala.

No fim, a criançada estava muito a fim de brincar com bola. Aceitamos a proposta de jogarmos alguns jogos com bola.

Interessante ressaltar que durante o desenvolvimento de todas as atividades estivemos tratando de temas da educação ambiental, como a relação que temos com os alimentos, o envenenamento dos solos e das pessoas por agrotóxicos e as possíveis alternativas, como a que estamos desenvolvendo, de plantio de alimentos sem a utilização de nenhum tipo de insumo químico (Relato Zelly, 25 mai. 2012).



Figura 15 - Transplante das mudas produzidas nas salas de aula. Fonte: Acervo do autor. Mai. 2012.

3.2.12 Junho de 2012

Em junho choveu bastante, o que ajudou muito a horta, mas não tivemos projeto por três semanas em função do mau tempo e na outra não pude comparecer. Neste fim de semestre, comecei a perceber o efeito de já estarmos no segundo ano de projeto. Os temas que trabalhamos estavam despertando muita atenção da criançada. A horta estava muito bonita, bem mais diversa e produtiva que a antiga, o que motivava ainda mais a tod@s.

Já sabiam como proceder em relação à manutenção da horta, e percebi que aquel@s que estavam frequentando as atividades, eram aquel@s que realmente gostavam daquilo. Em relação ao princípio de 2011, o número de participantes diminuiu bastante, mas a intensidade de cada um@ só aumentou. Em julho ocorreram as férias escolares, retomamos em agosto.

3.2.13 Agosto de 2012

No início do mês de agosto tivemos nosso primeiro encontro do segundo semestre. Diversos acontecimentos adversos e atividades além da horta ocorreram. O tema da violência

apareceu de maneira muito forte. Primeiramente quando conversei com uma menina que estava no recreio, quase chorando, com o olhar triste, no dia 03 de agosto:

No fim da manhã, quando estávamos lavando nossas mãos, uma menina que estava no recreio ficou nos olhando com um olhar triste. Então perguntei se estava tudo bem e ela disse que não. Perguntei por que e ela respondeu que seu irmão estava todo machucado no hospital. Fui perguntando e ela me disse que ele tinha 6 anos e que um outro menino bateu nele com um pedaço de pau com prego. Falei algumas palavras de ânimo e logo ela saiu com o fim do recreio. Isso foi bem impactante. Logo arrumamos as ferramentas e fomos embora (Relato Zelly, 03 ago. 2012).

Depois uma outra situação que presenciei:

Em um momento fomos tomar água na torneira ao lado da quadra poliesportiva onde muitas crianças estavam na hora do seu recreio. Logo que chegamos o recreio acabou e as professoras se posicionaram ao lado da quadra e ordenaram que se formassem filas. Elas gritavam muito, especialmente a vice-diretora. O Thales e o Nicolas começaram a me falar que parecia o exército. Logo em seguida vimos que uma menina não se encaixava em uma das filas, ela era bem alta. A vice-diretora então se enfureceu e gritou muito com a menina, de uma forma extremamente violenta, grosseira e autoritária. Todos ficamos meio assustados com a atitude (Relato Zelly, 10 ago. 2012).

E ainda:

No fim da manhã, quando estávamos guardando a mangueira, o Uilson bateu com a mangueira na Bianca e esta se enfureceu e começou a xingar e a jogar tudo o que via pelo chão: pedras, paus, tudo. Fui logo tentar acalmá-la e foi bem difícil. Ela chegou a acertar uma pedra na grade da janela de uma sala de aula. Foi bem feio. Depois de um tempo conseguimos acalmá-la. Ela disse que ele sempre a incomoda e que ela não deixa assim, revida. Tentamos conversar, mas ela também não estava querendo escutar. Depois acabou se acalmando e foi embora mais tranquila. Fiquei pensando nisso que aconteceu, no fato de lidarmos frequentemente com a violência na escola. Pensei também que conheço muito pouco da realidade de cada um@ que participa do projeto e que talvez esta atitude da menina seja uma forma dela se proteger de coisas que ela possa sofrer, como preconceito, machismo e outras violências morais. Por esse motivo, pensei em propor uma atividade para a próxima semana para buscarmos conhecer melhor a realidade cotidiana da criança (Relato Zelly, 17 ago. 2012).

Por fim, no mês de agosto, tomei conhecimento da 'Patrulha Mirim', através do Daniel, que presenciou primeiramente uma apresentação deste projeto militar. Em seguida eu também presenciei a apresentação e outras atividades da 'Patrulha' (especialmente no mês de outubro, onde relatei duas vezes estas atividades), como chamam as crianças. Este projeto desenvolve atividades com as crianças de disciplinamento e formação ética e política. Na apresentação, um adulto vestido com roupas militares camufladas, dava ordens para as crianças ficarem na posição de 'sentido', marcharem, cantarem e etc. No decorrer das atividades, el@s fazem ações de recolhimento de lixo, distribuição de materiais informativos sobre doenças, separação de lixo e outros. Na página virtual da 'Patrulha Mirim' o projeto é definido como: "Nós somos um Grupo de Voluntários com um fim comum de Resgatar os

valores Cívicos e Morais de nossos jovens e adolescentes, instruindo e adestrando-os para um futuro melhor” (Disponível em: <<http://patrulhamirimrg.webnode.com.br/sobre-nos/>>).

Como já coloquei anteriormente, o bairro Cidade de Águeda é considerado um dos mais perigosos e violentos de Rio Grande, assim como o mais pobre. Projetos semelhantes, inclusive com o mesmo nome, são desenvolvidos em comunidades que recebem Unidades de Polícia Pacificadora (UPP’s). Este tipo de projeto, que age exatamente no adestramento e disciplinamento, tem como objetivo, na minha compreensão, neutralizar focos de resistência ao andamento previsto, pelos agente repressores do Estado, para a organização social.

No mesmo dia em que viu a apresentação, o Daniel foi conversar com a direção, argumentando que nosso projeto vinha propondo a solidariedade e a não-violência, e que aquele tipo de apresentação era o oposto do que trabalhamos durante todo este tempo. Segundo ele, as professoras diziam que “não era para tanto”, e ele chamou a ‘Patrulha’ de um projeto fascista. Ao que elas apenas riram. Uma vez eu também conversei com a diretora sobre isso, ela respondeu que era um projeto da Prefeitura e deu a entender que não era uma decisão sua.

Justamente a Bianca, que várias vezes agiu com violência quando provocada, participou da Patrulha. Sempre dei minha opinião e deixei explícita minha crítica e constatação de que nossas metodologias, enquanto projetos, eram opostas. Algumas vezes ela chegou a não participar do nosso projeto por colidir com o horário da Patrulha. Ela sempre disse que gostava da Patrulha.

Eles estabelecem hierarquias, promovendo alguns adolescentes, que passam a comandar grupos de crianças menores nas atividades. Inúmeras vezes vi o grupo da Patrulha reunido sem a presença de adultos, apenas com uma adolescente no comando (como relatarei no mês de outubro). Por isso entendo, como coloca Murray Bookchin, que:

Quase desde o berço temos sido socializados pela família, instituições religiosas, escolas e pelo próprio trabalho, aceitando a hierarquia, renúncia e sistemas políticos, como premissas sobre as quais todo o pensamento deve apoiar-se. Sem esclarecer essas premissas, todas as discussões sobre o equilíbrio ecológico permanecerão meros paliativos e serão contraproducentes (BOOKCHIN, 2010, p. 161).

Um dia a Bianca me falou que pretendia estudar no colégio da Marinha, e que por isso sua mãe havia dito para ela participar da Patrulha. Ela queria estudar na Marinha e gostava da Patrulha. Mesmo assim continuou no projeto “Vivências com a terra” até o fim de 2012, sempre colaborando com as atividades da horta, interessada em plantas medicinais e etc.

Comecei a crer que estavam ocorrendo graves retrocessos das posturas pedagógicas e no tratamento dado às crianças neste ano de 2012. Quando a Cledi era a diretora, a escola era decorada com pinturas, desenhos. Ela era mais carinhosa e compreensiva com as problemáticas das crianças, se interessava pelo nosso projeto, apoiava este tipo de ação. Na gestão da professora Mirlei, tivemos de mudar nossa horta de lugar, não vimos mais pinturas, começou a ocorrer a Patrulha e ela não se aproximava do nosso projeto.

Uma vez ela me chamou e pediu para que juntássemos as pedras do pátio e colocássemos numa caixa, pois as crianças jogavam durante o recreio as pedras nos telhados. Ela nunca havia dado nenhuma sugestão de atividade, elogio, crítica ou o que quer que fosse. Então lhe respondi que achava sem lógica esta tarefa, já que a caixa ficaria ali e as crianças espalhariam tudo novamente. Que as pedras deveriam ter uma destinação melhor e que tínhamos outras atividades planejadas para o momento. Ela foi pedir a mesma coisa para o Fábio, no turno da tarde, e este respondeu que nosso projeto não se propõe a recolher entulho, mas fazer Permacultura.

A violência já existe, ou seja, na escola ela pré-existe. Não foi criada ou despertada pela escola, entretanto, a tarefa desta enquanto modelo ético e político, deveria ser o de agir no sentido da não-violência, da criação de alternativas às problemáticas enfrentadas que garantam a dignidade e o bem-estar de tod@s, sem submissões, subordinações ou servidões. O disciplinamento através do exercício do autoritarismo em suas diversas formas, não estimula a autonomia pela busca das resoluções, mas incentiva a dependência às esferas, órgãos, instituições ou pessoas situadas em níveis maiores de hierarquia, representados na escola, em última instância, pela relação entre professor@ e alun@ .

Como consequência, em geral, as reivindicações das comunidades inseridas neste modelo de organização, se limitam a cobranças dos governos para que resolvam os seus problemas, assumindo posições de dependência. Algumas questões simples por vezes levam muitos anos ou nunca são solucionadas pelo Estado, pois as decisões ficam nas mãos de pessoas que não convivem com aquela realidade e tampouco tem interesse em conviver. O bairro Cidade de Águeda é um exemplo disso: por quantos anos ficou sem água ou luz? Há quantos anos as ruas não são pavimentadas? É oferecido um péssimo serviço de transporte coletivo, não existem praças ou outros locais para lazer e não há nem mesmo tratamento de esgoto.

Pensando nestas questões é que elaboramos e mantemos o projeto. A violência sempre foi um tema que nos chamou muita atenção. Além das atividades da horta, a Capoeira Angola foi importante neste sentido. Através dela refletimos coletivamente (o que difere

completamente de levarmos uma resposta pronta) sobre esta condição que enfrentamos de buscarmos construir uma alternativa coletiva de vida livre, vislumbrada pelos negros nos quilombos, e as estratégias de resistência frente às opressões. O próprio bairro surgiu pela resistência d@s morador@s, que em 1993 ocuparam e resistiram às ameaças, inclusive policiais, de desalojo. Porém, quando reconhecid@s pelo Estado, passaram a assumir uma posição de dependência das políticas públicas, construída desde o primeiro fio de luz e cano de água que chegou ao bairro.

A Escola, a Unidade de Posto de Saúde e o Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), foram passos planejados neste duplo jogo: garantir alguns serviços básicos à população miserável, porém planejados, organizados e mantidos sem a participação, ou com muitas restrições à autonomia da comunidade. Silenciando as vozes descontentes exatamente por proporcionar-lhes uma única possibilidade de solução: esperar que o Estado ‘resolva’ os problemas.

Nossa proposta é a de transformar o papel destas estruturas consolidadas. Dentro da Escola, propomos estas atividades, que diferem completamente da maneira convencional de trabalho escolar. Nossa ‘sala de aula’ é ao ar livre, nosso ‘livro didático’ é a horta e nossos temas de discussão e problemáticas surgem da vida cotidiana. Já no CRAS, também buscamos uma aproximação e desenvolvemos oficinas com os grupos de crianças e terceira idade, mas abertas e com participação de outras pessoas da comunidade. Foram oficinas de compostagem de resíduos orgânicos, fabricação de sabão utilizando óleo vegetal reciclado e tratamento de água cinza com a técnica do círculo de bananeiras.

A complexidade da realidade faz transparecer uma ideia de completa inutilidade das nossas ações em um nível macrosocial (entendido este como a realidade do bairro Cidade de Águeda como um todo), seja por falta de dados referentes a um número importante de experiências autônomas bem sucedidas, seja pelo curto espaço de tempo para uma transformação substancial ou também para a possibilidade de visibilidade destas mudanças por minha parte, enquanto pesquisador-ativo. Entretanto, alguns resultados que se encaixam no que considero o nível microssocial (que envolve poucas pessoas com as quais tivemos um contato mais intenso), apresentarei nas considerações finais.

3.2.14 Setembro de 2012



Figura 16 - Espiral de ervas. Fonte: Acervo do autor. Set. 2012.

Em setembro de 2012, em função dos feriados, tivemos apenas dois encontros. A horta estava em pleno desenvolvimento. Em agosto nós reciclamos dois sacos grandes com caixinhas tetrapak de suco de 200 ml, para fazermos as sementeiras. E recomeçamos este trabalho de sementeiras para as estações de primavera e verão.

Cheguei na escola por volta das 9h. Estiveram presentes: Bianca, Anne, Thales, Nicolas, Taiurgui e Uilson. Conversamos um pouco e percebemos que as mudas de árvores estavam bem secas e que precisávamos lavar as caixinhas de suco que reciclamos. Então nos dividimos nos trabalhos, entre manutenção da horta e arrumação das caixinhas. A Anne acabou não levando as coisas para o xarope que havia falado faz algumas semanas.

No fim, fizemos o que tínhamos para fazer na horta e conseguimos lavar e cortar as caixinhas, que já estão prontas para serem usadas para as sementeiras. Por volta das 11h30 encerramos as atividades. A gurizada pediu para fazermos um piquenique na próxima semana, que será dia 28/09 (Relato Zelly, 14 set. 2012).

Começou a ficar explícito para mim que eu estava sozinho, enquanto proponente, no turno da manhã, já que a Anne partiu, o Daniel estava em idas e vindas e ninguém mais aparecia. Elaborei então um planejamento de atividades com oficinas voltadas para a manutenção da horta, para incentivar a construção de um processo de autogestão por parte da gurizada, conforme relatei no dia 28 de setembro:

Cheguei por volta das 9h e estavam tendo atividades na escola. Combinei com a gurizada de nos encontrarmos lá para irmos fazer nosso piquenique. Esperei um tempo e não apareceu ninguém. Então fui na casa do Taiurgui e depois encontramos o Uilson e a Bianca. A Bianca nos falou que o Thales e o Lázaro estavam “virando mortal” em algum campo. Em seguida chegou o Daniel. Procurei os guris pelo bairro e não achei. Fomos para a Furg, onde el@s quiseram fazer o piquenique. No caminho encontramos a Paula. Passamos a manhã comendo nossas coisas e conversando, na beira do lado da Furg. Falei com el@s sobre a possibilidade de eu não conseguir continuar indo ao projeto em 2013, e que se el@s quisessem continuar teriam que se organizar para isso. Planejamos, então, fazermos oficinas bem focadas na manutenção da horta para el@s continuarem a plantar em 2013. Conversamos bastante sobre o desenvolvimento do projeto, para saber se estavam gostando e o que gostariam de fazer nas próximas atividades. Por volta das 11h30 levamos a gurizada de volta para a Cidade de Águeda e fomos embora (Relato Zelly, 28 set. 2012).

3.2.15 Outubro de 2012

Em outubro seguimos com as oficinas de horticultura ecológica. A horta ia bem, porém os trigos começaram a amadurecer e foram atacados pelos pássaros. Em 2011 aconteceu algo semelhante. O que acontece é que não existe um predador natural para os pardais, que existem em grande número no bairro. Por não ter espaços verdes e outras ofertas abundantes de alimento de qualidade, os animais em geral procuram nossa horta para se alimentarem. Faz parte do ciclo local.

No dia 05 de outubro:

Cheguei por volta das 9h e a diretora avisou que a escola fecharia às 10h. Fui para o pátio e vi que haviam cortado a grama e tinha bastante palha espalhada. A gurizada foi chegando: Bianca, Lázaro, Uilson e Taiurgui. Pegamos as palhas do pátio e buscamos esterco do cavalo do Uilson. Logo já eram 10h e tivemos que encerrar nossa atividade (Relato Zelly, 05 out. 2012).

No dia 19:

Cheguei na escola por volta das 9h. Estavam presentes: Thales, Nicolas, Wesley, Lázaro e Bianca. Ficamos algumas semanas sem mexer na horta e hoje quando cheguei vi que os trigos haviam sido completamente comidos pelos pássaros. Conversamos sobre isso, sobre a falta de espaços verdes no bairro e no por quê da nossa horta ser tão atacada. De um lado, porque a terra ainda está bastante degradada, e só o tempo e a dedicação na melhoria do solo é que poderá reverter um pouco essa situação. De outro lado, o fato da horta ser um dos poucos lugares com alimento abundante para os pássaros e insetos, uma vez que o bairro carece de espaços verdes. Eu levei umas sementes de feijão e algumas hortaliças. Então falei sobre o plantio direto e o plantio em sementeiras. Capinamos alguns canteiros do trigo e plantamos o feijão à voleio e depois cobrimos com uma boa camada de palha, do próprio trigo colhido e mais aquela que juntamos do pátio. Além disso, organizamos as sementeiras em caixas de madeira e plantamos algumas. O trabalho foi bem produtivo e bem direcionado para el@s aprenderem como

manter sozinh@s a horta, já que estou mantendo o projeto sozinho e provavelmente não poderei seguir em 2013.

Hoje estive na escola a “Patrulha Mirim”, que parece ser um projeto do Exército com as crianças. Eles fizeram algumas demonstrações de marchas militares e cantaram algumas músicas militares e nacionalistas, de destruição do inimigo e etc. Fiquei bem indignado ao ver o que estão incentivando nas escolas e principalmente por ver que estavam incitando exatamente o oposto do que estamos desenvolvendo desde 2011 no projeto, que é a solidariedade, o apoio mútuo e a não-violência. A Bianca falou que vai participar do projeto da “Patrulha Mirim” e eu falei que não achava legal, pelos motivos que descrevi acima (Relato Zelly, 19 out. 2012).



Figura 17 - Os guris divertindo-se com os sacos de palha para a cobertura dos canteiros. Fonte: Acervo do autor.

E na semana seguinte:

Cheguei na escola por volta das 9h e em seguida foi chegando a gurizada. Vieram: Bianca, Lázaro, Taiargui, Wesley e Thales. Hoje busquei focar nossas atividades na tarefas de manutenção da horta. Trabalhamos na composteira e na sua manutenção, na pilha de palha e esterco que são importantes para a melhoria da qualidade do solo, nas sementeiras que regamos, nas mudas de árvores frutíferas que também regamos e na manutenção da horta propriamente. Capinamos mais alguns canteiros e plantamos mais feijões, que são espécies de leguminosas e que auxiliam na fixação do nitrogênio no solo, uma importante característica de solos ricos e saudáveis. A gurizada trabalhou bastante, fez muitas perguntas e em última instância, estão trabalhando nisso desde 2011 conosco, portanto já estão sabendo das principais atividades de manutenção da horta. Conversamos mais uma vez sobre a continuidade do projeto em 2013 e el@s estão dispost@s a continuarem se organizando mesmo que eu não possa ir. O Wesley está com bastante experiência nos trabalhos da horta e acho que será bem importante a presença dele para a

autogestão que farão em 2013. Lá pelas 11h15 el@s pediram para jogarmos bola e ficamos até às 11h30 jogando.

Mais uma vez vi a patrulha mirim e era uma menina que parecia ser a mais velha, que comandava o resto das crianças. Ela agia de forma bem autoritária com as menores e ficaram marchando e cantando umas músicas. Uma delas era mais ou menos assim: “No campo de batalha, não se varre com a vassoura, se usa o fuzil e a metralhadora”. O que estão ensinando afinal? (Relato Zelly, 26 out. 2012).

Foi a partir deste trabalho nos meses de outubro e novembro que passei a acreditar na capacidade de autogestão da gurizada. O Wesley principalmente estava a par dos principais trabalhos necessários à manutenção da horta e me contou, em novembro, que estava cultivando uma horta na casa da sua avó. Disse-me que estava plantando milho, abóbora e diversas hortaliças. Elogiei-o e incentivei mais ainda a tod@s para que fizessem o mesmo. Como relatei no trecho acima, el@s já começaram a organizar-se de maneira autônoma no sentido de manter sozinh@s a horta em 2013.

3.2.16 Novembro e Dezembro de 2012

Em função dos feriados e do fim do ano letivo, em novembro tivemos apenas dois encontros e em dezembro, no dia 07, tivemos a atividade de encerramento do ano. No dia 23 foi nossa última oficina na horta, em que também colhemos as cenouras da espiral:

Cheguei na escola por volta das 9h. Em seguida chegou: Uilson, Thales, Nicolas, Wesley, Lázaro e Bianca. A Bianca foi com um boné camuflado do exército e falou que não poderia participar do projeto hoje, porque tinha “Patrulha Mirim”. Fiquei pensando bastante nisso, ainda mais que ela é uma menina bem irritada, que age com muita violência quando contrariada.

As cenouras da espiral estavam bem grandes. Ficamos 3 semanas sem o projeto em função dos feriados e em outra não pude comparecer e el@s também não. Colhemos as cenouras, foi bem legal, acho que colhemos aproximadamente 40 cenouras pequenas. O pessoal do refeitório nos chamou para a merenda e levamos todas as cenouras para lá. Já que sempre ganhamos merenda, achamos que poderíamos contribuir dando as cenouras para as funcionárias do refeitório utilizarem na merenda. Conversamos novamente sobre as etapas da horta: composteira, sementeira, viveiro e os canteiros. Discutimos os métodos de manejo, especialmente esse que usamos, da agroecologia, para mantermos uma horta que não utiliza nenhum tipo de abono ou produto químico e prioriza a reciclagem dos nutrientes e materiais.

A gurizada está bem atinada. Foi bem produtiva nossa manhã. Por volta das 11h50 encerramos as atividades (Relato Zelly, 23 nov. 2012).

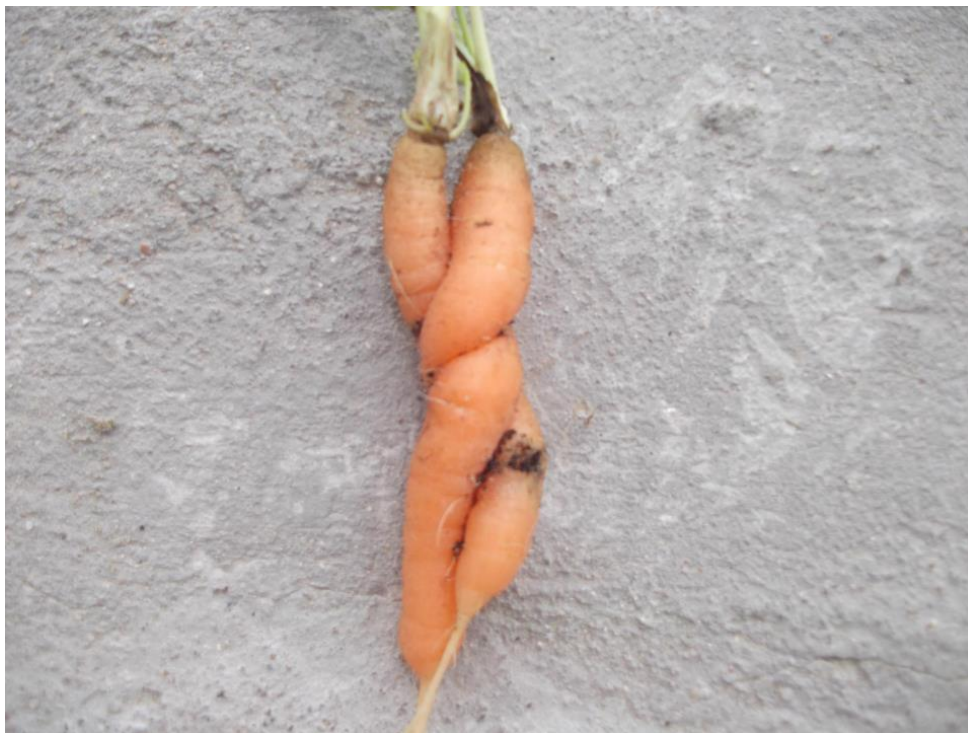


Figura 18 - Cenouras abraçadas. Fonte: Acervo do autor. Nov. 2012.

No dia 30 de novembro aconteceu algo que se repetiu algumas vezes durante o ano. O pessoal da escola nunca me avisou quando a escola fecharia nos dias de projeto. Diversas vezes me desloquei até lá, pedalando quase 20 km, e quando cheguei fiquei sabendo que a escola não abriria, ou então que fecharia às 10 horas da manhã. Em algumas vezes a justificativa era de que “era o dia do pagamento das professoras”. Até hoje não compreendi por que a escola fechava às 10 horas no dia do pagamento das professoras. Neste dia 30 de novembro a escola fechou, entretanto ficamos conversando um bom tempo na rua:

Cheguei por volta das 9h e as professoras me disseram que às 10h a escola fecharia e, portanto, o projeto deveria encerrar neste horário. A gurizada demorou a chegar e logo já eram 10h. Tivemos que sair da escola, mas ficamos na rua conversando um bom tempo. O Wesley me falou que fez uma hortinha na casa da vó dele, que tinha milho, feijão e outras coisas. Fiquei muito contente com isso e estou bem esperançoso na autogestão da gurizada na horta em 2013. Também estou incentivando bastante a organização del@s.

Hoje perguntei qual a atividade que mais gostaram. O Thales falou que eram os treinos de capoeira, a Bianca disse que quando saíamos para colher ervas medicinais no campo e o Wesley falou que foi quando saímos para conhecer as casas de cada um@. Também perguntei o que menos gostaram. A Bianca falou que era quando brigavam, o Thales disse que gostava de tudo e o Wesley falou que não gostava que o projeto era na sexta e que em função dos feriados ficamos várias semanas sem atividades neste segundo semestre de 2012. Também perguntei a Bianca por que ela participava da Patrulha. Ela disse que a mãe dela queria que ela fosse estudar na Marinha, e que ela queria ir, daí a mãe dela disse para ela ir para a Patrulha Mirim e

ela foi e estava gostando. Não perguntei mais nada sobre isso, ela sabe minha opinião sobre a patrulha e está bem decidida também, para mim é uma pena. Como a próxima semana será a última, pediram para fazermos mais um piquenique. Por volta das 11h el@s foram para casa e eu também voltei para a minha (Relato Zelly, 30 nov. 2012).

Considereei este dia como a ‘avaliação final’ do projeto, já que no dia 07 de dezembro fomos até a FURG fazer o piquenique e praticamente não conversamos sobre o projeto, até por que alguns já estavam em férias e não compareceram à atividade:

Cheguei na escola por volta das 9h. Esperei um pouco e vieram: o Lázaro, que disse que a Bianca não poderia vir, o Thales e um amigo seu. Não apareceu mais ninguém e fomos para a FURG. Encontramos também o Marcelo, colega do PPGEA que havia me pedido para aplicar uns questionários com o pessoal. Comemos bastante. Os guris ficaram toda a manhã “virando mortal”. Encontramos também a Juliana e nosso filhinho León, que participaram junto do piquenique. Acabamos nem conversando muito sobre a horta, mas sobre outras coisas, como a capoeira. Por volta das 11h30 levei os guris de volta para a Cidade de Águeda e nos despedimos (Relato Zelly, 07 dez. 2012).

Encerramos, assim, o último dia de atividades do projeto em 2012. Comprometi-me de ir à Escola Zelly no princípio do ano letivo de 2013 para apoiar na organização do grupo que seguirá mantendo a horta. Além disso, me dispus a levar sementes e mudas ecológicas para o plantio.

Por fim, meu sentimento de incapacidade diante da constatação da praticamente nula mudança substancial da realidade do bairro depois destes dois anos de projeto, foi sendo metamorfoseado na minha convicção de que os reflexos da nossa dedicação existiam de diversas formas, especialmente no caráter, ideias e atitudes destas crianças que tivemos maior contato. E ainda fica a esperança de que estes dois anos tenham sido apenas o primeiro passo de uma transformação longa e aí sim, mais efetiva na realidade do bairro, e por que não sonhar, na realidade de Rio Grande.

A partir dos relatos e análises feitas, construirei as considerações finais, articulando estas experiências práticas vividas com uma dimensão teórico-prática mais ampla, que é o projeto de transformação social, a partir da educação ambiental libertária pela agroecologia, de busca da autonomia e autogestão, no qual este trabalho se embasou.



Figura 19 - Sistema agroecológico com horta em mandala e espiral de ervas. Fonte: Acervo do autor.

Considerações Finais

Não me restam dúvidas de que estivemos envolvidos, durante os dois anos pesquisados, com um projeto de educação ambiental bem particular. Existe uma grande diferença entre projetos como o da 'Patrulha Mirim', que também desenvolve ações de recolhimento de lixo e 'conscientização' em relação a algumas questões ambientais, e projetos como as "Vivências com a terra". Este último, desde o planejamento, insere-se num projeto mais amplo de transformação social global, que parte das microintervenções cotidianas, em busca da criação de uma organização autônoma de caráter macrossocial, ou seja, a autogestão das comunidades e instituições. Para nós:

Não é já suficiente falar das novas técnicas para a conservação e promoção do ambiente natural; devemos tratar a terra comunalmente, como uma coletividade humana, sem aquelas peças da propriedade privada, que têm distorcido a visão da vida e da natureza da humanidade, desde a ruptura da sociedade tribal. Devemos eliminar não só a hierarquia burguesa, mas a hierarquia como tal; não só a família patriarcal, mas também todas as formas de dominação familiar e sexual; não só a classe burguesa e o sistema burguês de propriedade, mas sim todas as classes sociais e propriedade (BOOKCHIN, 2010, p. 162).

Trazer estes temas e esta pesquisa para um Programa de Pós-Graduação, também é tarefa de resistência, ainda que tenha recebido sempre o incentivo do orientador. Como coloca José Gutiérrez-Perez:

Infelizmente, nossos meios universitários têm uma baixa capacidade para atender e entender este tipo de demandas colaborativas voltadas exclusivamente para a melhora ou mudança de realidades singulares. Nos âmbitos acadêmicos, a intervenção e a pesquisa ambiental adquirem um caráter mais formal e meritocrático, mais teórico e menos prático, também *mais inútil*: pesquisa-se para explicar, entender, para descobrir e inclusive para prever; intervém-se para formar, instruir ou incrementar o patrimônio conceitual. Mas as oportunidades de conectar o conhecimento à prática são mínimas, porque as exigências que esse outro tipo de pesquisa de *baixa voltagem* impõem são muito mais comprometidas, exigem mais dedicação, requerem mais tempo e maiores compromissos vitais; sobretudo, obrigam o pesquisador, o mediador ecológico ou o profissional dessa parcela a assumir uma opção politicamente responsável com seu objeto de estudo, na qual se reflete com sinceridade e transparência sua posição pessoal frente aos modelos de

desenvolvimento sustentável e seus níveis de compromisso ideológico com um tipo de práticas voltadas para a mudança e para a transformação das realidades educativas, sociais e ambientais, e lhe exigem o seu envolvimento em dinâmicas de participação capazes de tornar manifestas as relações táticas entre o meio ambiente e as estruturas sociais, econômicas e políticas (GUTIÉRREZ-PÉREZ, p. 184, In: SATO, CARVALHO e COLS., 2005).

Nos dois primeiros capítulos busquei explicitar o caráter deste projeto libertário de sociedade, que transparece já na construção do projeto “Vivências com a terra”. O resultado esperado não era o de ver uma ‘revolução’ acontecer de fato no bairro Cidade de Águeda, ainda que pudéssemos ter sonhado com tanto. Com os ‘pés no chão’, esperávamos simplesmente poder criar alternativas autônomas de resolução de alguns problemas que tod@s enfrentamos: hierarquias e violências das relações pedagógicas, repressão à espontaneidade criativa dentro das instituições formais de ensino, afastamento dos processos de produção de alimentos saudáveis, uso da medicina natural, de uma visão integrada de corpo e mente e sociedade e natureza, entre outros.

Pude perceber aí, dois eixos da construção desta proposta: educação e ambiente. O primeiro diz respeito ao *como fazer*, e o segundo ao *que fazer*. Portanto, amparados nas ideias e experiências da educação libertária, buscamos proporcionar espaços e momentos de mútua aprendizagem não-hierárquica e não-autoritária. Fazer isto, dentro do lugar construído para o contrário, é o grande desafio da educação libertária no Brasil. Sílvio Gallo, coloca a alternativa das experiências de educação libertária dentro da escola pública “se forem desenvolvidas nas brechas do próprio sistema instituído, constituindo-se em esforços de resistência de teste dos limites, de afrontamento cotidiano, investindo numa singularização apesar de qualquer controle” (GALLO, 2007, p. 213). Por viver esta tensão no desenvolvimento do projeto é que passei a nos considerar como ‘a pedra no sapato’.

Mesmo assim, o processo do *como fazer* libertário perde sua força se *o que fazemos* não tem sentido, nem responde aos anseios de quem participa. O fazer e a construção do conhecimento agroecológico que já nos acompanhava antes da elaboração do projeto “Vivências com a terra”, respondia individualmente aos anseios de transformação da prática cotidiana nas nossas relações de tensão entre dependência e autonomia em relação ao ambiente que nos cerca, incluindo aqui especialmente o bairro Cidade de Águeda, tão próximo ao ‘palácio’ do saber que é a Universidade.

O caráter desafiador da proposta construída, sempre foi fator de impulsão e comprometimento para com a comunidade, já que esta, assim como tod@s nós proponentes

do projeto, de alguma forma, sentimos estar diante de situações críticas de degradação social e ambiental. Neste sentido:

Assim como o ecólogo busca ampliar um ecossistema e promover a livre interação entre as espécies, o anarquista busca ampliar as experiências sociais e remover as restrições ao seu desenvolvimento. O anarquismo é uma sociedade harmônica que expõe o homem aos estímulos tanto da vida agrária como urbana, da atividade física e da mental, da sensualidade não reprimida e da espiritualidade autogerida, da espontaneidade e da autodisciplina etc. Hoje, esses objetivos são vistos como mutuamente excludentes devido à própria lógica da sociedade atual – a separação da cidade e do campo, a especialização do trabalho, a atomização do homem (BOOKCHIN, 2010, p. 148).

Apesar de situar a principal contribuição do projeto no desenvolvimento dos próprios processos, ousou elencar alguns pontos conclusivos. No que diz respeito àquilo que me atrevo chamar de resultados destes dois anos de projeto “Vivências com a terra”, incluo: a efetivação de um sistema, ainda muito vulnerável, de horta ecológica no interior da escola (compostagem, sementeiras, espiral de ervas, horta em formato de mandala, desenho integrado de árvores frutíferas ao sistema da horta); troca de saberes, sementes e mudas com morador@s do bairro, despertando a construção do conhecimento agroecológico local; o aparecimento de experiências agroecológicas construídas individualmente por algumas crianças participantes do projeto nas suas casas ou de familiares próximos (como é o caso da Bianca e Lázaro, Wesley, Thales e outr@s); surgimento de discussões e atividades relacionadas aos temas trabalhados pelo projeto no interior das práticas pedagógicas formais da escola; e ainda, aquilo que acredito ser o germe para uma futura transformação mais efetiva, a construção de ideias e atitudes de aproximação à autonomia e autogestão por parte das crianças envolvidas.

Por fim, cabe ressaltar, que fica a esperança no que está por vir, já que as “Vivências com a terra”, como uma semente que voa e cai, poderá dar ainda muitos frutos.



Figura 20 - Integrantes do projeto “Vivências com a terra”. Fonte: Acervo do autor.

Referências

- ALVES, A. F., CORRIJO, B. R., CANDIOTTO, L. **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- ALMEIDA, Sílvio Gomes de. Construção e desafios do campo agroecológico brasileiro. In: WEID, J. M. von der. Um novo lugar para a agricultura. In: PETERSEN, Paulo (org.), **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. **Carta Política**. II Encontro Nacional de Agroecologia, Recife, 2006.
- AS-PTA. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**. V. 7, n. 4, 2010.
- BEATRICI, Rodrigo Ferronato e MELLO, Ulisses Pereira. A pesquisa na construção do conhecimento agroecológico: a experiência da FUNDEP (RS). In: AS-PTA. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**. V. 7, n. 4, 2010.
- BOOKCHIN, Murray. **Tecnologia y Anarquismo**. México: Ediciones Antorcha, 1984.
- _____. **Ecologia social e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CODELLO, Francesco. **“A boa educação”**: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Gowin a Neil. Vol. 1. São Paulo: Imaginário: Ícone, 2007.
- DEL PRIORE, M. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e prática**. 3. ed. São Paulo: Gaia, 1994.
- FUKUOKA, M. **The one-straw revolution**. Rodale Press, 1978. Disponível em: <<http://zinelibrary.info/masanobu-fukuoka-one-straw-revolution-0>>. Acesso em: 24 mar. 2011.
- GALLO, Silvio. **Educação anarquista: um paradigma para hoje**. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.
- _____. **Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- _____. **Pedagogia do risco: experiência anarquista em educação**. Campinas: Papires, 1995.

- GARCÍA, R. Interdisciplinariedad y sistemas complejos. In: Enrique Leff (Org.). **Ciencias sociales y formación ambiental**. Barcelona: Gedisa, 1994.
- GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- GUTERRES, I. **Agroecologia militante**: Contribuições de Enio Guterres. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- GUTIÉRREZ-PÉREZ, José. Por uma formação dos profissionais ambientalistas baseada em competências de ação. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel e COLS. **Educação Ambiental**: pesquisa e desafios. São Paulo: Artmed Editora S.A., 2005, p. 177-211.
- HOLMGREN, D. **Os fundamentos da Permacultura**. Disponível em: <www.ecossistemas.net>. Acesso em: 24 mar. 2011.
- HESPANHOL, Rosângela Ap. de Medeiros. Agroecologia: limites e perspectivas. In: ALVES, A. F., CORRIJO, B. R., CANDIOTTO, L. **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- JOMINI, Regina Celia Mazoni. **Uma educação para a solidariedade**: contribuições ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- KROPOTKIN, Piotr. **El apoyo mutuo**: un factor de la evolución. Móstoles: Madre de Tierra, 1989.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.
- MACHADO, Susan Lauren Zilli. Relato de Águeda: História Oral, Memória e o Jornal Agora na construção do conhecimento sobre um bairro de Rio Grande (RS). **Anais...** XIII Encontro de Pós-Graduação UFPel. Pelotas, 2011.
- NORDER, Luiz Antonio C. A Agroecologia e a diversidade na educação. In: AS-PTA. **Revista Agriculturas**: experiências em agroecologia. V. 7, n. 4, 2010.
- PASSETTI, Edson. **Anarquismos & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- PEDRINI, Alexandre de Gusmão. **Educação Ambiental**: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PETERSEN, Paulo (org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- PINHO, Berenice Mendes de. **Perfil Sócio-econômico dos moradores do Bairro Cidade de Aguda**. Monografia para a conclusão do curso de graduação em Geografia Licenciatura. Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2004.

- RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade:** Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra:** A Cultura e a Propriedade. São Paulo: Expressão & Arte; Editora Imaginário, 2010.
- ROCHA, William Martins. **A formação do Loteamento Cidade de Águeda no Município do Rio Grande – RS.** Monografia para a conclusão do curso de graduação em Geografia Licenciatura. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2010.
- SANTOS, Clarice, MICHELOTTI, Fernando e SOUSA, Romier. Educação do Campo, Agroecologia e protagonismo social: a experiência do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). In: AS-PTA. **Revista Agriculturas:** experiências em agroecologia. V. 7, n. 4, 2010.
- SATO, Michele; CARVALHO, Isabel e COLS. **Educação Ambiental:** pesquisa e desafios. São Paulo: Artmed Editora S.A., 2005.
- SCHMITT, C. J. e TYGEL, D. Agroecologia e Economia Solidária: trajetórias, confluências e desafios. In: PETERSEN, Paulo (org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro.** Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- SILVA, Denis Mendonça da. **Migração Intra-Urbana:** Um estudo de caso sobre a transferência dos moradores da Vila Dom Bosquinho para o Bairro Cidade de Águeda (2004). Monografia para a conclusão do curso de graduação em Geografia Licenciatura. Universidade Federal do Rio Grande, 2005.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 2011.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth. B. O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro. In: WEID, J. M. von der. Um novo lugar para a agricultura. In: PETERSEN, Paulo (org.), **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro.** Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- WEID, J. M. von der. Um novo lugar para a agricultura. In: PETERSEN, Paulo (org.), **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro,** Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

Outras fontes

<<http://patrulhamirimrg.webnode.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

Apêndices

Projeto Permacultura na Escola – Março de 2011.

1. Introdução

1.1 Identificação da Ação

Título:	Permacultura na Escola
Coordenador:	
Tipo da Ação:	Ensino
Edital:	
Instituição:	FURG - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
Unidade Geral:	Instituto de Educação
Unidade de Origem:	
Início Previsto:	08/04/2011
Término Previsto:	31/12/2011
Recurso Financeiro:	
Órgão Financeiro:	
Gestor:	

1.2 Detalhes da Ação

Carga Horária Total da Ação:	640 horas
Justificativa da Carga Horária:	80h mensais de oficinas e práticas ecológicas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Zelly Pereira Esmeraldo
Periodicidade:	Diária
A Ação é Curricular? :	
Abrangência:	Local
Tem Limite de Vagas?:	Não
Local de Realização:	Escola Municipal de Ensino Fundamental Zelly Pereira Esmeraldo
Período de Realização:	De abril de 2011 a dezembro de 2011

Tem inscrição?:

1.3 Público-Alvo

Tipo/Descrição do Público-Alvo: Estudantes do ensino fundamental.

Número Estimado de Público: Indeterminado

Discriminar Público-Alvo:

	A	B	C	D	E	Total
Público Interno da Universidade/Instituto	0	0	0	0	0	0
Instituições Governamentais Federais	0	0	0	0	0	0
Instituições Governamentais Estaduais	0	0	0	0	0	0
Instituições Governamentais Municipais	-	0	0	-	-	-
Organizações de Iniciativa Privada	0	0	0	0	0	0
Movimentos Sociais	0	0	0	0	0	0
Organizações Não Governamentais (ONGs/OSCIPs)	0	0	0	0	0	0
Organizações Sindicais	0	0	0	0	0	0
Grupos Comunitários	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	0	0
Total	0	0	0	0	0	0

Legenda:

(A) Docente

(B) Discentes de Graduação

(C) Discentes de Pós-Graduação

(D) Técnico Administrativo

(E) Outro

1.4 Parcerias

Estação de Permacultura Casa Colméia

1.5 Caracterização da Ação

Área de Conhecimento: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária:

Linha de Extensão:

1.6 Descrição da Ação

Resumo da Proposta:

Através deste projeto, buscamos proporcionar vivências naturais através de uma programação extraclasse voltada para práticas em *Educação Ambiental*, *Autonomia* e *Qualidade de Vida*. O projeto será desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Zelly Pereira Esmeraldo, com oficinas diárias organizadas por rodízios das crianças e do grupo proponente. Algumas oficinas propostas são: Minhocário e Composteira, Reciclagem e Reaproveitamento de Materiais, Capoeira e Saber Ancestral, Horticultura e Produção Cultural, proporcionando assim vivências com a terra, de modo que o ambiente de aprendizado se amplie para além da sala de aula. Dessa forma, buscamos criar um espaço-momento de reflexão a respeito da sociedade de consumo, através da relação que se estabelece entre consumo, necessidade, desperdício e lixo. Procuramos oportunizar as descobertas, a criatividade e o aprendizado contínuo, tornando o repertório de atividades – que sugerem a auto-avaliação e a busca de recursos nos lugares frequentados pelos educandos – o mais diversificado possível.

Palavras-Chave:

Educação, Autonomia, Permacultura

Informações Relevantes para Avaliação da Proposta:

1.6.1 Justificativa

O projeto *Permacultura na Escola* se justifica na produção multidisciplinar-ecológica sustentável referente às ações educativas complementares à escola, fomentando atividades culturais, artísticas e ambientais. Possibilita atividades de ensino-aprendizagem, intercâmbio cultural, vivências cooperativas flexíveis, com uma abordagem participativa.

Todas as pessoas envolvidas se tornam ativas, o que proporcionará um ambiente viável para a troca de conhecimentos, aberto às variadas relações dos atores diretos (proponentes e demais participantes das atividades) e indiretos (família, quadro docente e demais funcionários da escola).

Nesse meio o educando é também um agente social e produtor de cultura que, ao sentir-se pertencente ao ambiente criado, encontrará soluções aos problemas que se apresentam e projetar-se-á no tempo através do planejamento de seu aprendizado, de forma a empregá-lo na produção de algo que lhe tenha sentido.

O processo de construção permanente de idéias criativas nos convida a articular prática e teoria, repensando-as constantemente na busca do aperfeiçoamento de idéias, possibilitando a

recriação permanente do saber. Criar adquire então um caráter de transformação, onde o ser humano, ao transformar o mundo, também se transforma e, percebendo-se nessas mudanças, se entende como parte crítica e criadora do ambiente.

1.6.2 Fundamentação Teórica

Tendo em vista a crise socioambiental pela qual estamos passando, entendemos que é necessário repensarmos algumas práticas cotidianas, no que toca ao consumo, desperdício e relações entre as pessoas, bem como destas com a natureza.

Assim como entende Félix Guatarri, em sua obra *As três ecologias*, essa crise atinge principalmente três âmbitos: a ecologia mental, a social e a ambiental. A ecologia mental diz respeito ao cuidado de si, à subjetividade e auto-avaliação. Nesse sentido uma proposta transformadora dos valores sustentados pela atual organização mundial (ou *Capitalismo Mundial Integrado*) possibilita uma transformação macroestrutural, se relacionada com as outras ecologias. A ecologia social, por sua vez, se refere às relações sociais construídas e estabelecidas. Desta forma, propomos o envolvimento da comunidade escolar – e daquela onde esta está inserida –, na construção coletiva da autonomia, a partir do reaproveitamento de materiais dispensados, da *bioconstrução*, da troca de saberes e da prática de cultivo natural, dentre outras atividades. E, por fim, a ecologia ambiental, ligada aos lugares criados e (re)construídos continuamente pelos indivíduos humanos. Propomos então uma ação que permeie as três esferas da ecologia como forma de superar a crise socioambiental, estimulando a emergência de diferentes soluções para o problema apontado.

1.6.3 Objetivos

- Oportunizar entre as pessoas envolvidas o desenvolvimento de suas sensibilidades pessoais, a apreensão dos códigos culturais, das noções da *natureza biológica da vida* e da *vida em comunidade*, de modo a desenvolver por esta última o gosto – embasado na compreensão de suas vantagens – e a habilidade para nela desempenhar um papel ativo, participativo.
- Possibilitar um aprendizado criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem estética e ecológica.
- Proporcionar vivências com a terra, de modo que o ambiente de aprendizado se amplie para além da sala de aula.
- Trabalhar as diversas áreas do conhecimento de maneira ecológica, desenvolvendo potencialidades, provocando a percepção, reflexão, sensibilidade, imaginação, intuição, curiosidade e flexibilidade nas pessoas participantes das atividades.
- Contato e reconhecimento das propriedades expressivas, construtivas e sustentáveis dos materiais, suportes, instrumentos, procedimentos e técnicas na produção de formas estruturais.
- Criar um espaço-momento de reflexão à respeito da sociedade de consumo, através da relação que se estabelece entre o consumo, necessidade, desperdício e lixo.

1.6.4 Metodologia e Avaliação

Construir através da elaboração e vivência de oficinas e diálogos complementares ao cotidiano escolar uma metodologia participativa, onde as “cenas” dos cotidianos dos

educandos sejam valorizadas para a superação das dificuldades encontradas durante as oficinas e outras vivências propostas, guiando-lhes assim, a oportunidade de participar das experiências também como atores ativos, tornando-os professores dos seus saberes, com consciência da sua condição de parte transformadora ativa dos ambientes dos quais participam, atores que promovem mudanças positivas ou negativas no ambiente onde se relacionam.

Buscando oportunizar as descobertas, a criatividade e o aprendizado contínuo, tornaremos o repertório de atividades – que sugerem a auto-avaliação e a busca de recursos nos lugares frequentados pelos educandos –, o mais diversificado possível.

Atividades pretendidas:

- Apresentação do assunto: *O que é permacultura?*
- Passeio guiado pelo CAIC e intermediações.
- Diálogos sobre água, biodiversidade, consumo, reciclagem, reaproveitamento, medicina dos simples, energias renováveis e alimentação.
- Exibição do filme “A história das coisas”
- Oficina de sabão ecológico.
- Oficina de espiral de ervas medicinais.
- *Oficina do ComPãoheiro* – educação alimentar e nutricional (fazer pão).
- Oficina de minhocário.
- Oficina de troca de saberes.
- Oficina de Capoeira Angola e sabedoria ancestral.
- Oficina de horta mandala.
- Oficina de secador solar.
- Oficina *Reciclar para Brincar*.
- Oficina *Reciclar para Ler* (fanzines).

1.6.5 Conteúdo Programático

A modalidade da ação de Extensão Universitária é "Programa", não necessitando do preenchimento deste item no formulário do SIGProj.

1.6.6 Relação Ensino, Pesquisa e Extensão

O Projeto Permacultura na Escola é fundamentado a partir da relação ensino, pesquisa e extensão, através de uma relação horizontal entre as pessoas envolvidas. Pela própria essência da permacultura, o ensino só se estabelece a partir da prática criativa, renovadora de paradigmas, em que se constrói constante e coletivamente o conhecimento. A pesquisa vem no sentido de estabelecer uma base conceitual e instrumental na busca da solução dos problemas a partir de diferentes perspectivas que surgem com as práticas. Por isso é a partir da extensão que se possibilita também o desenvolvimento da pesquisa e do ensino.

1.6.7 Programação

A modalidade da ação de Extensão Universitária é "Programa", não necessitando do preenchimento deste item no formulário do SIGProj.

1.6.8 Avaliação

Pelo Público

Reuniões mensais autoavaliativas priorizando a troca de experiências.

Pela Equipe

Reuniões mensais autoavaliativas priorizando a troca de experiências.

1.6.9 Solicitação de Apoio

A modalidade da proposta é "Programa", não necessitando do preenchimento deste item no formulário do SIGProj.

1.6.10 Referências Bibliográficas

FUKUOKA, Masanobu. **A revolução de uma palha**. Via Optima, 2001.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

HOLMGREM, David. **Os fundamentos da permacultura**. Disponível em: <www.holmgrem.com.au>. Acesso em: 29 mar. 2011.

MOLLISON, Bill. **Introdução à Permacultura**. USA: Yankee Permaculture, 1981.

1.6.11 Observações

1.7 Divulgação/Certificados

Meios de Divulgação: Cartaz, Folder

Contato:

**Emissão de
Certificados:**

**Quantidade Estimada de
Certificados para
Participantes:** 60

**Quantidade Estimada de
Certificados para Equipe
de Execução:** 10

Total de Certificados: 70

Menção Mínima:

Frequência Mínima: 0

Justificativa de Certificados: Espera-se aproximadamente 60 estudantes envolvidas/os no projeto e 10 pessoas envolvidas na execução.

1.8 Outros Produtos Acadêmicos

Gera Produtos:	Sim
Produtos:	Bioconstruções Brinquedos Alimentos orgânicos Textos Fanzines Instrumentos musicais
Descrição/Tiragem:	Não há definição de tiragem

1.9 Arquivos Anexos

Não há nenhum arquivo anexo.

2. Equipe de Execução

2.1 Membros da Atividade

Docentes da FURG

Nome	Regime de Contrato	Instituição	Carga	Função

Discentes da FURG

Nome	Curso	Instituição	Carga	Funções
Juliana Pereira Pino	História – Licenciatura	FURG	20h	Oficineira
Fábio José Klafke	Geografia – Licenciatura	FURG	20h	Oficineiro
Matheus Cadaval Freitas	História – Bacharelado	FURG	20h	Oficineiro
Maíra Salcedo de Medeiros Silva	Geografia – Licenciatura	FURG	20h	Oficineira
Diego Sabbado Menezes	Pós-Graduação em Educação Ambiental	FURG	20h	Oficineiro
Carlos Alberto Teixeira Júnior	História – Bacharelado	FURG	20h	Oficineiro
Daniel Gonçalves Freitas	História – Bacharelado	FURG	20h	Oficineiro
Tiago Larrosa Freitas	História – Bacharelado	FURG	20h	Oficineiro

Técnico-administrativo da FURG

Não existem Técnicos na sua atividade

Outros membros externos a FURG

Alisson Correa Valente

Leonardo Paradedda Medeiros

Coordenador:

Nome:

RGA:

CPF:

EMAIL:

Categoria:

Fone/Contato:

Gestor:

Nome:

SIAPE:

CPF:

EMAIL:

Categoria:

Fone/Contato:

2.1 Cronograma de Atividades

Atividade:	Oficinas		
Início:	Abril	08	Duração: 8 Meses
Carga Horária:	80 Horas/Mês		

Responsável:

Membros Vinculados:	Juliana Pereira Pino (C.H. 80 horas/Mês)
	Fábio José Klafke (C.H. 80 horas/Mês)
	Matheus Cadaval Freitas (C.H. 80 horas/Mês)
	Maíra Salcedo de Medeiros Silva (C.H. 80 horas/Mês)
	Diego Sabbado Menezes (C.H. 80 horas/Mês)
	Carlos Alberto Teixeira Júnior (C.H. 80 horas/Mês)
	Daniel Gonçalves Freitas (C.H. 80 horas/Mês)
	Tiago Larrosa Freitas (C.H. 80 horas/Mês)
	Alisson Correa Valente (C.H. 80 horas/Mês)
	Leonardo Paradedda Medeiros (C.H. 80 horas/Mês)

3. Receita

3.1 Arrecadação

Descrição	Tipo	Quantidade	Custo Unitário	Total
-----------	------	------------	----------------	-------

3.2 Recursos da IES

Bolsas	Valor(R\$)
Bolsa - Auxílio Financeiro a Estudantes (3390-18)	0,00
Bolsa - Auxílio Financeiro a Pesquisadores (3390-20)	0,00
Subtotal	0,00

Outras Rubricas	Valor(R\$)
Material de Consumo (3390-30)	0,00
Passagens e Despesas com Locomoção (3390-33)	0,00
Diárias - Pessoal Civil (3390-14)	0,00
Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Física (3390-36)	0,00
Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica (3390-39)	0,00
Equipamento e Material Permanente (4490-52)	0,00
Encargos patronais (3390-47)	0,00
Subtotal	0,00
Total	0,00

3.3 Não há recursos de terceiros.

3.4 Receita Consolidada

Elementos da Receita (Com Bolsas)	R\$
Arrecadação	0,00
Recursos da IES: Bolsas de Extensão + Outras Rubricas	0,00
Recursos de Terceiros	0,00
Total	0,00

Elementos da Receita (Sem Bolsas)	R\$
-----------------------------------	-----

Arrecadação	0,00
Recursos da IES: Outras Rubricas	0,00
Recursos de Terceiros	0,00
Total	0,00

4. Despesas

Elementos de Despesa	Arrecadação	IES	Terceiros	Total
Bolsas - Auxílio Financeiro a Estudantes (3390-18)	0,00	0,00	0,00	0,00
Bolsas - Auxílio Financeiro a Pesquisadores (3390-20)	0,00	0,00	0,00	0,00
Subtotal	0,00	0,00	0,00	0,00
Diárias (3390-14)	0,00	0,00	0,00	0,00
Material de Consumo (3390-30)	0,00	0,00	0,00	0,00
Passagens (3390-33)	0,00	0,00	0,00	0,00
Serviços de Terceiros - Física (3390-36)	0,00	0,00	0,00	0,00
Serviços de Terceiros - Jurídica (3390-39)	0,00	0,00	0,00	0,00
Material Permanente (4490-52)	0,00	0,00	0,00	0,00
Outras Despesas	0,00	0,00	0,00	0,00
Outras Despesas (Impostos)	0,00	0,00	0,00	0,00
Subtotal	0,00	0,00	0,00	0,00
Total	0,00	0,00	0,00	0,00

Valor total solicitado em Reais: **R\$ 0,00**

Zero

A seguir são apresentadas as despesas em relação a cada elemento de despesa da atividade: Diárias, Material de Consumo, Passagem, Serviço de Terceiros – Pessoa Física, Serviço de Terceiros – Pessoa Jurídica, Material Permanente, Bolsistas e Outras Despesas. Nos respectivos quadros de despesas são apresentados itens específicos, sendo relevante destacar os campos “Fonte” e “Mês”. O campo “Fonte” refere-se à origem do recurso financeiro, podendo ser Arrecadação, IES e Terceiros. O campo “Mês” é apenas um indicativo de qual mês durante a vigência do convênio/contrato será realizada a despesa, não tendo a obrigatoriedade de realmente gastar no mês discriminado.

4.1 Despesas - Diárias

Localidade	Quant	Custo Unitário	Fonte	Custo Total
------------	-------	----------------	-------	-------------

Total		R\$ 0,00
--------------	--	-----------------

4.2 Despesas - Material de Consumo

Descrição	Quant	Unidade	Custo Unitário	Fonte	Custo Total
Total					R\$ 0,00

4.3 Despesas - Passagens

Percurso	Quantidade	Custo Unitário	Fonte	Custo Total
Total				R\$ 0,00

4.4 Despesas - Serviço de Terceiros - Pessoa Física

Descrição	Fonte	Custo Total
Curso de capacitação do grupo de oficineiros	FURG	300,00
Total		R\$ 300,00

4.5 Despesas - Serviço de Terceiros - Pessoa Jurídica

Descrição	Fonte	Custo Total
Total		R\$ 0,00

4.6 Despesas - Material Permanente

Descrição	Quantidade	Custo Unitário	Fonte	Custo Total
Enxada	7	25,00	FURG	175,00
Pá de corte	2	25,00	FURG	50,00
Pá escavadeira	1	30,00	FURG	30,00
Pá de concha	1	25,00	FURG	25,00
Carrinho de mão	1	60,00	FURG	60,00
Mangueira de jardinagem 30 m	1	30,00	FURG	30,00
Kit de jardinagem	5	15,00	FURG	75,00
Total				R\$ 445,00

4.7 Despesas - Bolsistas

Nome do Bolsista	Início / Término	Fonte	Tipo Institucional	Bolsa/Mês	Custo Total
Carlos Alberto	08/04/2011 /	PDE/FURG	IES	300,00	2400,00

Teixeira Júnior	31/12/2011				
Daniel Gonçalves Freitas	08/04/2011 / 31/12/2011	PDE/FURG	IES	300,00	2400,00
Fábio José Klafke	08/04/2011 / 31/12/2011	PDE/FURG	IES	300,00	2400,00
Maíra Salcedo de Medeiros Silva	08/04/2011 / 31/12/2011	PDE/FURG	IES	300,00	2400,00
Total					R\$ 9600,00

Plano de Trabalho do(s) Bolsista(s)

Carlos Alberto Teixeira Júnior	Desenvolvimento de oficinas
Daniel Gonçalves Freitas	Desenvolvimento de oficinas
Fábio José Klafke	Desenvolvimento de oficinas
Maíra Salcedo de Medeiros Silva	Desenvolvimento de oficinas

4.8 Despesas - Outras Despesas

Descrição	Fonte	Custo
INSS - %		R\$ 0,00
ISS - %		R\$ 0,00
PATRONAL - %		R\$ 0,00
SubTotal 1		R\$ 0,00
INSS - %		R\$ 0,00
ISS - %		R\$ 0,00
PATRONAL - %		R\$ 0,00
SubTotal 2		R\$ 0,00
INSS - %		R\$ 0,00
ISS - %		R\$ 0,00
PATRONAL - %		R\$ 0,00
SubTotal 3		R\$ 0,00
Total		R\$ 0,00

4.9 Despesas - Resolução de Destinação Específica da IES

Discriminação	Porcentagem	R\$
---------------	-------------	-----

Relato Zelly 17/05/2011

Chegamos cedo. Alongamos e trocamos ideias. Pensamos em fazer uma composteira delimitada com pedra, pegar palha e esterco. Trocamos ideia sobre consumo, sobre plantar e produzir o próprio alimento. A galera se empolgou e a criançada do recreio ajudou bastante com as pedras. Fizemos bastante coisa.

Relato Zelly 20/05/2011

Chegamos na escola às 9h e pouco e a gurizada e o Fábio estavam alongando. Foi bem tri. Trocamos a composteira desenhada de pedra para outro lugar. Desenhamos uma horta em mandala com pedra.

Pegamos bastante esterco e palha. Propomos fazer um banco de sementes e falamos sobre a horta em mandala, sobre fazer essas coisas (horta, composteira) em casa. A galera se pegou para fazer as funções. Colocamos bastante esterco nos canteiros da mandala.

Relato Zelly 24/05/2011

Cheguei no Zelly e a galera estava alongando. Alongamos e resolvemos buscar pedras e esterco para a horta mandala. Estava todo mundo empolgado na função. Demos uma revirada no esterco e vimos formigas. Rolou a idéia de colocarmos borra de café. Falamos sobre o ciclo das plantas, sobre o cuidado com as ferramentas. Alongamos novamente e ficamos trocando essas idéias. Estava bem legal, a maioria de nós está curtindo fazer o que estamos fazendo, me parece. Estou ansioso para ir ao colégio ver como as coisas vão se desenrolando.

Relato Zelly 31/05/2011

Cheguei e a galera estava alongando. Alongamos e fizemos algumas brincadeiras falando sobre os escravos e o capitão-do-mato. Ficamos um bom tempo brincando. Espalhamos borra de café na horta em mandala e colocamos as plaquinhas. Saímos e caminhamos pelo campo pegando esterco e colhendo ervas de chá. Colhemos boldo, carquejas, marcela, erva-capitão, erva-de-bicho. Achamos um pezinho de tomate e um camaradinho arrancou sem pena, sem o torrão e arrebentou as raízes. Trocamos uma ideia sobre isso e plantamos o pezinho na horta mandala. Um outro camaradinho trouxe uma mudinha de manga, que plantamos num balde, e uma de maracujá que plantamos perto da composteira. Reviramos a composteira. No fim, trocamos algumas idéias sobre o que fizemos, a gurizada que pegou as ervas se comprometeu de pesquisar para que servem. Reforçamos o pedido de que escrevam o relato do que fazemos em cada dia.

Relato Zelly 07/06/2011

O dia estava chuvoso e pouca gente apareceu. Quando chegamos a galera estava na biblioteca. Pensamos em produzir cartazes sobre as atividades que estamos fazendo e algumas outras idéias. Cada um@ foi produzindo um cartazinho e nós escrevemos um textinho sobre a composteira, a horta em mandala e a capoeira angola. Enquanto isso, trocamos varias ideias e rimos bastante. Na cozinha fizeram um bolo de chocolate e o cheiro estava muito bom, mas não podíamos comer era só para a merenda das crianças. A moça que cuidava da biblioteca, reclamava por pedirmos canetões, régua e cola emprestado. Deixamos na biblioteca os cartazinhos e o fichário que pretendemos que seja nosso diário.

Relato Zelly 14/06/2011

Cheguei eram quase 10h, depois de altas funções com a bicicleta. Levei ½ kg de trigo, 1kg de feijão cariquinho e 1 kg de feijão preto. Percebemos que a manga estava secando e nos pilhamos em fazer um telhadinho de garrafa pet. A gurizada foi atrás das garrafas e fizemos a estrutura. A galera organizou as coisas, separou os lixos. Ganhamos 2 mudas de árvores da vizinha e a gurizada achou uma muda e um monte de cebolas germinadas. Plataram várias na pétala que já tinham as mudas de pimentão. Trocamos uma ideia sobre o abono verde e as leguminosas e plantamos trigo e feijão cariquinho, tudo à voleio, e a galera jogou muitas sementes, muitas mesmo. Cobrimos a pétala com palha e já eram quase 12h. Juntamos as mãos e gritamos o Iê!

A Ju escreveu um relato e anexou ao fichário.

Relato Zelly 05/07/2011

Assistimos um vídeo chamado “Semeador Urbano” e depois produzimos textos, frases e desenhos que envolviam a temática do filme e do nosso projeto em geral. Foi bem interessante, a galera criou várias artes sobre a importância do verde (plantas, animais) no contexto urbano. Surgiram várias questões e discussões. Depois de ver o filme, escrever e desenhar fomos para a rua, pois queríamos pegar um pouco de sol. Os desenhos nós guardamos no fichário e o vídeo também. Falamos sobre o semear também outras coisas como a amizade e o questionamento. Sobre a nossa influência no ambiente que nos cerca e a relação que se estabelecem entre as coisas, mesmo as menores coisas. O vento, a água, os pássaros, cada coisa com sua importância para o ambiente em geral.

Relato Zelly 26/08/2011

Sexta pela manhã estive no Zelly junto com Matheus e Leonardo. Fomos cobrados pela galera pela terça, que ninguém foi e não avisamos nada. Porém, apesar da nossa ausência, a galera se articulou lá e fizeram um barraquinho de madeira, que parece uma "casinha de cachorro", mas está valendo a ideia. Ficou muito louco o "puxadinho", botaram até um "tapete persa". Falei com a Cledi da nossa decisão de não termos mais o encontro da terça, avisamos a criançada pela manhã também, espero que a galera da tarde tenha avisado também. Começamos a ler o zine sobre o zumbi do palmares, el@s não tavam lá muito interessad@s, mas durante algum tempo conseguimos trocar ideias massa, até um camaradinho, creio que o Jordan, estava com a ideia de fazermos um quilombo por lá. Depois el@s já estavam pela enxada e por mexer o esqueleto. Desfizemos a antiga composteira que já estava dificultando o manejo e passamos tudo para o chão, porque com o volume de composto que temos fica mais fácil de revirar, e aquela já estava comportando pouca coisa. Começamos a delimitar mais alguns canteiros para agilizarmos, visto que setembro está chegando e vai ser muito importante as atividades que vamos desenvolver, já que o "sucesso" dos nossos cultivos lá, dependem do que fizermos agora na hora certa.

El@s nos cobraram dos "passeios" e do piquenique. Então, marcamos para sexta pela manhã: nos encontraremos às 9h na escola e de lá vamos para o lago da Furg, já que el@s propuseram este local. Creio que marcamos isso porque que a galera estava querendo e são bem agilizad@s, assim, seria ruim "cortar o barato".

Relato Zelly 09/09/2011

Bom, cheguei lá 9h e estava só o Thales já indo chamar a gurizada. Mas acho que eles tavam tudo de bituca pela banda pq foi só eu aparecer que eles apareceram. Eu levei um enxada com cabo e uma sem cabo, mais uma pá sem cabo pra deixar na escola. Os guris improvisaram um cabo na pá que usamos pra pegar os esterco. Tá tudo naquela mesma sala. Não peguei o carrinho de mão pq o Fábio falou pra segurar essa mão, pq talvez conseguisse levar um lá. Bom que esteve presente foi o Thales, o outro aquele que fez o barraco que não lembro o nome, o Matheus, o Taiurgue (acho que é assim), o Jordam e o outro aquele que anda sempre com ele que também me esqueci o nome. A Xandra apareceu quase 11h só para dizer que não ia poder participar e que tinha que fazer o almoço. Bom passamos toda a manhã nas funções da horta. Eu cheguei com a proposta de pegar esterco, ampliar os canteiros e plantarmos umas sementes de milho (1 espiga do crioulo, catete amarelo) que levei. Acharam massa e começamos a função. Pegamos muitos sacos de esterco... muitos mesmo. Acho que uns 10, se pá até mais. Colocamos naqueles canteiros que delimitamos com pedras numa outra semana, e deixamos já uma cara para fazer mais uns canteiros ao lado daqueles retangulares que já fizemos.

Reviramos a composteira. Na minha opinião, tá legal de palha já naquela composteira. Eu acho também que se pá podemos pensar em deixar aquele composto descansar num lugar e começar um novo, pra não ficar um volume tão grande pra revirmos toda a semana.

Nos canteiros retangulares plantamos os milhos, só não plantamos no canteiro que fica mais pro lado ali da composteira pq faltou semente. Então aquele ainda está sem nada.

Durante todos os tramos conversamos bastante. Não éramos muitos, 7 comigo. Estavam querendo faltar aula de tarde para ir no piquenique, mas falei que era melhor não, pois seria apenas com a galera da tarde. Estavam toda hora também botando uma tal de música da "camisinha" naquelas caixas de som que eles levam. Me prestei a pegar a letra na internet e colocar aqui pra quem não conhece:

Camisinha De Sabor

Bonde da Stronda

O tema dessa música é o sexo meu "irmão", mas não pode, se esquecer de usar a proteção.

Pra tu deixar as "mulhé" molhadinha, tu tem que conhecer os tipo de camisinha.

Lubrificado ou não, pra mim tanto faz o que importa é fazer elas pedirem mais.

As mulhé que eu conheço eu como no mesmo dia camisinha preferida é sabor de melancia, de melancia elas adoram vo fala pra tu, se não aguenta na "buceta" vo mete no teu cú.

Quando o assunto é sexo, não fico enrolando as mulher gostam de camisinha de morango.

O sabor não importa não faz diferença, mas tem que ser com camisinha pra tu não pegar doença.

Elas saem correndo querendo "dá" pra você camisinha de chocolate com recheio de pavê.

Tu dá pra cocota? Tá meio enrolado?

Lança a camisinha de leite condensado.

A cocota tá nervosa! Faz ela se acalmar, lança a camisinha de maracujá.

Encharcando as cocota até de manhã

quero vê quando eu lançar a camisinha de maçã

Pra trepar comigo tem que ter disposição agora eu tô usando camisinha de limão. Já comi a tua prima agora eu quero a tua irmã com ela eu vô usar a camisinha de hortelã. Pega no meu pau e chupa minha bola, não podemos esquecer da camisinha de amora! É nósis...

Camisinha tem que ter não pode esquece é coisa essencial na hora de meter. De trás de lado seja como for, use sempre camisinha de sabor

Sexo é bom de baixo de chuva

metendo gostoso com camisinha de uva.

No meu quarto entra de roupa, e sai pelada hoje eu vou usar camisinha de goiaba.

Meu pau você chupa e minha bola você beija

que tal usarmos camisinha de cereja?
peço pra comer teu cú você diz nem rola
só se for com camisinha de acerola.
Eu meto em você e você fala me bate
amanhã nós vamos ter camisinha de abacate.
Eu meto em você até você cair
camisinha potente é sabor de abacaxi.
Sei que tu se amarrou na minha sabedoria,
estudo aprofundado no sabor da camisinha,
no sabor, no sabor da camisinha.
Como é que é?
Camisinha tem que ter
não pode esquecer é coisa essencial na hora de meter,
de trás, de lado, seja como for
use sempre camisinha de sabor!

Bom, "musicão" como vocês puderam ler... Daí ficamos trocando uma ideia. Eles ficavam toda hora falando de mulher, que pegavam e não sei o que, ou então tirando o tempo uns dos outros de "viadinho" e coisa e tal. Eu ia dando minha opinião né galera. Acho que na nossa reunião podemos tentar conversar alguma coisa sobre isso. Com a galera da manhã isso é bem explícito, eles se sentem "a vontade" (pelo menos me parece, não sei como é nas aulas, talvez também seja assim, não sei como a "escola" trata isso né...) para falar essas paradas conosco, talvez principalmente, quando se está só entre homens. Fiquei pensando bastante sobre esse lance de gênero, sobre a função da xandra ser a única mulher às vezes (na sexta ela só apareceu e já largou), e os guris ficarem sempre de "tiraçãozinha" com ela, e (menos vezes pelo que percebo) ela com eles. Creio que é um tema que podemos tentar abordar também, pensarmos em como lidar com esses papos, uma vez que eles carregam já esses "conceitos" ou "pré-conceitos", não é? É um tema para conversarmos tod@s, acredito eu. No mais foi isso, 11 e 30 eu já tava acabado de tanto carregar saco e ainda tinha que voltar de bici pra baía. Eles queriam ficar até o meio-dia, daí eu falei que eles ficassem de boa, mas que eu estava me largando. Aí uns já se foram e outros ficaram por lá mais um tempo. Foi massa.

Relato do conselho de classe: Zelly 29/09/2011

Fomos juntos, eu e Fábio, ao conselho de classe do turno da manhã na escola Zelly. Pedimos à Cledi (diretora) para participarmos por sentirmos que estávamos muito afastad@s da escola, que as professoras não conheciam o projeto e nós não estávamos conseguindo estabelecer algum tipo de contato. No conselho exporíamos um pouco as ideias do projeto, ações e planejamentos.

Chegamos na escola e fomos nos dirigindo para a sala. A Cledi já havia falado ao Fábio que o conselho de classe da escola não era uma reunião de professores para falar mal dos alunos, mas pelo contrário, tinha o objetivo de reunir propostas e soluções. Fomos com uma boa expectativa e realmente foi bem interessante o conselho. A Cledi começou dando uma breve apresentação no projeto e passou para nós falarmos. O Fábio começou falando sobre o projeto, sobre como havíamos planejado e sobre nossa disposição e necessidade em melhorar nossa relação com o corpo escolar para não ficarmos isolados, e assim resumir nossas atividades e propostas às poucas crianças (comparado ao número total de alunos da escola) que participam efetivamente no projeto. Falamos que o projeto e tudo que estamos realizando não é para nós e para o projeto, mas é uma ferramenta que tod@s da escola podem usar e cuidar, propor e construir. Comentamos que acreditamos que podemos relacionar também os conteúdos curriculares com os conhecimentos que buscamos construir, seja sobre questões interdisciplinares, ou mesmo conteúdos disciplinares.

As professoras, de maneira geral, transmitiram a opinião de que não conheciam o projeto, o que fazíamos, mas que se interessaram muito e também acreditavam que poderíamos construir boas interações de conhecimento. Propomos dar uma volta na horta e mostrar o que já construímos. Fomos tod@s lá e as professoras gostaram muito do que viram e conversamos bastante. Comentamos algumas coisas sobre o contexto da escola, do bairro. Do fato de tanto o bairro quanto a escola serem recentes e ninguém ter uma relação mais afetiva com o lugar ou com a escola. Porém, foi unânime a conclusão de que este é nosso desafio: tentar construir algo concreto que possibilite intervir nessa realidade “caótica” do bairro Cidade de Águeda.

A Cledi comentou também que poderia ser muito bom se passássemos novamente nas salas de aula para falar sobre o projeto, para incentivar outras crianças a entrarem e relembrem aqueles que estão inscritos, mas não estão comparecendo.

Uma professora, que é professora da Mariana, uma menina que participa do projeto no turno da tarde, levou uma “prova” da Mariana em que ela falava sobre a separação do lixo e a Composteira. E comentou que acreditava que aquilo era reflexo do projeto.

Relato Zelly 07/10/2011

Chegamos atrasad@s (eu e a Juliana), por volta das 10h. O pessoal estava revirando as composteiras e conversando. D@s maiores estava o Leonardo, Alisson e Matheus, e da criançada tinham 7 ou 8 (Thales, Gabriel, Matheus, Taiurgue, Jordan,...). Conversamos um pouco na chegada, para saber o que estava rolando. O dia estava muito feio, um ventão muito forte vindo de nordeste. A galera estava na função da Composteira e dei a proposta de fazermos umas “brincadeiras”. Sentamos em roda numa parte abrigada do vento e propus que relaxássemos, sentássemos confortavelmente e nos concentrássemos no barulho do vento. A criançada demorou a se concentrar, e principalmente o Gabriel, não parava de falar, fazer barulhos com o corpo ou mexer no celular-televisão. Alguns se concentraram mesmo, outros tentaram, e alguns nem isso. Fomos falando para observarem os sons, os cheiros, que fechassem os olhos e tentassem outro tipo de percepção daquele lugar. Depois deste exercício, propus que fôssemos nos levantando, mas para isso, que seguíssemos o ciclo de uma planta, desde a semente, raiz, caule, folhas, flores, frutos e novamente a semente. Novamente eles demoraram a participar do exercício, e alguns ficaram de deboche e risadinhas. Mas até que no final todos fizeram alguma coisa. Depois propus que fizéssemos uma caminhada cega, em duplas, um@ grande com um pequeno, onde um ficaria de olhos fechados e a outra pessoa iria guiar pelo espaço da horta. O objetivo era tentarmos nos localizar, (re)conhecer o espaço a partir de outros sentidos. Eu e o camaradinha que foi minha dupla fizemos de boa, foi bem legal, ele se pilhou, gostou do exercício, caminhou tranquilo. Reconheceu quase todos os lugares por onde passamos a partir do solo, das plantas que tocava, do cheiro da Composteira e etc. O Gabriel e o Thales fizeram de dupla, mas mais enrolaram do que realmente fizeram. Além disso eles andavam com uns bumerangues de “papelão” e passaram todo o tempo jogando esses bumerangues. A Juliana e o Leonardo falaram sobre o bumerangue ser uma ferramenta de caça dos aborígenes australianos. Depois disso tentamos nos reunir novamente em roda para conversarmos sobre a atividade, só que a gurizada se dispersou. Alguns demoravam a vir, estavam conversando, e nós tentando reunir todo mundo novamente. O Gabriel então apareceu com uma coleira de cachorro, não sei da onde, e falou que teria que levar o cachorro dele e a Juliana falou “então vai lá de uma vez”, e disse que ele estava só incomodando, atrapalhando o resto da galera. Ele falou “bá sora...” e saiu fora. Depois andava lá pela volta dos guris nos campos quando foram buscar palha, e estava brabo com a Juliana. Depois falei com ele e ele disse que não ia voltar, que ia fazer outra coisa, então falei que tudo

bem, mas que ele realmente estava atrapalhando o resto da galera. No momento que a Juliana falou aquilo para o Gabriel ficamos logo debatendo sobre o que tinha acontecido. A Juliana achou ruim o Gabriel e o Thales terem feito de dupla se tínhamos combinado de fazer um grande e um pequeno, e o Leonardo e o Alisson terem feito de dupla, já que não teria “pequeno” para fazer com eles. O Leonardo e o Alisson falaram que não queriam forçar os guris a fazer de dupla com eles, e que os guris já saíram os dois e eles acabaram fazendo de dupla um com o outro. Disseram também que eles falam com os guris de outro jeito. Depois disso a Juliana ficou meio triste, sabendo que realmente o Gabriel estava atrapalhando nossa organização, mas talvez tivesse sido grosseira demais.

Ainda assim, depois disso ainda plantamos várias coisas. Depois dessa troca de idéia com um clima um pouco pesado, pensamos em aproveitar a época e plantar umas sementes que o Matheus havia levado nos canteiros que já estavam preparados, mas não tinha nada plantado. Plantamos alface, almeirão, tomate, cenoura e mostarda. Enquanto uns foram plantando, outros foram buscar palha nos campos (foi quando o Gabriel encontrou o Thales, o Matheus e outro camaradinho). Depois espalhamos a palha, mas o vento estava tão forte que a palha estava voando. Quando estávamos mexendo na horta, comentei que seria bom fazermos um mapa, descrevendo aquilo que estávamos plantando, para nos organizarmos direitinho, para acompanharmos o crescimento das plantas. O Jordan já pegou um caderno e uma caneta e começou a desenhar. Logo que fez o desenho da horta, começou a planejar outros canteiros no desenho e ter várias ideias. Então surgiu a proposta deles fazerem um mapa durante a semana, para levarem na outra sexta-feira, descrevendo neste mapa aquilo que já estava plantado e dando alguma ideia que ainda não fizemos. Falamos sobre a importância de fazermos um planejamento para organizarmos nossas ações. Depois dessa proposta de tarefa, nos reunimos para dar o grito de “Iê” e fomos embora. Saímos perto do meio-dia.

Relato Cidade de Águeda 17/10/2001

Hoje saí com a intenção de conhecer um pouco mais o bairro. A ideia era encontrar alguém que morasse há bastante tempo por ali e pudesse me contar como foi o início do bairro e seu crescimento. Primeiro fui à escola conversar com a Cledi, que conhece bastante o bairro já que leciona há alguns anos na escola. Como sempre ela me atendeu muito bem. Perguntei se ela conhecia alguém antig@. Perguntei também pela associação de moradores.

Ela começou me dizendo que sabia que o bairro tinha começado no canto próximo ao trevo dos carreiros e depois foi crescendo para o lado onde é a escola. Me falou que dessas primeiras pessoas que foram construindo na parte antiga ela não conhecia ninguém. Mas conhecia o presidente da associação. Pegou então a pasta com a lista das informações d@s alun@s, perguntou para uma colega qual era o nome da filha do Elton (de Lima Veiga), presidente da associação do bairro. Evelyn era o nome dela. Achou e viu o endereço: Av. E (a mesma rua da escola) nº 276. Então ela me chamou para conversarmos na sala d@s professor@s e disse que iria me contar umas coisas sobre o Elton, só para eu saber de antemão.

Contou-me que quando ela chegou na escola, ele havia agido um pouco como “dono” do bairro e queria dar algumas “ordens” na escola. Ela, porém, “com jeitinho” foi mostrando que não era assim. Segundo ela, uma vez ele tentou “empurrar” o projeto “Segundo tempo” (que agora está sob suspeita na mídia massiva), que é um projeto financiado pelo governo federal de esporte nas escolas públicas. Logo que o projeto começou ela já percebeu que não era uma coisa séria, que vinham muitos gurus “marmanjos” da minha altura e ficavam mexendo com as crianças e não cuidavam a escola. Um dia, alguns desses falaram umas barbaridades para uma professora e deram uns cascudos numas crianças pequenas. Então, resolveu acabar com o projeto e o Elton ficou “de cara”. Mas segundo ela, hoje ele a cumprimenta. Disse que ele era envolvido com política partidária. Comentou que apenas falava aquilo para eu saber um pouco do que já havia ocorrido com ele na escola. Agradei e fui na casa do Elton.

Ele não estava em casa e sua filha comentou que ele só está em casa depois das 20h ou nos finais de semana, pois trabalha todo o dia. Perguntei se ela conhecia mais alguém que pudesse conversar comigo sobre o bairro e a filha do Elton me indicou a casa do vice-presidente da associação, o Luiz. Fui até a casa do Luiz e ele mesmo me atendeu a porta. Então me apresentei, falei que era do projeto “vivências com a terra” da escola e ele disse que

sabia. Falei que gostaria de conversar com ele, pois estava procurando alguma pessoa que fosse antiga do bairro, que pudesse me contar algumas coisas sobre o lugar, já que eu estava envolvido com a escola e achava importante conhecer o bairro, o lugar onde as as crianças, e eu agora de alguma forma, vivíamos.

Ele comentou que tudo bem, que hoje não poderia mas que poderíamos marcar um dia para conversarmos com calma. Combinamos para sexta (21/10/2011).

Perguntei-lhe se era o vice-presidente da associação. Disse que antes era, mas que estava se afastando porque era muita incomodação. Às pessoas cobravam muito dele por coisas que ele não tinha o que fazer, ninguém colaborava, só cobravam como se ele fosse o prefeito. Incomodam ele como se ele ganhasse alguma coisa pra fazer aquilo, mas pelo contrário, ele gastava com passagem para ir ao centro resolver coisas do bairro, tirava xerox de documentos, tudo com o dinheiro dele. Comentou que o Elton uma vez foi demitido da firma que trabalhava há 10 anos, e ganhou uma grana legal com os direitos trabalhistas, e muitas pessoas começaram a dizer que era com dinheiro da associação, mas a associação nem tinha dinheiro. Comentou que o Elton ainda estava mais ativo. Prometeu pegar alguns documentos do bairro, do projeto, alguns papeis da associação para eu ver. Descobri que ele é o pai da Luiza, que vai à tarde no projeto. Agradei a conversa e fui embora.

Relato Zelly 21/10/2011

Esperiei o professor Gianpaolo na Furg e fomos para o Zelly. Chegamos lá um pouco atrasados e o Alisson e o Leonardo já estavam lá, alguns dos guris também. Estavam presentes: Matheus, Thales, Taiurgui e Nicolas. Conversamos um pouco na horta mandala, eu estava querendo mostrar algumas coisas para o Gianpaolo também. Fomos nos sentar mais abrigados, o vento estava muito forte. Nos sentamos e perguntei sobre os desenhos. Eles haviam esquecido. Eu e o Leonardo não, então mostramos os nossos. Conversamos um pouco sobre os desenhos e sobre a ideia de a partir dos desenhos criarmos novos espaços, canteiros na horta. Mostrei então os livros de identificação de espécies de plantas que havia levado. Eles gostaram bastante, ficaram bem interessados nos livros. Inclusive se interessaram de conhecer a biblioteca da Furg. Falamos sobre as plantas indicadoras, plantas daninhas e medicinais. Identificamos algumas plantas espontaneas da horta, como o nabo-bravo.

Então resolvemos pegar as ferramentas e dar uma trabalhada na horta. Buscamos a enxada e as pás e começamos a capinar os caminhos e utilizar a palha para cobrir a composteira após revirá-la. Quando fomos buscar as ferramentas estava no recreio e encontramos a professora Cledi, apresentei-a ao professor Gianpaolo e ela nos disse que assim que acabasse o recreio, iria falar conosco. Quando estávamos então na capina, a professora Cledi chegou. Acabei largando as ferramentas e ficamos conversando eu, ela e o professor Gianpaolo. Foi uma longa conversa, os guris chegaram a acabar a capina e ir buscar esterco com o carrinho de mão da obra. Tinha bastante barulho da obra, chegou um caminhão com aterro, além do forte vento que fazia bastante barulho no telhado plástico rasgado na nossa casinha.

A Cledi falou um pouco sobre a escola, contou que já estava para se aposentar, achava que este seria o último ano dela. Comentou que buscam inovar bastante na escola, com relação à metodologia e às avaliações. Falou sobre o bairro, sobre o fato de terem muitas pessoas de muitos lugares e de ser um bairro bem recente, assim com a escola, que foi fundada em 2004.

O Gianpaolo comentou que gostou bastante da escola e do projeto. Também me deu boas ideias, falou sobre procurar pessoas que tenham hortinhas, que tivessem algum conhecimento sobre plantas, ervas medicinais, para fazer o contato, tentar levá-las à escola, talvez propor oficinas para as crianças com essas pessoas. Falou também sobre fazermos algumas fotos, ou mesmo um vídeo para mostrar na escola. A Cledi falou que dia 05/12

haverá uma exposição de trabalhos na escola e poderíamos expor algumas, ou mesmo um vídeo se conseguíssemos fazer. Comentou também que estão fazendo matinês às vezes aos sábados e que tem sido bem legal.

Passei nas salas novamente pra falar sobre o projeto das sementeiras. Foi bem legal em todas as turmas, sempre demonstram interesse. Naquelas que eu já havia passado, poucas crianças já haviam levado suas caixinhas. Numa sala, tinha uma caixinha com bastante areia, aí mostrei a diferença da areia e da terra preta. Fiquei sabendo também que várias pessoas de algumas turmas estavam trazendo os lixos orgânicos para a composteira.

Depois que saí das salas encontrei com os guris no pátio. Conversamos um pouco e voltamos pedalando. Foi bem legal hoje, limpamos a horta e conversamos bastante.

Com relação à horta, tem alguns milhos brotando, tomates também. Tem algumas formigas. As ervas da espiral secaram bastante, estavam bem feias. Mas agora também estou me dando conta que a espiral foi feita com o adubo da composteira, que pode não estar ainda completamente pronto e estar um tanto ácido. Regamos as mudas de árvores.

Relato Cidade de Águeda 21-10-2011

Às 14h fui novamente de bicicleta para a cidade de águeda. A primeira coisa que iria fazer era ir na casa do Luiz para tentar conversar com ele hoje, pois dia 24/10/2011 não poderei ir. Mas assim que dobrei na rua da escola, uma galera veio correndo e me parou. Percebi que os guris ainda não haviam chegado. Então fui pra escola, e a mariana estava com o irmão dela que é amigo do Alisson, da Andressa e do Daniel. Estavam ansios@s pela nossa chegada. Era em torno de 10h. Propus que nos sentássemos na sombra, eu recém tinha almoçado e estava bem cheio. Sentei e tirei os livros sobre plantas para mostrar. El@s adoraram também. Conversamos bastante sobre os livros e depois fomos para a horta identificar as plantas que estavam nascendo lá. Ficamos um tempo ali, e principalmente as gurias, estavam bem empolgadas procurando as plantas nos livros, foi bem legal.

O Leonardo, o Fábio e o Alisson apareceram. Pedi para sair, pois ainda queria passar no Luiz. Passei lá e a filha dele me informou que ele não estava e que o único dia que ele estava em casa durante à tarde era segunda e finais de semana. Pedi para avisá-lo que não poderei ir na segunda e marquei para a outra segunda para ir na casa dele.

Saí dali e resolvi dar uma pedalada pelo bairro, ir conhecendo as ruas, conversar com algumas pessoas. Passei por uma casa com algumas ervas de chá, funcho, palminha, e resolvi parar. Bati e uma senhora disse que eu voltasse outro dia, sem nem me ouvir. Não insisti. Continuei e vi uma outra casa com uns canteirinhos bem bonitos e um cara na frente e outro entrando na casa. Parei e falei com o que estava na rua, me apresentei, falei sobre o projeto e minha vontade de conhecer pessoas que fossem ali do bairro e tivessem uma hortinha. Ele comentou que o Moacir, que era o que tinha entrado é que cuidava dali, e que ele tinha uma horta na também na casa dele. Em seguida chegou o Moacir, bem sujo de cimento e tinta. Me apresentei e comecei a repetir o que havia falado ao outro (creio que era Renato, e o apelido “Torresmo”, ele é negro). O Moacir começou a falar que adorava mexer na terra, que ele tinha uma horta com bastante coisa na casa dele. Perguntei se ele vinha do campo e ele disse que sim, que era da Canguçu e que morava pra fora. Quis saber como ele havia parado ali, e ele respondeu “desse jeito”. Achei melhor não insistir, mal havia o conhecido e já queria saber tanto... Então perguntei se ele gostaria de conversar comigo, me mostrar a horta, e quem sabe fazer alguma coisa também na escola, conversar com a criançada, ou mesmo receber a criançada na horta dele. Ele falou que sim, e que poderia ir naquela hora na horta, se eu quisesse. Então fomos. Ele mora perto do posto de saúde, na rua que viemos da Furg. Creio

que sua esposa estava lá, cumprimentei-a. Fomos até o pátio, era um espaço pequeno mas muito bem cuidado e planejado. Logo se percebia que ele conhecia bem as plantas e tinha seu método de cultivo. Eram canteiros convencionais, bem capinados, com bastante variedades. A maioria das coisas estavam pequenas, alface, couve, ervilha, fava, cenoura, cebolinha, salsinha, pepino, bananeiras, uma amoreira com amoras maduras e outras coisas que posso estar esquecendo. Falou que achava muito importante ensinar essas coisas para as crianças, que já não conheciam mais as plantas, que não reconheciam, não sabiam cultivar, e esse conhecimento era importante para terem também o que comer. Conversamos um tempo sobre plantas, e me pareceu um cara com o conhecimento empírico camponês. Num momento achei que ele talvez estivesse com pressa e fui parando de perguntar coisas, mas propus nos encontrarmos para conversar. Combinamos para sexta 28-10-2011, às 14h na casa dele. Me despedi e fui embora do bairro.

Relato Zelly 04/04/2012

Cheguei na escola um pouco atrasado, às 14h e 30 min. O pessoal estava reunido no pátio conversando e se organizando. No total éramos 10 pessoas, 4 proponentes (Fábio, Matheus, Daniel e eu) e 6 crianças. Nos apresentamos, já que era o primeiro dia do recomeço do projeto e algumas crianças eram novas. Conversamos um pouco sobre os anseios e as expectativas da criançada em relação ao projeto. Todas estavam motivadas em desenvolver as atividades da horta, de plantio e etc. Deixamos tod@s a par da mudança de lugar que teríamos que fazer com a antiga horta, pois no local será construído outro prédio para ampliar a capacidade da escola. Nos foi disponibilizado então um novo local para desenvolvermos as atividades, porém temos pela frente o grande trabalho de transferir tudo. A proposta de atividade para este dia foi exatamente esta, começar o planejamento da nova horta para receber a terra adubada da antiga. Planejamos construir uma nova horta em formato de mandala, desta vez ainda maior, com um espiral de ervas no centro, para começarmos a desenvolver as atividades de plantio. Passamos toda a tarde conversando e desenhando a mandala. Conversamos sobre o significado da mandala, e nas especificidades de um plantio utilizando este formato de horta que possui uma grande relação com a trajetória solar, intercalando canteiros que pegam mais sol e canteiros que pegam menos sol. No fim, desenhamos uma mandala com 12 canteiros, como um relógio.

Durante todas as atividades, dois meninos, o Talisson e outro que não recordo o nome, estiveram brigando entre si, e principalmente o Talisson, praticamente não ajudou nas atividades. Ele ficava implicando com o outro menino e fazendo qualquer outra coisa. Apesar de constantemente estarmos convidando-o a participar, ele logo se dispersava e partia para outra.

Mesmo assim as atividades foram muito boas e nosso trabalho rendeu bastante, já que quando demos por encerradas as atividades, às 17h, estávamos com a mandala e a espiral completamente desenhadas e marcadas com pedras.

Relato Zelly 11/04/2012

Chegamos, eu e o Alisson, um pouco depois das 14h, e a criançada já estava toda reunida na porta da escola. A diretora não havia deixado elas entrarem enquanto nós não chegássemos e logo que nos viram nos cobraram pelo atraso. Não tivemos o que falar, pois realmente estávamos atrasados. Encaminhamos-nos para o pátio e começamos a nos organizar. Estavam presentes o Welerson, Alexandre, James, Emily, Mariana, Eduarda, eu e o Alisson. Tínhamos duas atividades principais para desenvolver: plantar as mudas de árvores que conseguimos e transportar a terra da antiga horta para a nova espiral de ervas. Então nos dividimos em dois grupos de atuação nestas duas diferentes atividades. Plantamos todas as mudas na volta da mandala e logo nos dedicamos tod@s no transporte da terra. A gurizada trabalhou bastante, mesmo o trabalho sendo duro e cansativo. Capinávamos com enxadas os canteiros antigos, juntávamos a terra com as pás até encher o carrinho de mão e despejávamos tudo nos novos canteiros da mandala. Além disso, combinamos de fazer um portfólio, em um caderno, onde uma pessoa a cada semana fica responsável em relatar o que foi feito durante o projeto. Nesta semana o Alexandre se responsabilizou em relatar a atividade. Tivemos que acabar as atividades, pois já estávamos tod@s muito cansad@s do trabalho, mas mesmo assim algumas crianças ainda queriam mais. Certamente, houve alguns momentos em que alguns não estavam por compartilhar as atividades. O Alexandre trabalhou legal, mas passou todo o tempo de implicância com o James. O James é que não trabalhou, nem na semana anterior nem nesta. Ele passa boa parte do tempo implicando com o pessoal, não só com o Alexandre, mas também com as meninas. O Welerson e as meninas se dedicaram integralmente no desenvolvimento das atividades e realmente trabalharam duro. Foi bem legal e produtivo. Nos reunimos no final para conversarmos brevemente, lembrando da mudança de horários do projeto, da responsabilidade pelo portfólio, e para trocarmos ideias sobre o que fizemos e o que temos em mente para fazer. Fomos embora por volta das 17h, cansad@s de tanto capinar e carregar o carrinho.

Relato Zelly 20/04/2012

Cheguei na escola às 9:20. Fui até o pátio e lá estavam o Matheus, Ane, Daniel, Shandra, Taiurgui, Tales, e um outro camarada que não lembro o nome. Tínhamos muitas coisas para fazer, pois conseguimos muita terra compostada para colocar na horta e além disso, eu tinha o compromisso de passar nos terceiros anos para começar a desenvolver o projeto das sementeiras em sala de aula. Então, conversamos sobre as atividades que tínhamos para desenvolver e logo me dirigi para minha tarefa. Não sei muito sobre o que aconteceu com o pessoal que ficou trabalhando na horta, mas em geral ficaram transportando a terra.

Sobre as sementeiras, são três terceiros anos pela manhã, e um não estava na sala, portanto só fizemos as sementeiras em dois. Na primeira turma, aparentemente a professora não estava tão empolgada com o projeto, só quatro crianças haviam levado caixas de leite e por isso fizemos uma sementeira coletiva numa caixa de madeira, já que muitas iriam ficar sem poder cuidar de uma plantinha. Nas duas salas de aula utilizei o quadro negro para colocar as principais informações sobre a planta: nome, época de plantio, tempo de germinação, transplante, colheita e os cuidados necessários. Na primeira turma plantamos Alface Quatro Estações e na segunda, Couve Manteiga da Geórgia.

Na segunda turma, a professora estava muito mais empolgada e motivada em construir o projeto. Tod@s tinham caixinha de leite e ela fez um pequeno caderno para servir de “diário de bordo”, para anotarem as transformações da plantinha.

Fomos com a criançada, uma turma de cada vez, até a horta para conhecerem, pegarem a terra para suas sementeiras e, por fim, plantar. Foi uma atividade bem legal e creio que dará resultados bem interessantes se as mudinhas realmente forem cuidadas.

O sol estava muito forte, e o pessoal do projeto estava cansado, quando percebemos que eram 11:30. Propuseram que na próxima semana fizéssemos outro tipo de atividade, que não só a da horta. Pensamos então em levar alguns instrumentos e fazer uma atividade com música. Fizemos uma conversa final, guardamos as ferramentas e nos despedimos.

Relato Zelly 27/04/2012

Cheguei na escola às 9h. Estavam presentes os seguintes estudantes da escola: Thales, Wilerson, Lázaro. Além dos proponentes Ane, Matheus, Fábio, Daniel, e eu. Entrei no pátio o pessoal estava reunido com o violão no local que está se constituindo como um espaço para sentarmos e nos reunirmos. Na realidade, são pilares de concreto que reciclamos da obra da escola e largamos no chão, eles servirão como vigas para uma bioconstrução.

Tocamos algumas músicas e alongamos na volta da horta em mandala. Como a horta tem formato circular, fizemos uma grande roda para alongar. Discutimos então quais as principais atividades para desenvolvermos durante a manhã. Sugerimos: buscarmos palha fora da escola, plantar o trigo para desenvolver um abono verde, plantar algumas mudas que o Tales trouxe de casa, regar as mudas, e ainda tínhamos que fazer uma visita às turmas do terceiro ano que estão cuidando das sementeiras.

O Daniel, o Wilerson e o Lázaro, foram com o carrinho de mão e os sacos buscar palha. O Fábio, o Matheus, a Ane e o Tales ficaram semeando o trigo, transplantando e regando as mudas e eu fui nas salas do terceiro ano acompanhar as sementeiras.

Na primeira sala que fui não havia ninguém e pegamos a sementeira feita numa caixa de madeira para levamos para a rua. Havíamos colocado-a em cima de uma classe, mas no turno da tarde todas as classes são utilizadas e não havia outro local para deixá-la. Mesmo assim fui olhar as mudas e elas estavam brotando, já estavam com as duas primeiras pseudo folhas. Na segunda sala fui recebido com muito entusiasmo pela criançada. Vários gritavam ao mesmo tempo que suas mudas tinham nascido e além disso a professora falava que os estudantes do turno da tarde haviam encharcado as mudas. Então várias crianças começaram a falar que sua muda tinha sido encharcada. Eram muitas pessoas gritando comigo ao mesmo tempo, então falei: Vamos lá ver essas mudas! E fui.

As mudas estavam muito bonitas, praticamente todas haviam germinado e todos estavam surpresos, pois eu havia dito que para germinar poderiam levar duas semanas e fazia apenas uma semana que tínhamos plantado. Disse também, que o fato de terem sido encharcadas uma vez poderia não causar nenhum dano e que somente com vários dias de encharcamento é que apodreceriam as raízes e matá-las. Aconselhei-os a observarem todos os dias se não estavam encharcando e mostrei como tirar o excesso de água sem derrubar a planta. Tirei algumas dúvidas e em seguida fui para a terceira sala. Nesta eu não havia plantado, pois na semana passada estavam na sala de vídeo e acabei não conseguindo fazer a atividade. Passei para marcar o plantio na semana que vem, dia 04-05-2012.

Voltei para o pátio e a galera da palha estava voltando com o carrinho cheio, e o pessoal do plantio e da rega já havia acabado. Colocamos as palhas por tudo e percebemos que já havíamos realizado todas as atividades antes elencadas. Fomos então carregar mais pilares de concreto, alguns muito pesados. Para isso levamos pedaços de pau e carregamos entre 6 pessoas.

Por fim lemos o diário de campo da semana passada e o Wilerson se responsabilizou de escrever e trazer na semana que vêm. Nos despedimos e fomos embora por volta das 11h30min.

Tirei várias fotos neste dia.

Relato Zelly 11/05/2012

Cheguei na escola às 9h e só o Thales estava lá. Entramos, pegamos as ferramentas e nos alongamos para começarmos a trabalhar. Pensamos que só nós dois iríamos participar do projeto. Logo chegou o Fábio, Daniel, Ane e o Nicolas. Então nos reorganizamos e levantamos as atividades do dia. Tínhamos que regar a horta, fazer algumas manutenções na composteira e em alguns canteiros e ainda passar nas turmas do 3º ano para ver como estão as mudas e fazer mais. O pessoal ficou fazendo os trabalhos na horta e eu passei nas turmas para acompanhar as sementeiras. Na primeira sala, onde poucas pessoas tem suas caixinhas e fizemos uma sementeira coletiva em uma caixa, as mudinhas das caixinhas tetrapak estavam pequenas, mas bonitas, assim como as mudas da caixa. Estamos cuidando da caixa junto à horta, na rua, pois não sobrou espaço para a caixa de madeira dentro da sala de aula. Fomos para a rua ver como estava a caixa e el@s ficaram bem felizes ao verem as mudinhas já germinadas. Na segunda turma, várias mudinhas já haviam germinado, porém algumas haviam sido arrancadas ou derrubadas pel@s alun@s do turno da tarde. Algumas crianças estavam bem tristes por terem ficado sem muda. Eu me esqueci de levar novamente as sementes, então me comprometi de levar na próxima semana para replantar com quem perdeu sua muda.

Na terceira turma, que ainda não havíamos plantado, estavam esperando ansios@s pela minha ida. Entrei na sala e escrevi no quadro algumas informações sobre a cebola crioula, que el@s plantariam. Escrevi o tempo de germinação, transplante e colheita e alguns cuidados básicos com as mudas. Depois que copiaram, conversamos sobre essas informações e várias dúvidas surgiram. Falei sobre a semente da cebola, e de como é difícil de colher e guardar suas sementes, bem como sobre o ciclo da cebola. Fiz um desenho no quadro de um pé de cebola, com a flor e mostrei a técnica do saquinho que cobre a flor para colher as sementes.

Ficaram bem impressionad@s e ansios@s para plantar. Finalmente, fomos até a horta, onde o pessoal já estava acabando as atividades. Demos uma volta na horta, mostramos a composteira, a mandala e a espiral de ervas e fomos para o plantio. Separamos uma terra de composto para encherem suas caixinhas e após fazerem isso vinham até mim pegar as sementes para semear. Depois de semear, iam até a Ane para colocar um pouco de palha sobre a terra descoberta. Ao fim tod@s plantaram e estavam felizes com suas caixinhas. Tiramos algumas fotos.

Depois que a criançada saiu já era a hora de partirmos. Como fiquei mais envolvido na atividade das sementeiras, não posso relatar o que foi conversado e feito, mais detalhadamente, pelo pessoal que estava na horta.

Relato Zelly 18/05/2012

Cheguei na escola às 9h e a gurizada estava toda na rua nos esperando, porém não sabiam que o Fábio já estava lá dentro. Entramos e o Fábio regava a horta. Estavam presentes: eu, Fábio, Alisson, Lázaro, Diego (que começou hoje), Thales, Nicolas e sua irmãzinha, Shandra, e mais um menino que chegou tarde e acabei esquecendo seu nome e também não anotei.

A horta estava muito bonita, os trigos brotando já praticamente cobriam todos os canteiros. Várias outras mudas nasciam espontaneamente, como tomates e uma batata inglesa. Na espiral de ervas, muitas abóboras brotavam. Creio que nem os tomates, nem as abóboras conseguiremos colher, porém suponho que elas representem a grande diversidade de sementes que possui o solo da nossa horta.

Pretendíamos começar a fazer a maquete, porém o Alisson se atrasou e o Fábio acabou não levando a lona que usaríamos para forrar a maquete. Conversamos sobre essa proposta e a gurizada gostou bastante. Pela primeira vez o Diego veio ao projeto. Então nos apresentamos e aproveitamos a oportunidade, levando em conta que vamos fazer uma maquete da horta, e demos uma caminhada na horta e conversamos sobre o que estamos fazendo lá. O plantio de trigo para abono verde, o uso da palha para cobrir o solo, o formato de mandala da horta, a espiral de ervas, a composteira e as sementeiras. Conversamos também sobre a relação da nossa horta com a trajetória solar e como se projeta a luz/sombra nos canteiros e na espiral.

O Lázaro levou seu violão e tocamos algumas músicas durante toda a manhã. Alguém tocava e quando acabava, largava o violão e em outro momento outra pessoa tocava. Levei sementes de cenoura e couve chinesa, além das sementes que plantamos nas sementeiras das salas de aula.

Depois da primeira conversa na horta, nos reorganizamos para as atividades do dia, que eram: regar a horta, passar nas salas para conversar com a criançada, além de ver as sementeiras e fazer mais sementeiras para as cenouras e couves chinesas. Fomos nos revezando nas atividades e realizando todas simultaneamente, não esquecendo do violão. Passei nas salas e as mudas estavam, em geral, germinando. As sementeiras que não haviam germinado, replantamos. A sementeira na caixa de madeira que estamos cuidando na rua está com muitas mudinhas. Na horta, utilizamos algumas caixinhas de leite, garrafas pet e até tijolos de seis furos como sementeiras.

Pela primeira vez, desde que começamos o projeto em 2011, ganhamos merenda. Era pão de leite com mel e suco de pó. O pãozinho estava bom, mas não gosto muito de suco de pó.

Foi bem legal o encontro, rendeu bastante e a gurizada esteve bem envolvida nas atividades. A horta está se desenvolvendo muito bem.

Relato Zelly 25/05/2012

Cheguei na escola por volta das 9h e 30min. Já estavam presentes o Daniel e a Ane (proponentes) e Thales, Bianca, Igor e Diego (estudantes). Nos reunimos para conversar e levantar as atividades para a manhã. Foram levantadas: fazer a manutenção da composteira, regar a horta, transplantar várias mudas de alface da sementeira, além de irmos nas salas onde estão sendo desenvolvidas outras sementeiras. Então, dividimos as tarefas. Passei nas salas onde está sendo desenvolvida a atividade das sementeiras. A primeira turma era a que havia plantado as alfaces na caixa e que por motivos de falta de espaço na sala, acabamos levando-a para a horta e cuidamos lá. Fomos com todas as crianças para verem suas mudas que já iríamos transplantar. Ficaram muito contentes por verem as mudas tão desenvolvidas.

Na segunda turma, as mudas ainda estão pequenas. O que acontece é que o pessoal que utiliza a mesma sala no turno da tarde está “afogando” ou simplesmente arrancando as mudas. Mesmo assim várias mudas crescem nas caixas tetrapak.

Voltei para a horta e passamos o resto da manhã regando e transplantando as mudas de alface. Não éramos muitos e haviam muitas mudas. Transplantamos para três canteiros da horta mandala.

No fim, a criançada estava muito a fim de brincar com bola. Aceitamos a proposta de jogarmos alguns jogos com bola.

Interessante ressaltar que durante o desenvolvimento de todas as atividades estivemos tratando de temas da educação ambiental, como a relação que temos com os alimentos, o envenenamento dos solos e das pessoas por agrotóxicos e as possíveis alternativas, como a que estamos desenvolvendo, de plantio de alimentos sem a utilização de nenhum tipo de insumo químico.

Fomos embora por volta das 12h.

Relato Zelly 03/08/2012

Cheguei cedo na escola, antes das 9h. Em seguida chegou o Thales, e logo o Matheus e a Bianca. A horta estava enorme, tirei várias fotos. Os trigos estavam bem grandes em praticamente todos os canteiros. No meio deles, várias mudas cresciam: alface, couve, couve-chinesa, cenoura, e outras. Na espiral de ervas cresciam muitas cenouras, bem bonitas. Tinha bastante trabalho para fazer na horta. Passamos toda a manhã desbastando os trigos para possibilitar um melhor crescimento para as mudas que estavam “sufocadas” no meio do mato. Depois ainda transplantamos algumas mudas que estavam grandes nas sementeiras. Tanto a Bia quanto o Thales falaram que não sabiam se teria o projeto e que achavam melhor nós avisarmos novamente nas salas de aula para lembrar que o projeto já havia voltado às atividades.

No fim da manhã, quando estávamos lavando nossas mãos, uma menina que estava no recreio ficou nos olhando com um olhar triste. Então perguntei se estava tudo bem e ela disse que não. Perguntei por que e ela respondeu que seu irmão estava todo machucado no hospital. Fui perguntando e ela me disse que ele tinha 6 anos e que um outro menino bateu nele com um pedaço de pau com prego. Falei algumas palavras de ânimo e logo ela saiu com o fim do recreio. Isso foi bem impactante. Logo arrumamos as ferramentas e fomos embora.

Relato Zelly 10/08/2012

Cheguei na escola um pouco antes das 9h. Fui organizando algumas coisas na volta da horta e logo chegaram o Thales e o Nicolas. Só fomos nós os 3. Eles perguntaram se não poderíamos fazer um treino de capoeira. Concordei e ficamos até às 11h treinando a capoeira angola. Fizemos um bom alongamento e vários exercícios para relaxar e soltar o corpo e a musculatura. Trabalhamos a ginga e outros movimentos como: rabo-de-arraia, meia-lua, esquiva, aú e bananeira. Eles gostaram bastante e ficaram bem cansados no final da atividade. Encerramos um pouco depois das 11h. Optei por passarmos a manhã brincando com a capoeira porque há tempos eles me pediam, foi bem proveitoso, gostei bastante também. Tanto o Thales quanto o Nicolas são negros e pensei muito na nossa situação ali, enquanto aprendizes de capoeira, buscando nossas raízes. Cheguei a me sentir como um escravo, trabalhador, morador da senzala que enquanto brinca com o corpo e com a música, também se fortalece para a conquista da liberdade.

Em um momento fomos tomar água na torneira ao lado da quadra poliesportiva onde muitas crianças estavam na hora do seu recreio. Logo que chegamos o recreio acabou e as professoras se posicionaram ao lado da quadra e ordenaram que se formassem filas. Elas gritavam muito, especialmente a vice-diretora. O Thales e o Nicolas começaram a me falar que parecia o exército. Logo em seguida vimos que uma menina que não se encaixava em uma das filas, ela era bem alta. A vice-diretora então se enfureceu e gritou muito com a menina, de uma forma extremamente violenta, grosseira e autoritária. Todos ficamos meio assustados com a atitude.

Isto me fez refletir bastante sobre a nossa postura em relação à violência e aquilo que acontece cotidianamente no ambiente da escola.

Relato Zelly 17/08/2012

Cheguei na escola por volta das 9h. Estavam presentes no encontro: Bianca, Lázaro, Thales, Nicolas, Uilson, Ane, Paula e Gustavo. Fizemos um alongamento e algumas brincadeiras antes de começarmos os trabalhos. Conversamos um pouco e logo nos chamaram para a merenda. Na merenda conversamos que seria interessante quando voltarmos, trabalharmos no transplante das mudas que ainda restavam nas sementeiras, pois, caso contrário, acabaríamos perdendo aquelas mudas. Voltamos e ficamos o resto da manhã toda transplantando as mudas. Colhemos várias folhas de couve-chinesa e regamos as mudas de árvores e os canteiros de hortaliças. A horta está bem bonita.

No fim da manhã, quando estávamos guardando a mangueira, o Uilson bateu com a mangueira na Bianca e esta se enfureceu e começou a xingar e a jogar tudo o que via pelo chão: pedras, paus, tudo. Fui logo tentar acalmá-la e foi bem difícil. Ela chegou a acertar uma pedra na grade da janela de uma sala de aula. Foi bem feio. Depois de um tempo conseguimos acalmá-la. Ela disse que ele sempre a incomoda e que não deixa assim, revida. Tentamos conversar, mas ela também não estava querendo escutar. Depois acabou se acalmando e foi embora mais tranquila.

Fiquei pensando nisso que aconteceu, no fato de lidarmos frequentemente com a violência na escola. Pensei também que conheço muito pouco da realidade de cada um@ que participa do projeto e que talvez esta atitude da menina seja uma forma dela se proteger de coisas que ela possa sofrer, como preconceito, machismo e outras violências morais. Por esse motivo, pensei em propor uma atividade para a próxima semana para buscarmos conhecer melhor a realidade cotidiana da criançada. A Ane combinou com el@s de fazer um xarope de ervas também no próximo encontro.

Por volta das 12h guardamos as ferramentas e fomos embora.

Relato Zelly 24/08/2012

Cheguei na escola por volta das 9h. Estavam presentes: Thales, Taiurgui, Uilson, Wesley, Shandra, Nicolas, Bianca, Lázaro e uma amiga da Shandra que acabei não anotando o nome. Esperamos um pouco para ver se a Anne aparecia, pois havia dito que faria uma oficina sobre xaropes medicinais. Eu estava programando uma outra atividade. Como ela não apareceu, convidei a gurizada para nós sairmos e conhecermos a casa de cada um@. Expliquei que não precisávamos entrar e demorar em cada casa, mas que passássemos e fôssemos contando um pouco sobre nossas vidas, para nos conhecermos um pouco mais.

Depois da briga entre a Bianca e o Uilson na semana passada, fiquei pensando que eu não conhecia muito sobre a vida de cada um@, exatamente onde moravam, o que faziam e etc. A gurizada gostou da ideia e passamos a manhã toda caminhando pelo bairro e conversando. Em cada casa que íamos eu fui perguntando há quanto tempo que moravam ali, se gostavam do bairro, onde moravam antes, há quanto tempo estudavam na Zelly e etc.

A atividade foi bem interessante, a gurizada estava descontraída e interessada em contar um pouco suas histórias. Falaram que mesmo já se conhecendo há anos, muitos não conheciam as casas d@s outr@s. Depois de irmos em todas as casas, nos despedimos por volta das 12h.

Relato Zelly 31/08/2012

Cheguei na escola por volta das 9h. Estiveram presentes: Thales, Nicolas, Bianca, Wesley e Uilson. Como semana passada fomos dar um passeio para conhecer as casas, tínhamos bastante trabalho na horta, já que os trigos cresceram bastante e tivemos que abrir espaço para o crescimento das outras mudas. Passamos toda a manhã capinando e transplantando algumas mudas que ainda não havíamos transplantado. Hoje o pessoal do refeitório nos chamou para merendar e pegamos lá dois sacos grandes cheios de caixinhas tetrapak de suco de 200 ml para fazermos sementeiras. A gurizada estava um pouco preguiçosa, mesmo assim conseguimos fazer bastante coisa.

As cenouras na espiral estavam bem bonitas e os trigos já espigando estavam um pouco comidos, creio que pelos pássaros.

Relato Zelly 14/09/2012

Cheguei na escola por volta das 9h. Estiveram presentes: Bianca, Anne, Thales, Nicolas, Taiurgui e Uilson. Conversamos um pouco e percebemos que as mudas de árvores estavam bem secas e que precisávamos lavar as caixinhas de suco que reciclamos. Então nos dividimos nos trabalhos, entre manutenção da horta e arrumação das caixinhas. A Anne acabou não levando as coisas para o xarope que havia falado faz algumas semanas.

No fim, fizemos o que tínhamos para fazer na horta e conseguimos lavar e cortar as caixinhas, que já estão prontas para serem usadas para as sementeiras. Por volta das 11h30 encerramos as atividades. A gurizada pediu para fazermos um piquenique na próxima semana, que será dia 28/09.

Relato Zelly 28/09/2012

Cheguei por volta das 9h e estavam tendo atividades na escola. Combinei com a gurizada de nos encontrarmos lá para irmos fazer nosso piquenique. Esperei um tempo e não apareceu ninguém. Então fui na casa do Taiurgui e depois encontramos o Uilson e a Bianca. A Bianca nos falou que o Thales e o Lázaro estavam “virando mortal” em algum campo. Em seguida chegou o Daniel. Procurei os guris pelo bairro e não achei. Fomos para a Furg, onde el@s quiseram fazer o piquenique. No caminho encontramos a Paula. Passamos a manhã comendo nossas coisas e conversando, na beira do lado. Falei com el@s sobre a possibilidade de eu não conseguir continuar indo ao projeto em 2013, e que se el@s quisessem continuar teriam que se organizar para isso. Planejamos, então, fazermos oficinas bem focadas na manutenção da horta para el@s continuarem a plantar em 2013. Conversamos bastante sobre o desenvolvimento do projeto, para saber se estavam gostando e o que gostariam de fazer nas próximas atividades e planejamos estas oficinas. Por volta das 11h30 levamos a gurizada de volta para a Cidade de Águeda e fomos embora.

Relato Zelly 05/10/2012

Ceguei por volta das 9h e a diretora avisou que a escola fecharia às 10h. Fui para o pátio e vi que haviam cortado a grama e tinha bastante palha espalhada. A gurizada foi chegando: Bianca, Lázaro, Uilson e Taiurqui. Pegamos as palhas do pátio e buscamos esterco do cavalo do Uilson. Logo já eram 10h e tivemos que encerrar nossa atividade.

Relato Zelly 19/10/2012

Cheguei na escola por volta das 9h. Estavam presentes: Thales, Nicolas, Wesley, Lázaro e Bianca. Ficamos algumas semanas sem mexer na horta e hoje quando cheguei vi que os trigos haviam sido completamente comidos pelos pássaros. Conversamos sobre isso, sobre a falta de espaços verdes no bairro e no porquê da nossa horta ser tão atacada. De um lado, porque a terra ainda está bastante degradada, e só o tempo e a dedicação na melhoria do solo é que poderá reverter um pouco essa situação. De outro lado, o fato da horta ser um dos poucos lugares com alimento abundante para os pássaros e insetos, uma vez que o bairro carece de espaços verdes. Eu levei umas sementes de feijão e algumas hortaliças.

Então falei sobre o plantio direto e o plantio em sementeiras. Capinamos alguns canteiros do trigo e plantamos o feijão à voleio e depois cobrimos com uma boa camada de palha, do próprio trigo colhido e mais aquela que juntamos do pátio. Além disso, organizamos as sementeiras em caixas de madeira e plantamos algumas. O trabalho foi bem produtivo e bem direcionado para el@s aprenderem como manter sozin@s a horta, já que estou mantendo o projeto sozinho e provavelmente não poderei seguir em 2013.

Hoje estive na escola a “Patrulha Mirim”, que parece ser um projeto do Exército com as crianças. Eles fizeram algumas demonstrações de marchas militares e cantaram algumas músicas militares e nacionalistas, de destruição do inimigo e etc. Fiquei bem indignado ao ver o que estão incentivando nas escolas e principalmente por ver que estavam incitando exatamente o oposto do que estamos desenvolvendo desde 2011 no projeto, que é a solidariedade, o apoio mútuo e a não-violência. A Bianca falou que vai participar do projeto da “Patrulha Mirim” e eu falei que não achava legal, pelos motivos que descrevi acima.

Por volta das 11h30min encerramos as atividades e fomos embora.

Relato Zelly 26/10/2012

Cheguei na escola por volta das 9h e em seguida foi chegando a gurizada. Vieram: Bianca, Lázaro, Taiurgui, Wesley e Thales. Hoje busquei focar nossas atividades nas tarefas de manutenção da horta. Trabalhamos na composteira e na sua manutenção, na pilha de palha e esterco que são importantes para a melhoria da qualidade do solo, nas sementeiras que regamos, nas mudas de árvores frutíferas que também regamos e na manutenção da horta propriamente. Capinamos mais alguns canteiros e plantamos mais feijões, que são espécies de leguminosas e que auxiliam na fixação do nitrogênio no solo, uma importante característica de solos ricos e saudáveis. A gurizada trabalhou bastante, fez muitas perguntas e em última instância, estão trabalhando nisso desde 2011 conosco, portanto já estão sabendo das principais atividades de manutenção da horta. Conversamos mais uma vez sobre a continuidade do projeto em 2013 e el@s estão dispost@s a continuarem se organizando mesmo que eu não possa ir. O Wesley está com bastante experiência nos trabalhos da horta e acho que será bem importante a presença dele para a autogestão que farão em 2013. Lá pelas 11h15min el@s pediram para jogarmos bola e ficamos até às 11h30min jogando.

Mais uma vez vi a patrulha mirim e era uma menina que parecia ser a mais velha, que comandava o resto das crianças. Ela agia de forma bem autoritária com as menores e ficaram marchando e cantando umas músicas. Uma delas era mais ou menos assim: “No campo de batalha, não se varre com a vassoura, se usa o fuzil e a metralhadora”. O que estão ensinando afinal?

Por volta das 11h30min alongamos e encerramos as atividades.

Relato Zelly 23/11/2012

Cheguei na escola por volta das 9h. Em seguida chegou: Uilson, Thales, Nicolas, Wesley, Lázaro e Bianca. A Bianca foi com um boné camuflado do exército e falou que não poderia participar do projeto hoje por tinha “Patrulha Mirim”. Fiquei pensando bastante nisso, ainda mais que ela é uma menina bem irritada, que age com muita violência quando contrariada.

As cenouras da espiral estavam bem grandes. Ficamos 3 semanas sem o projeto em função dos feriados e em outra não pude comparecer e el@s também não. Colhemos as cenouras, foi bem legal, acho que colhemos aproximadamente 40 cenouras pequenas. O pessoal do refeitório nos chamou para a merenda e levamos todas as cenouras para lá. Já que sempre ganhamos merenda, achamos que poderíamos contribuir dando as cenouras para as funcionárias do refeitório utilizarem na merenda. Conversamos novamente sobre as etapas da horta: composteira, sementeira, viveiro e os canteiros. Discutimos os métodos de manejo, especialmente esse que usamos, da agroecologia, para mantermos uma horta que não utiliza nenhum tipo de abono ou produto químico e prioriza a reciclagem dos nutrientes e materiais.

A gurizada está bem atinada. Foi bem produtiva nossa manhã. Por volta das 11h50min encerramos as atividades.

Relato Zelly 30/11/2012

Cheguei por volta das 9h e as professoras me disseram que às 10h a escola fecharia e portanto o projeto deveria encerrar neste horário. A gurizada demorou a chegar e logo já eram 10h. Tivemos que sair da escola mas ficamos na rua conversando um bom tempo. O Wesley me falou que fez uma hortinha na casa da vó dele, que tinha milho, feijão e outras coisas. Fiquei muito contente com isso e estou bem esperançoso na autogestão da gurizada na horta em 2013. Também estou incentivando bastante a organização del@s.

Hoje perguntei qual a atividade que mais gostaram. O Thales falou que eram os treinos de capoeira, a Bianca disse que quando saíamos para colher ervas medicinais no campo e o Wesley falou que foi quando saímos para conhecer as casas de cada um@. Também perguntei o que menos gostaram. A Bianca falou que era quando brigavam, o Thales disse que gostava de tudo e o Wesley falou que não gostava que o projeto era na sexta e que em função dos feriados ficamos várias semanas sem atividades neste segundo semestre de 2012. Também perguntei a Bianca por que ela participava da Patrulha. Ela disse que a mãe dela queria que ela fosse estudar na Marinha, e que ela queria ir, daí a mãe dela disse para ela ir para a Patrulha Mirim e ela foi e estava gostando. Não perguntei mais nada sobre isso, ela sabe minha opinião sobre a patrulha e está bem decidida também, para mim é uma pena.

Como a próxima semana será a última, pediram para fazermos mais um piquenique.

Por volta das 11h el@s foram para casa e eu também voltei para a minha.

Relato Zelly 07/12/2012

Cheguei na escola por volta das 9h. Esperei um pouco e vieram: o Lázaro, que disse que a Bianca não poderia vir, o Thales e um amigo seu. Não apareceu mais ninguém e fomos para a Furg. Encontramos também o Marcelo, colega do PPGEA que havia me pedido para aplicar uns questionários com o pessoal. Comemos bastante. Os guris ficaram toda a manhã “virando mortal”. Encontramos também a Juliana e nosso filhinho León, que participaram junto do piquenique. Acabamos nem conversando muito sobre a horta, mas sobre outras coisas, como a capoeira. Por volta das 11h30 levei os guris de volta para a Cidade de Águeda e nos despedimos.

Texto da Juliana sobre a “Casinha”

A falta de recursos para a realização de uma bioconstrução deu duas faces ao problema. De um lado a dramática realidade da impossibilidade de realização do projeto do grupo proponente. De outro lado, a efetivação da autonomia por parte do grupo das crianças. A “casinha” construída de forma espontânea e autogerida nos mostrou que a forma como interagimos com as crianças lhes trouxe reconhecimento e segurança para executarem o projeto de bioconstrução da maneira delas, com os recursos que dispunham.

Mesmo com a falta de pregos, a “casinha” das crianças representava uma fortaleza, pois era mais do que um frágil aglomerado de madeiras velhas. Representava a tomada da liberdade de criar, de construir, de produzir, um espaço de convivência dentro da escola, que é um lugar em que as crianças habitualmente apenas obedecem.

A liberdade, essa louca aventura cheia de riscos, é uma construção, assim como a “casinha”. Quando lidamos com a liberdade, despertamos desejos, corremos riscos, e temos que agir com responsabilidade e respeito para que o pior não aconteça. Com a “casinha”, havia o desejo de fazer uma bioconstrução. Havia o risco de repressão, de se machucarem. Houve também a responsabilidade e respeito quando começou a despencar, já que a ideia de desmontar foi consenso diante do perigo de alguém se ferir lá dentro. Mesmo sem a bioconstrução, o projeto “Permacultura na Escola”, criou sua sede nas cabeças que souberam interpretar a experiência vivida com o exercício de liberdade.

Relato escrito por Leonardo da sua experiência com o projeto “Vivências com a terra”

Relato aqui minha experiência enquanto membro do grupo de trabalho do Projeto Permacultura na Escola (PE).

O PE surgiu pouco a pouco a partir dos debates de um grupo de indivíduos que foram se agregando em função de algum nível de afinidade de idéias e interesses. Entre estes, o interesse na educação como ferramenta de transformação social, senão ao menos como catalizador dessa transformação, e, portanto, numa educação não “ideologicamente” “neutra”; pela busca de espaços para a discussão de uma ecologia mais ampla e séria do que a que concerne ao atual “capitalismo verde”, uma ecologia que levasse em conta as pessoas, as relações de poder, de trabalho (porque social); por formas efetivas de militância pró “novos” paradigmas de sociedade, libertários, horizontais; etc. De tais debates surgiu mais ou menos o esboço do que seria o PE.

A proposta foi então apresentada pelo grupo à Escola Zelly Pereira Esmeraldo, localizada em um bairro “periférico” de Rio Grande, e representada, àquele momento, por sua diretora (havia um contato prévio da parte de dois dos integrantes do grupo de trabalho do PE, que já tinham realizado outras atividades na Escola). Apesar de nessa apresentação inicial e pontual a diretora ter, para além de mostrar-se bastante receptiva, colaborado com várias sugestões e debatido realmente a proposta, quando da aplicação do projeto, este se desenvolveu praticamente sem quaisquer intervenções “externas”, fosse da direção, dos professores, etc. Se a ausência de ingerência nas atividades do PE permitiu independência na condução do projeto para seu grupo de trabalho, por outra parte se estabeleceu, não deliberadamente, um isolamento entre este e a Escola. De acordo com a própria proposta do projeto, ele deveria no entanto “ser Escola”, ser parte dela, distanciando-se de um conceito de escola estritamente “institucional”, como estabelecimento de ensino mantido pelo Estado, a oferecer a diplomação para o ingresso no mercado de trabalho, com tantos funcionários, verba de tal monta, etc., e sim afirmando a escola como um conjunto de relações daqueles indivíduos mais ou menos envolvidos em suas atividades/funções específicas, seja como pais, vizinhos, professores, e assim por diante.

Isso tudo bem cedo foi diagnosticado pelo grupo de trabalho do PE. Conseqüentemente, a solução foi buscada, discutindo-se no grupo os motivos e as estratégias para superá-los, mas, todavia, sem lograr êxito.

Passando às atividades realizadas junto às crianças, o eixo do PE era a horta, paulatinamente (até em função da má qualidade inicial do solo) construída no pátio da Escola. De nosso tempo empenhávamos a maior parte em seu cultivo, manejo e expansão. Esses momentos possibilitavam que trabalhássemos várias questões simultaneamente, seja nas conversas desencadeadas pelo trabalho, seja através do próprio trabalho manual e intelectual em si que estão implicados nas lides com o cultivo de vegetais. Valorização da terra (o que leva, necessariamente, à problematização da existência propriedade privada), noção de que por trás de seus “frutos” se encontram sempre relações de trabalho (assim como por trás de qualquer outro produto), valorização da cooperação (ao invés da competição), do trabalho – como da vida social como um todo – organizado de forma coletiva, etc.

Este é um tipo de empreendimento que, creio, dificulta uma avaliação mais profunda a curto prazo. Pode-se dizer, acredito, ainda que uma olhada desatenta sobre momentos eventuais talvez induzisse ao julgamento inverso, que os períodos que passávamos juntos, nós, grupo de trabalho do PE, e crianças, e aquilo que juntos fazíamos, “marcavam-nas” bastante (e a nós também), por vezes notando-se nelas a percepção daquela experiência como algo insólito, e que talvez por isso mesmo encantasse. Se se alcançaram parcialmente os objetivos traçados, é difícil dizer objetivamente. O que fica mais claro, mais fácil avaliar, são os malogros, notadamente na tentativa de fomentar mudanças que façam da escola uma experiência social mais ampla, que não se encerra em seus muros nem pretende ao monopólio da educação, instrumento da sociedade, e não para ela. É claro que isso não se faz da noite para o dia, mas talvez aí resida o cerne de tudo o mais.

Por fim, fica a ressalva de que tudo o que foi dito acima diz respeito, unicamente, ao primeiro ano de realização do Permacultura na Escola (ano letivo de 2011), período no qual tive a oportunidade de dele participar.